

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

YLANE PINHEIRO GONÇALVES DA SILVA

**PEDAGOGIA DO ESPORTE: UM ESTUDO
SOBRE AS INTERRELAÇÕES ENTRE A
INICIAÇÃO ESPORTIVA E O ESPORTE
PROFISSIONAL. O CASO DO
BASQUETEBOL FEMININO DO
ESTADO DE SÃO PAULO NA VISÃO DO
TÉCNICO**

Campinas
2009

YLANE PINHEIRO GONÇALVES DA SILVA

**PEDAGOGIA DO ESPORTE: UM ESTUDO
SOBRE AS INTERRELAÇÕES ENTRE A
INICIAÇÃO ESPORTIVA E O ESPORTE
PROFISSIONAL. O CASO DO
BASQUETEBOL FEMININO DO
ESTADO DE SÃO PAULO NA VISÃO DO
TÉCNICO**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Pós-Graduação da Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes

Campinas
2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

Si38p

Silva, Ylane Pinheiro Gonçalves da.

Pedagogia do esporte: um estudo sobre as interrelações entre a iniciação esportiva e o esporte profissional. O caso do basquetebol feminino no estado de São Paulo na visão do técnico. / Ylane Pinheiro Gonçalves da Silva. - Campinas, SP: [s.n], 2009.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes.

Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Pedagogia. 2. Esporte. 3. Basquetebol. 4. Esporte profissional. 5. Iniciação esportiva. I. Paes, Roberto Rodrigues. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

(asm/fef)

Título em inglês: Sports Pedagogy: a study about the relationships established between youth and professional sports - The case of female basketball in São Paulo State - The coaches overview.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Sports Initiation; Professional Sport; Sports Pedagogy; Basketball

Área de Concentração: Ciência do Desporto.

Titulação: Mestrado em Educação Física.

Banca Examinadora: Roberto Rodrigues Paes. Paulo César Montagner. Hermes Ferreira Balbino.

Data da defesa: 19/02/2009.

YLANE PINHEIRO GONÇALVES DA SILVA

**PEDAGOGIA DO ESPORTE: UM ESTUDO SOBRE AS
INTERRELAÇÕES ENTRE A INICIAÇÃO ESPORTIVA E
O ESPORTE PROFISSIONAL. O CASO DO
BASQUETEBOL FEMININO DO ESTADO DE SÃO PAULO
NA VISÃO DO TÉCNICO.**

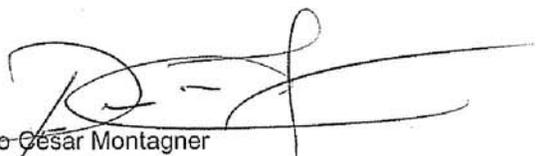
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Ylane Pinheiro Gonçalves da Silva e aprovada pela Comissão julgadora em: 19/02/2009.



Roberto Rodrigues Paes
Orientador

COMISSÃO JULGADORA

Roberto Rodrigues Paes
Orientador



Prof. Dr. Paulo César Montagner



Prof. Dr. Hermes Ferreira Balbino

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família. SEMPRE.

Agradecimentos

À minha família por tudo. Sempre.

À meu orientador, querido professor Roberto Rodrigues Paes pela confiança, pela orientação, pela força, pelo exemplo, pela “adoção acadêmica” e por ter aceitado o desafio desde a graduação até hoje;

À todos os componentes da banca examinadora - oficiais e suplentes - por terem aceito o convite, por toda a ajuda e por terem dado sentido às coisas;

Aos sujeitos da pesquisa, pois sem sua boa vontade nada teria sido realizado;

À Sr. Leandro, Rodrigo e Maria da F.P.B. pelo acesso aos registros;

Ao professor Paulo César Montagner pelo norte;

À Hermes pelos contatos, livros, força, palavras, socorro;

À Malu, que me convenceu...

Aos amigos de sempre Clau, Silvia, Vanysbaby, Isa, Tati, Raquinha, Giu, Val, Mari, Carol V., Rafa, Sil, Vanisbig, Carol G., Danilo, Alexei;

À Larissa e Henrique por toda ajuda, pela parceria, exemplo e amizade;

Aos amigos e companheiros de grupo de estudos;

Aos companheiros das viagens realizadas para as entrevistas: Tati, Vanysbaby, Clau e Rodolfo;

À Vanys, Malu e Rods, cada um pela sua ajuda especial;

À meus tios e primos “adotivos”;

À meus amigos e colegas de trabalho do Departamento de Esportes da EAC;

À meus antigos técnicos e companheiras de equipe;

À todos os professores que já tive, de todas as épocas, de todos os lugares;

À todos que sempre se interessavam e perguntavam sobre a dissertação;

À todos que de alguma maneira contribuíram para que eu pudesse completar essa etapa...

...Agradeço pela oportunidade. Espero ter contribuído...

SILVA, Ylane Pinheiro Gonçalves da. **Pedagogia do esporte: um estudo sobre as interrelações entre a iniciação esportiva e o esporte profissional: o caso do basquetebol feminino do Estado de São Paulo na visão do técnico.** 2009. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

RESUMO

Partindo da concepção de Esporte como um fenômeno de múltiplos significados e manifestações, esse estudo tem o intuito de contribuir para a compreensão do fenômeno, mais especificamente na modalidade basquetebol feminino, tendo como foco a iniciação esportiva e o esporte profissional e as relações de interdependência que podem se estabelecer entre ambos. Para tanto, a presente dissertação foi organizada em 2 momentos principais: 1) Elaboração de um referencial teórico que pudesse contribuir para a compreensão do fenômeno estudado. 2) Realização de uma pesquisa de campo, através de entrevista semi-estruturada com técnicos da modalidade, selecionados a partir dos *critérios de inclusão dos sujeitos da pesquisa*. As entrevistas mostraram que, na visão dos técnicos, atletas profissionais podem exercer influência positiva sobre aprendizes da modalidade estudada, inclusive incentivando-as ao ingresso na prática esportiva. Diante disso, a procura pela iniciação em basquetebol feminino foi relevante em municípios que sediam equipes profissionais no período estudado.

Palavras-Chaves: Iniciação Esportiva; Esporte Profissional; Pedagogia do Esporte; Basquetebol.

SILVA, Ylane Pinheiro Gonçalves da. **Sports Pedagogy: a study about the relationships established between youth and professional sports - The case of female basketball in São Paulo State - The coaches' overview.** 2009. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ABSTRACT

Considering Sport a phenomenon of multiple meanings, our goal is to contribute for the comprehension of its complexity, specifically in female basketball, focusing youth sports and professional athletes and the relationships that may be established between them. This study was organized in 2 different moments: 1) We collected information from scientific literature to help us comprehend the phenomenon Sport. 2) We interviewed basketball coaches who met the criteria established previously within the methods of the study. The interviews showed that coaches believe that professional athletes are able to influence basketball learners positively, also motivating them to start the practice of the specific sport. They also believe that cities and regions that host professional teams have more girls interested in playing basketball.

Keywords: Sports Initiation; Professional Sport; Sports Pedagogy; Basketball.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Instrumento da Pesquisa.....	134
APÊNDICE B - Tabela 1: Número de atletas atuantes entre 1999 e 2005	135
APÊNDICE C - Transcrição das entrevistas na íntegra.....	136
APÊNDICE D - Termo de consentimento e livre esclarecimento.....	155

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBB	Confederação Brasileira de Basketball
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
COI	Comitê Olímpico Internacional
EUA	Estados Unidos da América
FPB	Federação Paulista de Basketball
FEF	Faculdade de Educação Física
FIPE	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
NCAA	National College American Association
NBA	National Basketball Association
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
WNBA	Women`s National Basketball Association

SUMÁRIO

1 Introdução	23
1.1 Delimitação do Estudo	26
2 Objetivos	29
3 Referencial teórico	31
3.1 O fenômeno sócio-cultural esporte	31
3.1.1 Da iniciação esportiva	33
3.1.2 Do Esporte Profissional	38
3.2 Esporte e valores	45
3.3 A teoria do efeito imitação de José Maria Cagigal	48
3.4 Modelação no treinamento	48
3.5 Os atletas e os heróis	50
3.5.1 O mito do herói e o herói arquetípico	55
3.6 A participação dos meios de comunicação e o surgimento de heróis esportivo	58
4 O Basquetebol	69
4.1 O basquetebol no Brasil	70
4.2 O basquetebol feminino no estado de São Paulo	71
5 Processo e Procedimentos Metodológicos da Pesquisa	73
5.1 O Contexto da Pesquisa	73
5.2 A Dinâmica do Estudo	73
5.3 A Pesquisa Documental	74
5.4 Método – Análise de Conteúdo: procedimentos e contextualização	74
5.5 O Instrumento de Pesquisa	75
5.6 Estudo Piloto	75
5.7 Definição dos participantes e os aspectos éticos da pesquisa	76
5.7.1 Sujeitos da Pesquisa	76
5.7.2 Critérios de inclusão dos sujeitos da pesquisa	77
5.8 Contato com os entrevistados e procedimento de coleta de dados	79

5.9 Procedimentos de análise dos dados coletados na pesquisa	79
5.9.1 Elaboração do roteiro de perguntas	79
5.9.2 Transcrição das entrevistas	79
5.9.3 Análise qualitativa do conteúdo das entrevistas	80
6 Roteiro de Análise das Entrevistas	81
7 Apresentação e análise dos Conteúdos das entrevistas	83
8 Discussão da Pesquisa	117
9 Considerações Finais	123
Referências	127
Apêndices.....	133

1 Introdução

O presente estudo pretende proporcionar indícios que possam colaborar no sentido de se ampliar a compreensão sobre o fenômeno Esporte. E para que compreendamos os pressupostos do presente estudo, é necessário que entendamos o contexto esportivo atual. Vale também ressaltar que não tivemos a intenção de nos prender a definições únicas relacionadas ao fenômeno Esporte, mas nos ateremos principalmente às idéias da Pedagogia do Esporte e de seus estudiosos, que balizarão as discussões a que este estudo se propõe.

De acordo com Paes (2006), o esporte é um fenômeno sócio-cultural em ascensão no contexto mundial. Patrimônio cultural da humanidade que passa por um momento de valorização nos dias atuais, está cada vez mais presente no cotidiano de diferentes povos, em diferentes lugares. Os diferentes personagens atribuem ao fenômeno diversos significados, que se moldam de acordo com os cenários e contextos que os envolvem.

Segundo Gallati (2007) podemos identificar os contextos do esporte profissional, do esporte escolar, do esporte infantil, do pára-esporte, esporte para a terceira idade, como forma de lazer, entre outros. Diante disso, podemos destacar como personagens os atletas profissionais que se sustentam através do esporte, crianças, jovens e adultos que buscam aprender determinada prática esportiva, jovens e adultos que procuram especialização em uma modalidade específica. Ainda segundo a autora, essa riqueza de personagens e possibilidades nos leva à subjetividade, já que cada uma das pessoas que pratica, gerencia ou promove o esporte, pode designar ao fenômeno um significado diferente através de seus princípios, valores e objetivos.

Partindo da definição acima elaborada, este estudo intui compreender as relações que se estabelecem entre atletas e equipes de destaque e as crianças que optam por praticar uma modalidade específica. Tendo a idéia de que ídolos motivam as crianças a procurarem a prática da modalidade que competem e influenciam os aprendizes, buscamos entender que tipo de relação se estabelece entre duas fases distintas da vida esportiva, a iniciação esportiva e o esporte profissional.

Nesse contexto, a iniciação esportiva é colocada como o primeiro contato da criança com uma modalidade específica podendo, portanto, ser responsável pela permanência

(caso as experiências sejam consideradas positivas) ou abandono (caso as experiências sejam consideradas negativas) da prática esportiva pelo aprendiz. Pressupondo que, o esporte pode ser um facilitador de processos educacionais e educar para além de capacidades físicas e aspectos motores (PAES, 2001), podemos perceber a relevância que a fase da iniciação esportiva tem na vida de aprendizes que podem vivenciar no esporte contextos próprios da vida em sociedade, do convívio humano, atuando como uma metáfora de situações do cotidiano. Assim sendo, nos parece benéfico que as crianças possam vivenciar tais experiências, independentemente do significado que a prática esportiva tem para cada uma delas.

O esporte profissional, por sua vez, figura como o significado do esporte de maior visibilidade mundial. Seu alcance e conseqüente influência são de proporções mundiais e conquistam mais espaço a cada dia. Segundo Proni (2002) seu surgimento está intimamente ligado ao modo de vida burguês que se instaurou diante da Revolução Industrial na Inglaterra. Assim sendo, o fenômeno Esporte foi sendo balizado nos princípios do capitalismo como ocorre até os presentes dias e nesse contexto, o esporte profissional apresenta-se como uma mercadoria a ser comercializada de acordo com a demanda dos consumidores. Diante disso, os meios de comunicação de massa modificaram as relações que os consumidores estabeleciam com o esporte, representando o mais importante acesso ao esporte profissional. Proporcionando informações diárias sobre as modalidades, competições e atletas, os meios de comunicação são cada vez mais responsáveis pela notoriedade crescente do fenômeno Esporte, e o ídolo é seu produto. Proni (2002) afirma que o campeão, ou seja, o atleta de destaque é a referência absoluta e o modelo a ser seguido, pois é dotado da eficiência técnica que o transforma em uma máquina de produzir resultados. É também a mercadoria que assegura a promoção do espetáculo esportivo, bem como um exemplo de comportamento, sendo assim outra abrangente e relevante fase de vidas esportivas de atletas, aprendizes e espectadores.

Buscando compreender as relações que se estabelecem entre ambas as fases, procuramos compreender aspectos envolvidos nas relações entre os ídolos/heróis e as crianças, motivando as mesmas a iniciar a prática de uma modalidade específica. A idéia de idolatria vem das mais antigas e diversas civilizações e diante disso, aliando fatos históricos aos estudos da psicologia, utilizamos idéias de Jung, para compreender as possíveis ligações existentes entre seres humanos e heróis para que, posteriormente, possamos nos remeter aos atletas.

Logo após, nos utilizamos das idéias vindas das áreas de comunicação para

compreender a participação da mídia no surgimento dos ídolos e no destaque que eles recebem da mesma. Sabemos que existem muitos atletas talentosos ao redor do mundo, mas parece evidente que nós, no Brasil, jamais saberíamos dos feitos de Michael Jordan, por exemplo, ou sequer acreditaríamos se não tivéssemos a possibilidade de vê-lo, muitas vezes em tempo real, através da televisão. Assim, parece ser ainda mais evidente que os meios de comunicação exercem influência na transformação dos atletas em ídolos mundiais e que à medida que a tecnologia avança, essas situações são ampliadas e mais frequentes. Nesta fase do estudo, pretendemos compreender de que maneira este tipo de relação pode se desenvolver para que o ídolo esteja acessível aos seus fãs.

As relações entre seres humanos são, há muito tempo, temas de pesquisas e compõem um universo extremamente abrangente, podendo ser considerados e analisados inúmeros aspectos de acordo com os objetivos específicos de cada pesquisador. Diante disso, julgamos necessária uma breve discussão sobre a hipótese que levantamos previamente a realização do estudo, bem como delimitar os aspectos que desejamos contemplar no mesmo.

Cada uma das perguntas realizadas nas entrevistas teve o intuito de identificar e elucidar as relações que podem ser estabelecidas entre as atletas profissionais e aprendizas de basquetebol do período delimitado pelo estudo (1990 a 2006). Através das perguntas, objetivamos entender alguns dos aspectos que julgamos relevantes na formação do atleta e do ser humano, vislumbrando suas conseqüências na formação global do sujeito.

Diante dessa pluralidade de possibilidades, optamos por ouvir técnicos ao invés de atletas ou fãs, pois desejamos obter uma visão de indivíduos que participaram do processo, no entanto sem estar envolvidos pela passionalidade do fã e pela participação ativa do atleta. Assim sendo, os técnicos se apresentaram como observadores, e possivelmente como participantes que construíram, conduziram e até mesmo se utilizaram das possíveis relações estabelecidas em seus processos de treinamento de forma crítica e profissional.

Em sua tese de doutorado, Balbino (2005, p. 176) entrevistou técnicos das seleções nacionais de diversos esportes coletivos (na época da realização do estudo) e concluiu através de suas entrevistas que os procedimentos com um atleta ou equipe podem ter significados para toda a vida daquelas pessoas. Assim sendo, afirma que os aprendizados podem refletir nas histórias de vida de aqueles que os vivenciam, podendo até mesmo influenciar nas vidas de pessoas ligadas ao convívio daqueles sujeitos que conseguem modificar ambientes através das

metáforas da vida que o esporte proporciona. De acordo com o autor, os modelos esportivos passam a ser imitados por aqueles que os idolatram em gestos esportivos, vestimentas e até mesmo em ações da vida cotidiana. Sobre isso, ele ainda escreve:

[...] muitas pessoas passam a imitar seus modelos em gestos inseridos na prática da modalidade ou mesmo em vestimentas, ou o que é mais importante na visão pedagógica, passam a repetir de seus heróis esportivos as atitudes na vida cotidiana que revelam valores humanos em diversos tipos de ações. (BALBINO, 2005, p.175)

Na visão dos técnicos entrevistados por Balbino (2005), os diferentes significados do esporte (profissionalismo, educação, ou participação), vislumbram o desenvolvimento dos mesmos elementos constitutivos, como a integração, a educação, valores humanos, cidadania, entre outros.

1.1 Delimitação do Estudo

O presente estudo teve como delimitação de cenário, o estado de São Paulo pela experiência da pesquisadora nesse ambiente, que vivenciou muitas das mudanças que foram ao longo do tempo transformando o basquetebol paulista. Não obstante, o estado de São Paulo apresenta-se como o centro brasileiro do basquetebol desde sua chegada ao país. Dados da Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB) mostram que o Campeonato Nacional teve desde seu início em 1998, como maioria, equipes paulistas, até a presente edição de 2008. Durante esses 10 anos de existência, o Campeonato Nacional Feminino organizado pela CBB teve mais equipes participantes do Estado de São Paulo do que de qualquer outro estado brasileiro, vencendo a maioria das edições. Assim sendo, as atletas consideradas ídolos na modalidade em questão atuaram em equipes paulistas durante grande parte de suas carreiras, fazendo o cenário escolhido propício para a investigação a que o estudo se propõe.

Delimitamos ainda o ambiente específico de estudo, já que existem diversas possibilidades de atuação de técnicos e aprendizes de basquetebol feminino. Diante disso, devemos considerar que estudar a influência do esporte profissional na iniciação esportiva nos remete a amplas possibilidades de ambientes a serem pesquisados. Demartini, Lang (1985)

identificaram esses ambientes como:

Educação formal ou escolar: aquela que se realiza através de agências tecnicamente orientadas para esse fim, as “escolas”.

Educação não formal: ou extra escola: corresponde a qualquer atividade educacional organizada e sistemática, fora do sistema formal de ensino, voltada para clientela mais ampla que a dos jovens, e visando fornecer tipos selecionados de conhecimentos a grupos particulares de população.

Educação informal ou difusa: corresponde ao processo de socialização que se realiza ao longo de toda a vida, em casa, no trabalho, no lazer ou por outras vias, e que não é especificamente organizada para propósitos de aprendizado.

Dessa forma, considerando estas definições e buscando determinar o campo de abrangência dessa pesquisa, também definimos a educação não formal como principal ambiente para a realização deste estudo. Pretendendo-se buscar dados sobre o basquetebol feminino nas instituições que se enquadrem nessa classificação, procurando entender este fenômeno através do ponto de vista dos técnicos que acompanharam, gerenciaram e conduziram as relações que se deram entre as atletas profissionais e aprendizes esportivas da modalidade.

2 Objetivos

2.1 Objetivo Geral

- Refletir acerca da existência de inter-relações entre aprendizas e atletas profissionais, no processo de iniciação esportiva – basquetebol feminino.

2.2 Objetivo Específico

- Analisar, com base na literatura e nos dados coletados através da pesquisa de campo, influências relativa à prática do basquetebol feminino no estado de São Paulo.

3 Referencial teórico

3.1 O fenômeno sócio-cultural esporte

A ciência encontra-se em constante evolução, por representar algo que busca sempre solucionar problemas surgidos ao longo dos passos da humanidade. Os problemas mudam, as realidades também mudam, trazendo a necessidade de que a ciência vá se adequando às mesmas, de maneira a nos alimentar com informações atualizadas e necessárias aos novos contextos que vão surgindo. Diante disso, a Pedagogia do Esporte é um ramo das Ciências do Esporte que vem crescendo e se destacando a cada dia. Por ser uma linha de pesquisa abrangente, traz diversas possibilidades de investigação e amplos significados para as mesmas, tendo sempre um objeto comum de estudo: o esporte.

O esporte surgiu de práticas inglesas de tempo livre e foi sendo modificado, adaptado, disseminado e internacionalizado pelos personagens de cada uma de suas fases, e até hoje vem sofrendo adaptações a todo o momento. É um fenômeno sócio cultural que ocupa lugar de destaque no cenário mundial atual. Sua notoriedade e popularidade ficam evidentes quando pensamos nos meios de comunicação que noticiam diariamente os eventos e feitos desportivos e na quantidade de pessoas que os mesmos atingem. Sabe-se também que o Comitê Olímpico Internacional (COI) responsável pelo movimento olímpico, pela organização dos Jogos Olímpicos, entre outros, tem comitês olímpicos afiliados que representam 206 nações, enquanto a Organização das Nações Unidas (ONU) responsável por manter a paz no mundo, fomentar relações entre as nações, promover progresso social, melhorar as condições de vida e regulamentar e fiscalizar os direitos humanos tem 192 nações afiliadas.

De acordo com Galatti (2007, p.25),

O esporte influencia diversos setores da sociedade e é também influenciado por estes, de forma a manifestar-se em diversos contextos: profissional, lazer, para deficientes, idosos, escolar, iniciação, entre outros. Certamente, a cada um destes contextos cabe estabelecer um cenário, destacando os personagens que os constroem e os significados que se evidenciam acerca do esporte.

Segundo Galatti (2007) o *Esporte Profissional* refere-se ao exigente nível de rendimento obrigatório, que gira em torno da determinação de campeões e do estabelecimento de

recordes. A espetacularização do esporte e a multiplicação de finanças são também componentes presentes nessa contextualização do fenômeno. O *Pára-Esporte* por sua vez, é destinado àqueles que apresentam algum tipo de deficiência e pode ser praticado como reabilitação, forma de lazer ou profissionalmente, sendo também conhecido como “Esporte Adaptado”. No que diz respeito ao Esporte Escolar, a autora ressalta duas perspectivas. A primeira delas diz respeito ao esporte na escola, que se refere à possibilidade de existência de aulas esportivas extracurriculares; a segunda está relacionada ao esporte como conteúdo da Educação Física, presente no currículo juntamente às lutas, ginástica, dança e jogos. Existe ainda Esporte para idosos cuja demanda tem aumentado graças ao aumento da expectativa de vida da população de uma maneira geral. É praticado como forma de lazer, de socialização e com fins competitivos. Por fim, o contexto da Iniciação Esportiva fora do ambiente escolar, que se realiza em clubes, academias, associações, e prefeituras, ao qual o presente estudo se refere.

A autora defende ainda que o fenômeno também está presente em diversos setores da ciência, entre elas o marketing esportivo, a medicina do esporte, a engenharia de equipamentos e produtos esportivos, sociologia do esporte, entre outros.

De acordo com Bento (1999) o esporte representa um fenômeno social e expressão de cultura de toda uma sociedade no que diz respeito a práticas sociais, só ficando atrás do trabalho. Afirma que o esporte teve seus antecedentes propostos através de um modelo rígido e hegemônico que girava em torno da juventude, masculinidade, força, entre outras. Discorre ainda que ao longo dos anos, tais perspectivas foram sendo transformadas e atualmente o cenário aponta para um futuro de práticas que explorem sua pluralidade, balizada em princípios da excelência na qualidade de vida e do homem em todas as condições. Segundo ele de um desporto de rendimento e espetáculo do fim de semana evoluiu-se para uma cultura do cotidiano.

Diante de tamanha relevância o esporte apresenta múltiplos significados, sendo eles: o Esporte como forma de lazer, podendo ser admirado e assistido, bem como praticado em tempo livre; o Esporte Profissional, considerado profissão, como o próprio nome diz, o Esporte como conteúdo da Educação Física Escolar, entre muitos outros que podem derivar destes. Segundo Paes (2006) tal fenômeno passa atualmente por uma fase de transição. Muitas vezes já foi, e ainda é tratado de forma simplista e periférica, utilizado como um fim da aplicação de seqüências pedagógicas que se baseavam na reprodução de gestos técnicos provenientes da decomposição de movimentos relacionados a modalidades esportivas. No entanto a realidade atual nos leva a necessidade de enxergar novas perspectivas e possibilidades relacionadas ao

esporte, e a Pedagogia do Esporte pode dar conta das mesmas. É possível e necessário que o esporte seja visto agora como um fenômeno sócio-cultural caracterizado por múltiplos significados e também por sua complexidade.

Considerando as idéias de Paes (2006) durante as práticas esportivas as atenções devem ser centradas em quem joga, e não exclusivamente no jogo e diante disso o fenômeno em questão pode adquirir, a cada dia, diferentes significados que sejam coerentes e condizentes com a realidade de cada um que joga. Os Estados Unidos (EUA) e a Maurîtânia (na África) são dois exemplos de nações membros do COI. A realidade vivida pelos americanos seguramente não é a mesma que a vivida pelos Maurîtâneos, e certamente os significados que o esporte tem nos EUA são diferentes dos encontrados na nação africana. Remetendo essa reflexão a um âmbito mais específico, nem é necessário que se pense em outras nações. Se o Brasil fizer parte dessa reflexão facilmente serão encontradas diferentes realidades num mesmo estado e até mesmo num mesmo município. A cidade de São Paulo, por exemplo, a maior e mais rica cidade do país, apresentou na última pesquisa realizada da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), no ano de 2003, 10.339 moradores de rua. Nessas realidades tão diferentes, seguramente o esporte, assim como vários outros fenômenos, adquire os mais distintos significados.

No entanto, por mais distintos que esses significados sejam, estão sempre relacionados uns aos outros, já que atendem a um mesmo fenômeno. Neste estudo serão reservados olhares a dois dos significados possíveis: a iniciação esportiva em ambiente de ensino não formal e o esporte profissional.

3.1.1 Da iniciação esportiva

Considerar o esporte um fenômeno sócio-cultural, é uma questão contemporânea e envolve uma série de mudanças tanto conceituais como práticas relacionadas ao tratamento dado ao mesmo, mas que nem sempre é vista e aplicada por aqueles que atuam na prática diária nos ambientes que oferecem a iniciação esportiva nos ambientes de ensino não formal como clubes, associações, academias, prefeituras, entre outros. Nem sempre os mesmos têm conhecimento das discussões envolvidas nesse tópico no que diz respeito a seu caráter pedagógico e sua utilização como facilitador de processos educativos, de formação e seu papel

social. Assim sendo, nos utilizaremos de alguns autores para ilustrar os contextos em que tais discussões se desenvolvem.

Segundo Santana (2006) ao longo da história da Educação Física no mundo, a esta foram atribuídas diversas funções. Promover e manter a saúde, capacitar e preparar indivíduos para um determinado fim, desenvolver as capacidades físicas e habilidades motoras em seus praticantes, competir, e até mesmo encontrar atletas olímpicos já foram e ainda são considerados por muitos, objetivos isolados da Educação Física e a iniciação esportiva, e realmente o são, entre outros. Entretanto, se a Educação Física for considerada única e exclusivamente para esses fins, torna-se possível identificar a caracterização de um paradigma reducionista, que despreza as possibilidades educacionais do esporte e o reduz a evento. O autor defende a idéia de que as crianças devem vivenciar uma educação física que possua um equilíbrio pedagógico entre o racional e o sensível, que valorize a aprendizagem da autonomia e em detrimento das metas de treinamento e rendimento pré-estabelecidas.

Defende ainda que, no período de iniciação, não se deve seguir a “receita esportiva” passo a passo para que, ao final do processo, se tenha em mãos um atleta profissional. O esporte profissional não deve ser considerado ponto final de um processo, representando o fracasso daqueles que não conseguem atingir esse ponto, desrespeitando as diferenças e elegendo os resultados a curto prazo como seus métodos de avaliação. Neste sentido, Santana (2006) preconiza o abandono dessa visão simplista, tradicionalmente enraizada na Pedagogia de Esporte atual, e defende o caminho percorrido através da complexidade. Segundo o autor a complexidade é caracterizada por um conjunto de ações, interações e sentimentos que ampliam os horizontes para além da racionalidade, apontando para a necessidade do tratamento humano dado aos iniciantes no esporte. A Pedagogia do Esporte na iniciação esportiva deve ser pautada nos pressupostos de que:

[...] A criança que se interessa por esporte é a mesma que se relaciona com os amigos, com a família, com a escola, que tem necessidades de brincar despreziosamente, de se divertir, de ser aceita, de transpor limites, que imaginava ser esse ou aquele craque, que tem desejo de jogar, que precisa aprender a conviver, a cooperar, e a construir autonomia. Portanto, a criança que faz esporte não é apenas o atleta em potencial que alguns procuram, pois acalenta em si e fora de si uma sociedade de fatores que nem sempre atenderão os desejos unilaterais de um pensamento simplista. (SANTANA 2006)

Paes et. al (2006) afirmam que o esporte faz parte da cultura infantil que, muitas vezes, os ambientes de ensino não formal proporcionam a criança o primeiro contato com uma

modalidade específica. Defendem a idéia de que os fundamentos, regras e características do esporte devem ser apresentados às crianças de maneira simples, gradual e com níveis de complexidade correspondentes as possibilidades das crianças iniciantes dos processos. Diante disso, o esporte na infância deve ter caráter educacional e concomitantemente ser prazeroso, merecendo um tratamento pedagógico adequado e coerente com as características de cada uma dos alunos. Os autores afirmam que tais práticas, aliadas à compreensão das limitações e necessidades das crianças, podem trazer benefícios de natureza afetiva, social, cognitiva, motora e educacional de uma maneira integral.

Paes et. al (2006) defendem que os benefícios que podem ser proporcionados pela iniciação esportiva estão intimamente ligados aos procedimentos e intervenções pedagógicas utilizados pelo professor (chamado por eles de técnico-professor). Segundo os autores é necessário que o aluno seja o sujeito do processo de ensino-aprendizagem e que este esteja voltado para que o aluno possa experimentar o jogo e adquirir o prazer de participar do mesmo, descobrindo o valor de seus colegas, seu professor, e de si mesmo. Diante do exposto, destacam para a iniciação esportiva os seguintes objetivos: desenvolver habilidades motoras básicas e específicas e as capacidades físicas (coordenação, força, resistência, velocidade e flexibilidade); desenvolver técnica e tática da modalidade em questão; estimular as capacidades cognitivas; despertar o prazer e o interesse pelo esporte como praticante, espectador e até mesmo consumidor do esporte (o que poderá gerar um contato com o esporte ao longo de sua vida); estimular a discussão e transformação e valores; possibilitar o desenvolvimento da auto-estima, tomada de decisão e autoconfiança, entre outros.

Segundo Paes et. al (2006) destaca, o caráter educacional deve ser atribuído à iniciação esportiva, sendo seus preceitos balizados no pressuposto de que a mesma representa o primeiro contato do aluno com a prática de uma modalidade específica do esporte, tendo um objetivo educacional e de formação integral do ser humano. Por esse motivo, torna-se possível voltar-se à origem do esporte, o jogo, no qual as regras podem ser adaptadas de acordo com o grupo que se propõe à prática. Assim sendo, a autora discorre:

A iniciação esportiva é o primeiro momento de contato do aluno com a prática específica do esporte, caracterizando-se pelo objetivo educacional, de formação integral do ser humano a fim de contribuir para o seu desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social. Apresenta em sua prática o retorno à sua origem, ou seja, ao jogo, onde as regras deixam de ser pré-determinadas e passam a ser flexíveis, podendo ser construídas em cada grupo onde determinado jogo é praticado. Preocupa-se em oferecer ao aluno o

máximo de estímulos possíveis em um ambiente aberto à experimentação e vivência tanto de movimentos como de relações inter-pessoais, com valores para o convívio em sociedade e relações intra-pessoais, envolvendo a autonomia, tomada de decisão e auto-estima. (GALATTI, 2006, p. 26).

Diante disso a autora, em sua nova obra em 2007, ainda cita algumas funções, que atribui à iniciação esportiva, destacando que as mesmas não são excludentes, e sim, complementares: desenvolver habilidades motoras gerais e específicas, capacidades físicas, a lógica do jogo, técnica e tática, estimular as inteligências múltiplas, despertar o prazer pelo esporte como praticante e espectador, promover a discussão e formação de valores, estimular aspectos da personalidade, estabelecer relações pessoais de valor e metáforas com a vida.

Bompa (2002) afirma que a iniciação esportiva deve ter um caráter de generalidade, através de jogos, exercícios, equipamentos e regras adaptadas estimulando estratégias, técnicas básicas e concentração. O aprendizado experimental deve ser encorajado, através da possibilidade de construção dos seus próprios exercícios, atividades e jogos. A ética e o jogo honesto também devem ser prioridade nessa fase, bem como o desenvolvimento multilateral e das habilidades esportivas fundamentais.

Paes é outro autor que desde a década de 80 desenvolve estudos sobre a iniciação esportiva, tornando-se referência nesse assunto. Em um estudo publicado em 2005, destaca quatro pontos para a elaboração de práticas pedagógicas que devem ser norteadores das aulas de iniciação esportiva. O primeiro deles é a *Diversificação* dos movimentos, aquisição e desenvolvimento de habilidades motoras. A segunda trata da *Inclusão* de todos nas atividades físicas. O autor defende a idéia de que na prática esportiva contemporânea não há mais espaço para a exclusão, pois esta caracteriza um equívoco. Diante disso, afirma que a iniciação esportiva deve trabalhar no sentido de superar todas as situações de exclusão.

A *Cooperação* é o terceiro item nos apontamentos do autor, especialmente nas modalidades coletivas, unindo as ações individuais numa transferência coletiva, em benefício do grupo. O quarto e último ponto preconizado por Paes (2005) é a *Autonomia*. Segundo ele, a iniciação esportiva deve também priorizar a possibilidade do aluno conhecer, tomar gosto e escolher uma prática esportiva de acordo com seu desejo e interesse.

Nesse contexto, para que os princípios supracitados possam ser aplicados com sucesso, o autor enumera outros apontamentos que devem balizar o planejamento das aulas. Assim sendo a definição da modalidade a ser ensinada mostra-se de extrema relevância na

organização do processo de ensino-vivência-aprendizagem. Posteriormente, devem ser definidos o ambiente onde tal processo ocorrerá e os personagens que participarão do mesmo. A possibilidade de realização do processo em diferentes instituições de ensino formal como escolas, e não formal como clubes, academias, núcleos de prefeituras, entre outros, proporciona a diversificação dos personagens que participarão das aulas. Assim sendo, também deve ser destacado o significado da referida prática esportiva que pode ser atribuída a um momento de lazer, ter fins mercadológicos ou como um dos conteúdos da Educação Física Escolar e dependerá do ambiente em que a mesma ocorrer e dos personagens que participarem do processo de ensino-aprendizagem.

Buscando diferentes contextualizações e vivências, aproximamos a discussão da cultura esportiva norte-americana baseados na investigação de Seefeldt, Ewing (1996). De acordo com os autores, as práticas esportivas na infância, nos Estados Unidos, eram inicialmente realizadas em clubes privados, os YMCA's e nos clubes de escoteiros, que ofereciam opções de atividades físicas desvinculadas do caráter esportivo. No entanto, a partir de 1954, iniciou-se um movimento que proporciona atividades físicas institucionalizadas, nos mesmos modelos oferecidos aos adultos, o que provocou um aumento na demanda e na participação de crianças em atividades físicas. Nesse contexto as atividades passaram a ser oferecidas não só pelos clubes, mas também através de agências que patrocinam eventos e aulas de esportes, programas recreacionais, interescolares, entre outros. Os autores americanos, atribuem aos programas esportivos algumas funções que divergem das atribuídas pelos autores supracitados e, por conseguinte, julgamos interessante enumerar as mesmas já que se tratam do primeiro contato da criança com as modalidades esportivas específicas, embora a terminologia “iniciação esportiva” não seja utilizada.

Seefeldt, Ewing (1996) afirmam que o envolvimento de crianças em atividades esportivas pode proporcionar benefícios na saúde dos participantes através da redução de ansiedade e estresse, da melhoria da auto-estima e dos níveis de colesterol, entre outros. Pode também proporcionar benefícios sociais e morais, já que propiciam situações e demandam comportamentos próximos aos necessários na vida em sociedade. Os autores defendem a idéia de que tais efeitos benéficos dependem de quem trata do esporte e do tipo de tratamento dado ao mesmo bem como da maturidade das crianças para cada fase de aprendizado. Para tanto preconizam, entre outras idéias, que as crianças devem, na fase correspondente ao que nós

chamamos de iniciação esportiva, ser expostas a variadas experiências relacionadas a esportes, e que o ensino deve ter prioridade sobre as competições.

3.1.2 Do Esporte Profissional

O esporte profissional pode ser considerado um dos múltiplos significados do fenômeno esporte, sendo talvez o mais difundido de todos eles. Interpretado de diferentes maneiras, o esporte profissional também tem seus múltiplos significados, que se apresentam de acordo com a vivência de cada indivíduo e com a relação que cada um construiu com o esporte. Esporte de rendimento, esporte de alto nível, esporte espetáculo e esporte de elite são alguns dos nomes dados a esse significado, que se refere ao esporte profissional, àquele que é praticado por atletas que recebem salários para treinar e competir, que envolve aspectos mercadológicos relacionados a patrocínios, imprensa, status, notoriedade nacional e até mesmo internacional.

Entretanto, nem sempre o profissionalismo esportivo teve o destaque que tem atualmente e diante deste fato, nos propomos aqui a uma breve reflexão sobre o esporte profissional, baseada nas idéias de alguns estudiosos do tema. Sendo assim, utilizamos aqui palavras de Gebara (2002, p. 6) para ilustrar o cenário em que o esporte profissional se encontra atualmente:

[...] O esporte moderno é um objeto em constituição, ele não está ainda constituído a ponto de permitir sua compreensão com base em um modelo de análise preconcebido, não obstante serem, os modelos de análise fundamentais para o desenvolvimento problematizador do tema.

Assim sendo, optamos por uma discussão de fundo histórico, a partir da constituição do esporte, no século XIX. Ainda de acordo com o autor, esse tipo de análise pode nos ajudar a compreender melhor todo o processo e os motivos que levaram o esporte a seu panorama atual.

Ainda na busca de uma compreensão ampla sobre o assunto tratado, buscamos em Proni (2002) e em sua análise dos estudos de Brohm (1982) alguns conceitos e idéias relevantes para tal. Proni (2002) afirma que para Brohm (1982) a origem do esporte se deu na

Inglaterra em decorrência da consolidação do modo de produção capitalista e do Estado burguês, surgido através da Revolução Industrial. Essa mudança ideológica repercutiu nas mais diferentes atividades dos cidadãos inicialmente ingleses e posteriormente em todo o mundo, paulatinamente modificando os hábitos e costumes da época. A liberdade, o surgimento do tempo livre, a fluidez de mercado e o livre intercâmbio de idéias promovem a atmosfera que torna possível o surgimento e permanência do esporte no cotidiano burguês. Nesse contexto, o esporte foi quase que imediatamente inserido na lógica capitalista e mercantilizado através de diferentes práticas elitistas e posteriormente de maneira um pouco menos excludentes. Segundo Proni (2002) as corridas de cavalos foram as progenitoras das relações produto-consumo através das apostas. Tais práticas passaram a possibilitar o aperfeiçoamento dos métodos de treinamento que posteriormente começaram a ser aplicados em corridas a pé e em outros tipos de competições físicas, conforme foi sendo desenvolvido o esporte patrocinado e mediante indispensável participação da aristocracia. Novas modalidades esportivas foram desenvolvidas posteriormente, entre 1860 e 1900 e simultaneamente o império britânico difundiu os esportes de sua aristocracia e de sua burguesia industrial. Sobre tal cenário, Proni (2002, p. 38) discorre: “a era do imperialismo, o intercâmbio de mercadorias, e de capital e os fluxos de trabalhadores, tiveram como consequência o intercâmbio de idéias e a difusão de práticas esportivas”.

Tais condições foram, aos poucos, possibilitando a massificação do esporte que, passou de uma prática exclusivamente masculina e burguesa a uma prática massificada, possível também a proletários e mulheres, ainda que com restrições e diferenciações. Concomitantemente, o cenário sócio-político mundial foi sendo modificado, nações foram se fortalecendo, e as divergências se acentuando. De acordo com Gebara (2002) tais movimentos provocaram a necessidade de constituição de identidades nacionais, em detrimento das regionais e locais e o esporte foi aos poucos acompanhando essas tendências. Relevante momento que ilustra esse período foi a criação dos Jogos Olímpicos modernos em 1896, que traziam de volta as antigas competições gregas entre as Cidades-Estado, na versão moderna, ocorridas entre as nações que se estabeleciam, se organizavam e se afirmavam naquele período.

Segundo Capinussú (2007) duas reuniões importantes antecederam os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna realizados em Atenas. A primeira delas ocorreu em 1893 e a segunda em 1894. Dessas reuniões resultou, posteriormente, a criação do Comitê Olímpico Internacional (COI) e já na primeira sessão houve a tentativa de caracterização do Olimpismo,

seus preceitos como os mesmos dialogariam com os contextos sociais e políticos daquele momento. Nessa perspectiva, um dos assuntos considerados relevantes a serem discutidos era o amadorismo. Entre os itens postos em discussão, encontravam-se:

3. É justo manter uma distinção entre os diferentes esportes desde o ponto de vista esportivo, especialmente as corridas de cavalos e o tiro aos pombos? Pode o esportista ser amador em um desporto e profissional em outro?
4. Valor dos objetos de arte entregues como prêmio. É necessário limitá-lo? Que medidas devem ser tomadas contra aquele que vende um objeto de arte obtido como prêmio?
5. Legitimidade dos recursos procedentes da admissão à competição. Pode este dinheiro ser repartido entre as sociedades esportivas ou entre os competidores? Pode servir de indenização para o deslocamento das equipes? Até que limite podem ser indenizados os jogadores, seja por sua própria equipe ou pela equipe adversária?
6. Pode ser aplicada a todos os esportes uma definição generalizada? Há restrições especiais referentes ao ciclismo, remo, atletismo, etc.?
7. Sobre as apostas. São compatíveis com o amadorismo? Meios para deter sua expansão. CAPINUSSÚ (2007, p. 52).

Percebe-se assim que existia preocupação por parte dos responsáveis pela criação dos Jogos Olímpicos da era moderna com o profissionalismo que, já na época, assediava os atletas que competiam e que possivelmente estariam presentes na citada competição. Conforme observado anteriormente, a relação entre esporte e lucros existe praticamente desde o surgimento do fenômeno em questão, mas essa prática, no entanto, era abertamente condenada no que dizia respeito aos mesmos. Rubio (2002) ressalta que o esporte era inicialmente praticado com exclusividade pela aristocracia e somente com a ascensão da burguesia pôde passar por transformações e posteriormente por uma proliferação possibilitada também pela revolução industrial, a redução nas jornadas de trabalho e modo de vida burguês. Nesse contexto, não se permitia aos atletas que tivessem o esporte como meio de subsistência. Ainda segundo a autora, o amadorismo era um dos ideais mais defendidos pelo Olimpismo e constava na Carta Olímpica, documento que regia e regulamentava a organização da reedição dos Jogos Olímpicos.

O amadorismo era principal foco de atenção de Coubertin nos idos da reedição dos jogos. Isso porque, preocupados com a perda do controle da prática esportiva, originária em seus domínios, aristocratas e burgueses lançavam-se em defesa dessa atividade, alegando que a permissão para o seu exercício seria dada apenas àqueles que pudessem tê-lo como atividade de tempo livre. Dessa forma, qualquer pessoa que tivesse trabalhado recebendo remuneração até o momento da competição perderia o direito de participar, enquanto competidor dos Jogos Olímpicos. (RUBIO 2002, p. 132).

Diante dessas afirmações fica evidente que o profissionalismo nem sempre foi visto pela maioria da forma como é visto nos dias de hoje. Atletas profissionais são, atualmente, admirados pelo esforço, pelo espírito guerreiro e pela coragem de enfrentar cada “batalha” e o profissionalismo é o que almejam milhares de atletas amadores. Aliás, atualmente, a palavra “amador” é utilizada pejorativamente pela imprensa e população em geral, para adjetivar indivíduos ou instituições cuja falta de organização e seriedade se tornam evidentes e marcantes. No entanto, no referido período, ser amador era pré-requisito básico para a participação dos atletas em competições importantes como passaram a ser os Jogos Olímpicos. Naquela época, ser um atleta de destaque e receber pagamento em troca de dedicação exclusiva ao esporte, assim como nos dias de hoje, já podia ser visto como forma de ascensão social, outro motivo pelo qual os aristocratas e burgueses defendiam o amadorismo a todo custo.

Ao longo do tempo, esse controle foi tornando-se mais complexo e menos efetivo, principalmente diante das características mercadológicas e consumistas que o esporte adquiriu desde sua institucionalização e que se acentuavam conforme o mesmo se organizava. Tais características capitalistas, bem como as diferentes funções que foram sendo atribuídas ao esporte foram afunilando as possibilidades e dificultando a permanência e defesa do amadorismo no meio esportivo. Diante disso, Proni (2002, p. 45) discorre:

A observação inicial que ele (Brohm) faz, nesse aspecto, é que o esporte não tem hoje as mesmas funções que tinha em seu nascimento. As funções do esporte são múltiplas, contraditórias, complexas e evolutivas. Para estudá-las, Brohm propõe que tais funções sejam classificadas de acordo com as relações sociais em foco – econômicas, sociopolíticas e psicossociais -, acrescentando ainda uma atenção especial às funções mitológicas do esporte na cultura de massa.

Se fizermos um estudo profundo da história do esporte no mundo, verificaremos acontecimentos que exemplificam cada uma das funções supracitadas. Entretanto, não sendo esse o objetivo desse estudo, nos valeremos brevemente de alguns acontecimentos para ilustrar como o esporte foi e ainda é utilizado como meio de manifestações político-ideológicas e de relações de poder. De acordo com Capinussú (2007) nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlin, Hitler tentava mostrar ao mundo a superioridade da raça ariana e da política nacional-socialista através da exaltação de seus atletas e tentativa de depreciação pública dos negros e judeus, como foi o caso do afro-descendente americano Jesse Owens. Já em Munique, no ano de 1972, houve o assassinato de 11 atletas israelenses executado por um grupo palestino, conhecido como

“Setembro Negro”, deixando claros os conflitos religiosos e políticos entre os dois povos. Houve ainda os boicotes dos Estados Unidos aos Jogos de Moscou, em 1980 e da Rússia às Olimpíadas de Los Angeles na edição seguinte, em 1984, evidenciando que ambas as potências esportivas estavam aplicando ao esporte a Guerra Fria, que travavam naquele momento político de divergências entre Capitalismo e Socialismo.

Tais manifestações podem, até hoje, ser verificadas em diferentes eventos esportivos, a saber, a última edição dos Jogos Olímpicos em 2008, em Pequim, na China. Várias pessoas se aproveitaram da ocasião para manifestar posições contrárias aos costumes e práticas do governo chinês, que estão pouco a pouco sendo revelados ao mundo no atual período pós-abertura do país ao cenário internacional.

Durante essa trajetória, o esporte que já possuía um caráter mercadológico desde seu nascimento, foi ao longo do tempo e diante das diferentes circunstâncias, se tornando cada vez mais profissional. Os países, na luta por criar e fortalecer sentimentos nacionalistas preconizavam cada vez mais a vitória, o que demandava cada vez mais tempo e dedicação dos atletas. Até que chegou ao que se tornaria inevitável: o profissionalismo passou a ser aceito e pré-requisito para qualquer lugar de destaque no cenário esportivo nacional ou internacional. Não havia mais lugar para aqueles que não se dedicavam exclusivamente ao esporte e tiravam do mesmo sua subsistência. Entretanto, algo que nos dias de hoje parece tão comum, mostra-se resultado de uma mudança paulatina, mas que só foi reconhecida recentemente. Segundo Rúbio (2002) data dos anos 70, o reconhecimento do profissionalismo no esporte, ou seja, o cenário esportivo atual é reconhecido há aproximadamente 38 anos. A autora lembra ainda que Adhemar Ferreira da Silva, após competir e sagrar-se campeão do salto triplo nos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952, recebeu a doação de uma casa, oferta esta que foi obrigado a recusar, já que pretendia competir na próxima edição dos jogos. A aceitação de tal proposta poderia descaracterizar o amadorismo, exigido para as competições da época.

O esporte brasileiro foi, aos poucos acompanhando as citadas tendências mundiais e o amadorismo foi sendo deixado de lado. De acordo com Benelli (2007) o profissionalismo começou a se instaurar no Brasil antes mesmo de ser reconhecido e permitido no cenário internacional. Na década de 70, já existiam atletas remunerados por sua dedicação à modalidade que praticava, enquanto essa prática ainda não era permitida aos competidores olímpicos. Ainda segundo o autor, o esporte brasileiro organizou-se mediante forte influência do

modelo europeu, com duas características principais: tendo os clubes como instituições que garantiam o acesso ao esporte e concomitantemente contanto com a participação do Estado, que também intervia na organização do mesmo. Mais recentemente, a participação das empresas privadas tem mantido essa tendência, o que tornou ainda mais difícil a manutenção do amadorismo no país, a ponto de haver a necessidade de ser promulgada uma medida que proibia as empresas de patrocinarem equipes esportivas e atletas. Sobre essas mudanças Benelli (2007) escreve:

Em 1981, foi deliberado o fim da proibição de empresas patrocinarem clubes ou entidades esportivas e exibirem em seus uniformes, como forma de propaganda, as marcas de seus patrocinadores. Dessa maneira, ampliaram-se as Associações Desportivas Classistas, que garantiam os salários e a permanência dos atletas no país, além, obviamente de possibilitar melhores estruturas e disponibilidade para o treinamento. Esse processo culminou com a participação dessas equipes em competições destinadas ao Esporte Comunitário (MARCHI JR., 2001). Em 1982 o presidente do COB (Comitê Olímpico Brasileiro) despachou uma Circular331/82 para todos os presidentes de confederações: [...] O Comitê Olímpico Brasileiro não tem como impedir a prática do profissionalismo no desporto amador, nem julga oportuno discutir sobre a conveniência do que se vem tornando uma constante em alguns desportos olímpicos no Brasil. (JAPIASSU, 1984, p. 24-25 apud BENELLI, 2007).

Através dessa trajetória o esporte, no Brasil e no mundo, foi se transformando no que é hoje, contando ainda, com o que viria modificar radicalmente as características do fenômeno em questão e as relações do mesmo com recursos econômicos, bem como com os patrocinadores e espectadores: os meios de comunicação de massa. Essas mudanças serão mais detalhadamente descritas em: *A participação dos Meios de Comunicação e o Surgimento de Heróis Esportivos*, mas nesse momento gostaríamos de observar o quanto o advento dos jornais impressos e principalmente da televisão tornaram a mercadoria esporte mais acessível, transformando-a em um fenômeno de abrangência ainda maior e dimensões que desafiam limites geográficos e diferenças sociais, de credo e de hábitos.

A televisão possibilitou que milhares de pessoas assistissem a eventos esportivos, e que os espectadores de alguma forma se sentissem participando dos mesmos. Essa nova maneira de acessar o esporte gerou uma imensa quantidade de informação e riqueza de detalhes, possibilitando aos espectadores a criação de novos hábitos. As transmissões ao vivo, imagens especiais, os comentaristas esportivos, o replay, os recursos de computação gráfica para análises táticas, entre outros, foram possibilitando que a população se informasse, entendesse e pudesse até mesmo comentar cada acontecimento relacionado ao esporte, trazendo ao cotidiano

dos cidadãos diferentes modalidades e diferentes formas de relação com o fenômeno em questão.

Nesse contexto, relação do espectador como consumidor e o esporte como mercadoria intensificou-se ainda mais, já que o fenômeno e suas modalidades estavam mais bem difundidos. Com a implantação das tecnologias via satélite era possível que assistíssemos do Brasil em tempo real uma partida da NBA que ocorria em Chicago, por exemplo. Atualmente consumir esporte não significa apenas presenciar competições. É possível comprar produtos esportivos, fazer parte de sites de discussão, e vende-se até mesmo o direito de assistir a um determinado torneio, através dos programas de *pay-per-view* ou de assinaturas com provedores que transmitem campeonatos via internet. Não obstante, essa relação esporte/televisão proporcionou novas formas de relacionamento entre patrocinadores e patrocinados. Poder exibir a marca de uma empresa ou produto em rede local, nacional e até mesmo internacional tornou essa possibilidade mais interessante e lucrativa àqueles que se utilizam do patrocínio como forma de propaganda. Placas nos estádios e ginásios, espaços publicitários em intervalos de partidas, entre outros transformaram os eventos esportivos em atrativos para empresários. Tal relação tornou-se tão forte que algumas modalidades tiveram regras modificadas para que o produto Esporte pudesse tornar-se mais vendável e conseqüentemente mais rentável. Paes (2000) chama a atenção para uma área de estudos que participa intimamente dessas relações, o marketing esportivo. Ele considera o esporte profissional um negócio, preservadas suas características, legitimidade e ética e discorre sobre o marketing esportivo e as oportunidades que seu desenvolvimento possibilitam. Para ele, o mesmo atua na mediação de relações entre o esporte e as empresas transcendendo a função que lhe foi atribuída inicialmente, a de buscar patrocinadores. Sua atuação atualmente visa transformar as modalidades tornando-as mais negociáveis, tornando-se assim uma peça essencial na existência do que chamamos de esporte profissional.

A presente temática é abrangente e pode proporcionar inúmeras discussões sem ser esgotada. Diante disso, desejamos esclarecer que o intuito dessa reflexão foi apenas ilustrar, à luz de alguns autores da Sociologia do Esporte e um da Pedagogia do Esporte, o caminho percorrido pelo esporte profissional moderno até a maneira pela qual o conhecemos nos dias de hoje. Assim sendo, optamos por fazer um breve referencial teórico sobre o assunto, sem juízo de valor esperando poder contribuir com o entendimento da problemática a que se estudo se propôs investigar.

3.2 Esporte e valores

A idéia de que o esporte pode atuar como facilitador no desenvolvimento de valores é, atualmente, bastante difundida. Diversos autores se manifestam acerca desse tema, que se mostra sempre atual em todas as classes sociais e ramos da sociedade. Paes, Garganta, Brotto, Gallati, Ferreira, entre outros, são alguns dos estudiosos que corroboram com tal afirmação.

Paes (1992) e Gallati (2007) consideram o esporte um fenômeno sócio-cultural significativo no processo educacional, através do qual podem ser desenvolvidos não só os aspectos técnicos e físicos da modalidade, mas também aspectos táticos e socioculturais relativos ao desenvolvimento da personalidade dos praticantes. Desta forma, o processo de ensino-aprendizagem esportiva torna-se um facilitador para que se desenvolva nos aprendizes, a capacidade de resolver problemas, estimulando a criatividade, a cooperação, o fortalecimento da co-responsabilidade e da solidariedade e autonomia. A partir do momento em que se aprende a ser autônomo, busca-se também a autonomia do outro, valorizando-o e fortalecendo crescentemente as relações sociais, para que posteriormente todos estes fatores culminem na participação ativa da construção ou transformação do jogo e do mundo.

Sanmartín (2003) define valores como os critérios, através dos quais os indivíduos selecionam e avaliam a conduta uns dos outros, e afirma que há muito tempo, o desporto é considerado um meio para a aquisição de valores, pois estes proporcionam situações similares a acontecimentos cotidianos. Afirma ainda que a crescente relevância do esporte no cenário mundial aumenta, entre outros fatores, devido a esse potencial de desenvolver e valores. Segundo o autor, considera-se que o esporte pode potencialmente desenvolver a cidadania, perseverança, superação, conhecimento dos próprios limites, cooperação, trabalho em equipe, justiça, lealdade, honestidade, responsabilidade, autodisciplina, entre outros.

Segundo Martinelli (1996) os valores são fundamentos morais e espirituais da consciência humana. São inerentes ao ser humano e intimamente ligados a aspectos do desenvolvimento da personalidade, e a negação dos mesmos pode levar a conflitos da humanidade. De acordo com a autora, os valores podem ser classificados em absolutos e relativos. Os valores absolutos estão intimamente ligados a aspectos da personalidade da maneira que se segue abaixo:

- Verdade, relacionada ao aspecto intelectual;
- Ação Correta, relacionada ao aspecto físico;
- Amor, relacionada ao aspecto psíquico da personalidade;
- Paz, relacionada ao aspecto mental;
- Não violência, relacionada ao aspecto espiritual.

Vale aqui ressaltar que não o é o intuito desse estudo contemplar os valores e suas implicações nos aspectos da personalidade em toda sua magnitude. Sendo assim, nos ateremos apenas à discussão dos valores que estabelecem relação direta com a reflexão que se pretende fazer. Diante disso, identificamos o valor de *Ação Correta* para estabelecer tais conexões, já que este está intimamente ligado às atitudes e ao aspecto físico da personalidade do indivíduo. Segundo Martinelli (1996), *Ação Correta* diz respeito às ações através das quais é possível identificarmos a manifestação da personalidade e consciência. Pode surgir do aprimoramento do caráter em busca do autoconhecimento e em relação com a consciência.

Diante dessa definição, nos parece evidente a relação entre o esporte e o valor absoluto *Ação Correta*, fato que fica ainda mais claro quando a autora lista os valores relativos que se conectam com esse valor absoluto específico. “Valores relativos são a correspondência dos valores absolutos que devem ser desenvolvidos, assimilados e praticados no cotidiano, e balizam o caráter através de transformações diárias”. (MARTINELLI, 1996, p. 20). Entre eles a autora elenca dever, ética, honradez, vida salutar, iniciativa, perseverança, responsabilidade, respeito, esforço, simplicidade, amabilidade, bondade, disciplina, limpeza, ordem, coragem, integridade, serviço ao próximo e prudência.

Diante disso, nos parece que a conexão que se estabelece entre o esporte e os valores, tanto para os estudiosos quanto no senso comum, está balizada na possibilidade de identificação dos indivíduos e dos valores que eles manifestam em suas atuações esportivas e podem facilmente ser identificados através das ações dos atletas ao longo de sua trajetória no ambiente de sua modalidade, como a conduta com os adversários, com os companheiros de equipe, diante das imposições dos treinamentos e dos obstáculos que os mesmos têm de transpor. Dentre os citados pela autora, identificamos alguns como os que mais evidenciam-se no esporte, pela manifestação de sua presença ou ausência, e suas conseqüências. Abaixo, figuramos tais

valores e alguns exemplos de atitudes que atuam na identificação dos mesmos.

- Responsabilidade: a pontualidade e assiduidade nos treinos são exemplos freqüentemente citados pela imprensa esportiva.
- Vida salutar: atletas são incessantemente relacionados à saúde. Más condutas, como o tabagismo, por exemplo, são mais comumente noticiados e condenados já que atletas precisam de um estilo de vida que os permita maximizar sua performance.
- Perseverança: o atleta que não é perseverante dificilmente chega ao profissionalismo. Os caminhos são árduos, o que interliga o presente valor relativo ao valor esforço.
- Esforço: pré-requisito básico para o aprendizado esportivo e para a conquista da forma física.
- Disciplina: está presente nos treinamentos e na vida regrada que “ser um atleta” exigem.
- Coragem: fazendo uma ponte com o chamado do herói para a batalha, o atleta é aquele que tem a coragem de representar uma nação, equipe, ou ainda a si mesmo, correndo riscos e enfrentando os obstáculos.
- Serviço ao próximo: relacionado à coragem e ao chamado do herói, aquele atleta que assume a responsabilidade de representar uma equipe ou uma instituição e levar seu nome, de certa forma, presta um serviço àqueles que ficam e esperam do herói o retorno triunfal.
- Respeito: o respeito aos adversários, às regras, ao árbitro, à própria torcida ou à torcida adversária, ao técnico e aos companheiros de equipe (nesse caso, de esportes coletivos) é sumamente relevante e torna-se evidente através das atitudes dos atletas nas competições e nos treinamentos.

Tais valores são manifestados em atletas de qualquer nível, da iniciação ao profissionalismo. Evidentemente neste, a identificação é facilitada pelos meios de comunicação que transmitem as competições e noticiam fatos relacionados tanto à vida esportiva quanto à vida pessoal dos referidos atletas. Na trajetória daqueles atletas que são ídolos na modalidade que praticam, a identificação fica ainda mais evidente, devido ao espaço a eles destinado pela mídia.

3.3 A teoria do efeito imitação de José Maria Cagigal

José Maria Cagigal foi um estudioso do esporte moderno que em 1981 buscou, como ele chamou, fazer uma descrição da anatomia do fenômeno cultural contemporâneo.

Segundo Cagigal (1981) o esporte moderno é uma necessidade antropológica do homem moderno, evidenciando o valor da liberdade do progresso humano. Ao longo dos anos, desde a Grécia antiga, o fenômeno Esporte foi sofrendo transformações, que resultaram no que o autor chamou de Esporte Contemporâneo, dividido em duas direções. Uma delas foi denominada Esporte Práxis e envolve cidadãos comuns em praticas conscientes e equilibradas, possível a todos, em qualquer lugar. A outra delas é chamada Esporte Espetáculo, que envolve competição, ciência e tecnologia, e tendências ao profissionalismo. É regido pela mídia e exige a presença de heróis e de sensacionalismo.

No contexto do Esporte Espetáculo, Cagigal (1981) afirma que a mídia, atletas e técnicos são participantes ativos de um fenômeno que denominou de Efeito Imitação. Acerca do referido fenômeno, o autor afirma que os heróis esportivos representam um modelo a ser imitado e que influenciam, entre outros, os iniciantes esportivos. Segundo Balbino, Winterstein (2008) podemos inferir, a partir das proposições do autor, que os comportamentos dos atletas provocam impactos no cotidiano dos indivíduos de uma comunidade, sejam conectados ou não à esfera esportiva. Entretanto, esse cenário não seria o mesmo se a mídia e os meios de comunicação não agissem como um dos protagonistas, contribuindo para a notoriedade do esporte. Nesse sentido, os heróis e o sensacionalismo são ferramentas importantes para a conquista do objetivo final, a venda do produto Esporte. Diante disso, Cagigal (1981) indica que os ídolos são modelos esportivos evidenciados pela mídia e seguidos pela população que influenciam inclusive na escolha pela prática de determinada modalidade esportiva, em detrimento de outras.

3.4 Modelação no treinamento

Um dos pressupostos que marcam o presente estudo estabelece conexões com a

possibilidade de que a presença de atletas e equipes de destaque próxima às crianças as estimula na iniciação à prática de determinada modalidade. Com o intuito de ampliar tal discussão e refletir sobre o assunto, buscamos as idéias de Bompa (2002) sobre o que o autor chamou de *modelação no treinamento*.

De acordo com o autor a modelação no treinamento é uma tendência que se iniciou na década de 60, de forma desorganizada e utilizada ao acaso. Aos poucos, os técnicos foram se interessando e se aprimorando, o que culminou, na década de 70, em tentativas mais efetivas de interligar a modelação aos processos de treinamento. O autor afirma ainda que acredita que essa tendência seja cada vez mais seguida, e tomada como instrumento utilizado para atingir-se a excelência esportiva. Trata-se de um princípio que o autor julga como um dos mais importantes na elaboração do processo de treinamento. Bompa (2002, p. 43) define modelação da seguinte forma:

Em termos gerais, a modelação é uma imitação, uma simulação da realidade baseada em elementos específicos do fenômeno que observamos ou investigamos. [...] À medida que aprendemos mais sobre os fatores fisiológicos, mecânicos e psicológicos do desporto selecionado, haverá o desejo e a necessidade lógica de imitar e de modelar a especificidade do desporto no treinamento. Agindo assim, o treinamento se tornará mais preciso, resultando em uma adaptação específica. Somente a adaptação levará a melhorias no desempenho.

De acordo com o autor, um modelo precisa ser único, e deve ser semelhante a um modelo anterior, elaborado a partir de exemplos concretos. No entanto, o modelo deve ser previamente elaborado de acordo com a individualidade de cada atleta, equipe, desporto ou evento, considerando fatores relacionados ao potencial psicológico, fisiológico entre outros. Assim sendo, o autor afirma:

O treinador e o atleta devem resistir à tentação comum de copiar o modelo de outra equipe ou de outro atleta bem sucedido. Um modelo de treinamento deve considerar, entre vários fatores, o potencial psicológico e fisiológico do atleta, o seu ambiente social e a estrutura que ele tem à disposição para treinar. (BOMPA, 2002, p. 44).

Bompa (2002) afirma ainda que cada modalidade deve ter um modelo tecnicamente plausível para a aplicação em todos os atletas, devendo também possibilitar alterações com o objetivo de acomodar traços individuais fisiológicos, anatômicos, e psicológicos. Assim sendo, a modelagem deve simular a especificidade das competições,

considerando parâmetros como volume e intensidade.

O presente estudo teve como sujeitos da pesquisa de campo, técnicos de categoria menor, de equipes que disputavam campeonatos organizados pela Federação Paulista de Basketball (FPB), vinculadas a equipes profissionais que participassem do mesmo campeonato na categoria adulto e conseqüentemente a patrocinadores relevantes. As equipes e patrocinadores tinham diversas categorias vinculadas à equipe principal que disputava o campeonato adulto e algumas das indagações feitas na entrevista tiveram o intuito de compreender que relações as atletas de categoria menor podiam estabelecer com as atletas da categoria adulta. Além disso, também procuramos compreender a participação dos técnicos no estabelecimento dessas relações e como estes se utilizavam da presença de uma equipe profissional para demarcar sua linha de trabalho, através da modelação do treinamento.

3.5 Os atletas e os heróis

Aspectos relacionados à história e psicologia foram se mostrando de extrema relevância no que se refere às relações entre os ídolos e as crianças, motivando as mesmas a iniciar a prática de uma modalidade específica. A idéia de idolatria vem das mais antigas e diversas civilizações. Deuses, reis, e outros símbolos sempre foram venerados pelos povos e vistos como uma força maior, com poderes e saberes inatingíveis pelos mortais. As civilizações Incas, Maias e Astecas ofereciam animais em sacrifícios aos Deuses em quem acreditavam, e assim como a Grega e a Romana tinham os deuses como explicação para fenômenos naturais, boas colheitas, entre outros. No entanto, na Grécia, as oferendas e homenagens aos Deuses funcionavam de outras formas e os Jogos Olímpicos estavam entre elas. Inicialmente, os jogos eram realizados separadamente, e haviam diferentes jogos oferecidos a diferentes Deuses, aos mortos, entre outros. Posteriormente, os Jogos Olímpicos tomaram grandes proporções a ponto de unirem várias Cidades-estado para a mesma competição e de serem decretadas tréguas às guerras, para que todos pudessem participar, já que todos perseguiram um mesmo propósito, que era a adoração e homenagem a Zeus. Neste contexto, a importância daqueles que participavam dos jogos foi crescendo, já que ter essa possibilidade era motivo de status e algumas vezes os tornava

passíveis de comparação aos considerados heróis de guerra, que também desfrutavam de prestígio naquela época. Diante disso, aliando fatos históricos aos estudos da psicologia, pretendemos através das idéias de Jung, compreender a relevância dos heróis entre os seres humanos para que, posteriormente, possamos nos remeter aos atletas.

Conforme mencionado anteriormente, o fenômeno sócio-cultural Esporte é presente no mundo todo de forma crescente, ampliando cada vez mais sua abrangência e influência no cotidiano dos cidadãos. Sua representatividade vem crescendo e conquistando cada vez mais adeptos e, diante deste crescimento, o esporte vem assumindo uma função de referência na vida daqueles que, de alguma forma, tem tal fenômeno em sua rotina.

A sociedade vem valorizando a cada dia a vitória, a ascensão (seja ela econômica, social, profissional) e o sucesso, gerando um padrão de comportamento que prioriza o melhor, em todos os campos da vida cotidiana, que, por sua vez, têm a competição como delimitadora de atitudes, comportamentos e valores.

Neste contexto o ídolo esportivo simboliza a personificação do ideal a ser seguido, a representação do sucesso daquele modelo em um ser humano e passa, a partir de então, a ser formador de opiniões, criador de hábitos, propagador de tendências e comportamentos.

Mas o que leva um atleta a adquirir o status de ídolo? Muitos fatores influenciam esta transformação, entre eles a intensa intervenção da mídia, que discutiremos posteriormente, a identificação pessoal de cada indivíduo com uma modalidade ou pessoa em especial e a admiração pelos feitos alcançados por determinado atleta, entre outros.

Mas este prestígio adquirido pelos atletas não tem origem na contemporaneidade. Sabe-se que os Jogos Olímpicos iniciaram-se na Grécia na Antiguidade. Naquela época e contexto, os atletas que participavam dos Jogos já se distinguiam dos demais, por serem cidadãos, ou seja, homens livres atenienses de nascimento e descendência. Estes naturalmente eram os únicos que tinham direitos políticos e de propriedade de terra. Apenas a estes homens, era dada a possibilidade de participar dos Jogos Olímpicos, ou seja, escravos e mulheres não tinham o mesmo direito, e nem ao menos podiam assistir aos jogos. Segundo Rubio (2001) para os gregos, a formação do cidadão como indivíduo completo era essencial e não se atingia a perfeição, nem a purificação do espírito sem a beleza do corpo. Assim sendo, a educação física era imprescindível para que se atingisse a educação integral e completa, de corpo e alma. A crença grega era de que a atividade física era inseparável da atividade mental e possuía

grande efeito formativo no desenvolvimento do que julgavam ser algumas das maiores virtudes de um cidadão grego: a resistência à dor, a generosidade, a honra, sensatez, entre outros. Na Grécia Helênica ser fisicamente inativo era considerado mais vergonhoso do que ser pobre. De acordo com Rubio (2001, p. 115) “[. homem fisicamente completo era considerado portador de força e superioridade necessárias para enfrentar os revezes da vida”.

Ainda na Grécia Antiga a prática de atividades físicas foi sendo modificada ao longo do tempo, até que se organizou de forma a ter duas vertentes. Nos ginásios, eram realizados os exercícios físicos desenvolvidos para o equilíbrio e harmonia humana, parte da educação dos cidadãos. Por outro lado, as atividades de treinamento eram realizadas por indivíduos de elite, que se preparavam para os jogos olímpicos em busca de prestígio. Tais atletas passavam a se dedicar quase que exclusivamente a seus treinamentos e às competições e muitas vezes seguiam regimes de treino específicos e dietas julgadas próprias para suas atividades, o que costumava resultar em problemas de saúde e uma vida sem muita longevidade. Devido a essas circunstâncias, tais atletas passaram a receber dinheiro para realizar tais atividades, caracterizando-se então, o profissionalismo no esporte.

Dentre todas as vantagens de se assumir a função de um atleta na Grécia Helênica a autora destaca o prestígio como uma das mais relevantes aos cidadãos da época, pois poder participar dos Jogos Olímpicos era uma grande conquista, reservada a poucos. Os jogos na Grécia eram uma tradição de homenagem, por isso seus participantes eram selecionados e restritos. Podiam ter caráter de recordação, como era o caso dos Jogos Fúnebres, que eram dedicados aos mortos, e podem ter sido os precursores dos Jogos Olímpicos, ou de adoração e sacrifício aos Deuses. Os Jogos, inicialmente aconteciam em diversas Cidades-Estado, que tinham o cuidado de marcar as datas de maneira a não coincidir, para que os atletas pudessem migrar e participar de diversas competições. Ao longo do tempo, tais eventos esportivos passaram a ter tamanha importância que ordenavam-se que as guerras fossem interrompidas três meses antes do início das competições, trégua esta, que durava enquanto os jogos estivessem em andamento. Nesse período, os soldados eram proibidos de pegar nas armas e de lutar até mesmo contra os povos invasores, tudo para que os espectadores chegassem a salvo à Olímpia e pudessem prestigiar as competições.

Todos os Jogos realizados na Grécia Helênica simbolizavam algum pedido ou agradecimento, ou seja, eram uma espécie de homenagem dos cidadãos aos seus Deuses. Hoje em

dia, embora não seja largamente divulgado, o objetivo dos Jogos Olímpicos é de celebrar a união e a paz entre as pessoas, respeitando os princípios morais e éticos, segundo *website* do Comitê Olímpico Internacional (COI). No entanto, há entre os espectadores algo que transcende esta premissa, que provavelmente muitos deles desconhecem, e que está ligado à celebração da excelência do esporte e àqueles que realizam feitos esportivos inéditos e históricos: os atletas. Estes aparecem como os principais personagens deste espetáculo esportivo, e personificam a realização dos sonhos, desejos e principalmente de um modelo de sucesso, daqueles que conseguem atingir os objetivos traçados.

Neste contexto, o Brasil figura sempre como uma nação que, devido às dificuldades vividas por sua população e seus atletas, considera estes vencedores somente pelo fato de terem conseguido a tão disputada vaga para os Jogos Olímpicos. Aqueles que conquistam medalhas são considerados e tratados como verdadeiros heróis, tem espaço garantido na mídia (mesmo que seja por um período curto de tempo), são recebidos pelo presidente da república, desfilam pelas cidades nos carros de bombeiros e recebem as mais diversas homenagens. Os atletas representam na atualidade, o que os deuses representavam na Antigüidade, para a população. Atualmente, os Jogos Olímpicos, mundiais e nacionais, não são mais realizados em homenagem aos deuses, mas seus participantes e, principalmente seus vencedores, são homenageados como aqueles o foram no passado.

Entretanto, se remetermos tal discussão a um campo mais amplo de reflexões, veremos que os atletas podem ser considerados exemplos clássicos de relações de “adoração” e mitificação, mas não são os únicos. Ao longo da história da humanidade, o homem veio constantemente se apegando a imagens e indivíduos que personificavam as características consideradas virtudes nas sociedades da época. Cada sociedade tinha seus alvos de adoração e sua forma de cultuar seus objetos, de acordo com seus valores, sua cultura e suas oportunidades, assim como é até hoje. Grécia e Roma, mesmo tendo hierarquias sociais significativas, e diversidade cultural advinda dos povos conquistados, tiveram por muito tempo, cada qual à sua maneira, sua religião politeísta que pregava adoração aos seus Deuses e o culto a seus imperadores.

Os índios brasileiros também cultuam Deuses próprios, responsáveis por fenômenos naturais como a chuva, o sol, a lua, a noite, o dia, boas colheitas, que regem suas vidas nas aldeias, a quem faziam pedidos, agradecimentos e homenagens, da mesma forma como

ocorria na Grécia e em Roma. Todas as religiões, por mais simples ou contemporâneas que sejam, têm um indivíduo, imagem, ou força maior que corresponda ao alvo de adoração. Ideologias, estilos de vida, propostas políticas, têm seus líderes e propagadores transformados em ídolos, como Che Guevara, Fidel Castro, Janis Joplin, Nelson Mandela, Bob Marley, entre outros. Analisando os exemplos, fica claro que existiram, existem e existirão ídolos em diferentes frentes (política, música, esporte, teatro) que atendem aos requisitos necessários para tal, representando imagens e idéias, para assim satisfazer algumas necessidades da população em geral. Mas que necessidades são essas? De onde vêm essas necessidades? Por que elas existem nas mais diversas classes sociais, nações, culturas, épocas?

Pretendendo fazer apontamentos para a construção de respostas a essas perguntas, iniciar-se-á esta fase da discussão pelas idéias preconizadas por Jung em sua teoria sobre a psicologia analítica. Carl Gustav Jung trabalhou junto a Sigmund Freud – considerado o pai da psicanálise – durante algum tempo, mas divergências de idéias os levaram ao rompimento dos trabalhos em comunhão, conduzindo Jung a desenvolver seus próprios conceitos dentro da psicanálise. Entre eles, destaca-se o conceito de inconsciente coletivo. Para Jung, existem duas partes que formam o Inconsciente: o Inconsciente pessoal, que é próprio de cada indivíduo e está ligado às características da personalidade que não foram compatíveis com as tendências da consciência sendo, portanto, reprimidas; e o Inconsciente Coletivo, que diz respeito a conteúdos latentes herdados da humanidade, prontos para serem concretizados através de experiências reais, para assim manifestarem-se. Segue definição do Dicionário de Psicologia, por Stratton, Hayes (1994, p. 43):

INCOSCIENTE COLETIVO: Proposto por Carl Jung, (1964) é o conceito de que a raça humana desenvolveu um pensamento inconsciente partilhado que contém imagens universais chamadas arquétipos.

Segundo Stratton, Hayes (1994), *arquétipos* são imagens clássicas presentes no inconsciente coletivo que ressurgem na mitologia, na arte folclórica e são descritos na teoria de Carl Jung e serão relevantes na compreensão do fenômeno que se pretendeu estudar. Segundo Sannino (1987), os mesmos manifestam-se de forma natural e instintiva diante de situações que se repetem durante muito tempo, mostrando as potencialidades das capacidades da mente do Homem. Ainda no sentido de complementar e auxiliar no esclarecimento deste conceito utilizam-se palavras de Silveira (1996, p. 79-80):

[...] Arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar. [...] Resultariam do depósito das impressões superpostas deixadas por certas vivências fundamentais, comuns a todos os seres humanos, repetidas incontavelmente através de milênios. Vivências típicas, tais como as emoções e fantasias suscitadas por fenômenos da natureza, pelas experiências com a mãe, pelos encontros do homem com e a mulher e da mulher com o homem, vivências de situações difíceis como a travessia de mares e rios, a transposição de montanhas, etc. Seriam disposições inerentes à estrutura do sistema nervoso que conduziriam a produções de representações sempre análogas ou similares. Do mesmo modo que existem pulsões herdadas para agir de modo sempre idêntico (instintos), existiriam tendências herdadas para construir representações análogas ou semelhantes.

O paraíso, o pai herói, entre outros são exemplos de arquétipos que podem ser destacados para auxiliar no entendimento deste conceito. Contudo, apesar de arquétipos serem símbolos comuns à humanidade, ou seja, universais, eles têm pesos diferentes entre povos diferentes. O contexto cultural em que cada grupo de pessoas está envolvido torna alguns arquétipos mais “presentes” e mais facilmente experienciados àquele grupo, que tem em sua cultura um fator de influência para tal.

3.5.1 O mito do herói e o herói arquetípico

Diante desses pressupostos, o atleta pode se envolver nessa atmosfera delineado pelo mito do herói, batalhador, que possui coragem e méritos superiores aos dos homens “convencionais”. De acordo com Rubio (2001) o mito do herói é o mais antigo e comum dos mitos, sendo encontrado na mitologia grega, romana, no Oriente Médio e no extremo Oriente. Geralmente, é atribuído ao herói pais e mães ilustres, de natureza divina ou próximos a Deus, sendo desta forma, muitas vezes intitulados os guardiões das cidades ou representantes de uma dádiva concedida a um povo que passou por dificuldades e provações. Existe, portanto, algo de divino nos heróis, que os mantém entre Deus e os homens, colocando estes mais próximos àqueles, pela sua natureza semi-humana e sua divindade genealógica, já que os Deuses são inatingíveis.

Conforme dito anteriormente e agora reiterado por Rubio (2001) o conceito de arquétipo refere-se a possibilidades herdadas e formas instintivas de se imaginar, que representam

imagens similares. Tal esquema tem um significado psicológico para cada indivíduo durante o caminho percorrido em busca da afirmação de sua personalidade, bem como para a sociedade, na busca do estabelecimento de uma identidade coletiva. Assim sendo, Rubio (2001, p. 92) utiliza-se das idéias de Campbell quando este considera o herói uma imagem arquetípica, sendo um homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. A partir dessa definição, é possível perceber que o conceito de herói não é algo estático e imutável. Ao contrário, é uma idéia dinâmica e adaptável, que se adequa a concepção de homem e mundo e ao contexto em que está inserido, encaixando-se na constante transformação dos modos de vida e pensamento, possibilitando sua atualização e perpetuação.

O culto do herói tem sido necessário não somente pela existência das guerras, mas por causa das virtudes que o heroísmo comporta e que, sendo advertidas desde os tempos pré-históricos, houve necessidade de exaltar e recordar. A magia, o aparato, o esplendor de vestuário guerreiro assim o proclama, como coroação dos vencedores equiparados aos reis (RUBIO, 2001, p. 93).

Considerando que os heróis se moldam à sociedade, cultura e contexto em que estão inseridos, cabe aqui explicitar que em qualquer dos ambientes, eles podem se manifestar de duas formas distintas: o herói físico, e o herói místico. O primeiro é aquele que faz uso das armas de que possui para se proteger, matando os monstros que limitam seu caminho. Já o segundo, se projeta para dentro de si mesmo, e utiliza de armas que não matam para vencer seus monstros. Tais armas apenas o defendem do inimigo que o retarda ou impede de completar sua jornada ao integral, completo.

Remetendo a discussão ao âmbito específico da pesquisa, e pleiteando repensar contextos da sociedade moderna, o esporte contemporâneo carrega em seus múltiplos significados as transformações sócio-culturais sofridas pela sociedade como um todo, e diante disso, aparece como uma possibilidade potencial para a emergência de atitudes heróicas que sejam significativas para aqueles que as vivem e que as acompanham, e representem necessidades dos mesmos. Diante dos múltiplos significados do esporte, o que retrata as características citadas acima é o esporte profissional, no que se refere aos princípios que regem a sociedade capitalista pós-industrial, como por exemplo, a quantificação e a busca de quebra de recordes, a especialização, a racionalização e a valorização da vitória. Neste, evidencia-se ainda,

de acordo com DaMatta (1994, apud RUBIO, 2001), uma ligação íntima do esporte com a vida burguesa, através da afirmação de direitos e deveres, e da socialização de vitórias, derrotas, sucessos e fracassos. Segundo Rubio (2001) o esporte profissional, ao qual se refere como “espetáculo esportivo”, é uma mistura de sonho, política e pragmatismo, o que fica evidente, por exemplo, nos quadros de medalhas das competições, sejam elas regionais, nacionais e internacionais, pois lá se refletem realidades econômicas, políticas e sócio-culturais de cada uma das equipes participantes. No entanto, não são somente esses os componentes que movem o esporte, segundo a autora, que recorre às idéias de Helal para explicar esse ponto de vista. Segundo ela na concepção de Helal (1998, p. 97):

um fenômeno de massa como o esporte, não consegue se sustentar sem ‘heróis’, ‘estrelas’ ou ‘ídolos’, uma vez que eles levam a pessoa a se identificar com aquele evento. O papel que desempenham como representantes de uma comunidade, freqüentemente transpondo obstáculos intransponíveis, favorece a construção da condição de herói.

Conforme afirma citação acima, os atletas representam equipes, comunidades, municípios e países, literalmente vestindo a camisa daqueles que representam e fazendo tudo que está a seu alcance para vencer, honrar a camisa e fazer jus à posição de representantes que conquistaram. Nesse sentido, as comunidades, ou seja, os representados, projetam nos atletas o estabelecimento de uma relação, não só de representatividade, mas também de admiração, possibilidade de sucesso, e idolatria. O público considera os feitos realizados pelos atletas quase sobre-humanos, uma vez que a grande maioria da população não conseguiria realizar feitos ainda mais complexos ou mesmo similares aos deles. Soma-se a isso, a idéia de que atletas têm de ter vidas regradas, saudáveis, com alimentação e horas de sono controladas, avessas a tabaco e álcool, entre outros. Há ainda as características que as situações de treinamento e competição exigem para que seus obstáculos sejam transpostos, com dedicação, coragem, força, determinação, astúcia, talento, busca de superação de limites, unindo-se assim, diversas das características comuns a um herói. Os atletas aparecem nesse contexto como o mortal que se distancia dos demais e se aproxima do divino, através dos feitos alcançados. Aqueles que realizarem seus feitos por uma única vez, serão heróis momentâneos, primeiramente festejados e posteriormente esquecidos, afirma Rubio (2001). Já aqueles que conseguirem realizar seus feitos mais do que uma vez, serão lembrados, festejados, e marcarão seus nomes na memória daqueles

que o admiram e acompanham, como foi o caso de Carl Lewis, Nadia Comaneci, Michael Jordan, Edson Arantes do Nascimento - o Pelé, “Magic” Paula, Hortência, entre outros.

Os indivíduos identificados atingem um nível de performance maior que o comum entre a maioria dos praticantes, transformando-se assim, em ícones das práticas que realizam e posteriormente ídolos. Tais ídolos exercem forte influencia em seus admiradores pelas possibilidades que eles representam, principalmente pela capacidade de vencer e pelo poder de satisfazer as necessidades dos espectadores, mesmo que seja por projeção.

Ainda de acordo com a autora, o esporte, por sua vez, tem sido visto com olhos diferenciados, e considerado uma atividade de relevância na sociedade atual, uma vez que permite que seus praticantes e espectadores se engajem em reflexões sobre valores e relações sociais a partir das situações vivenciadas através do mesmo. Diante disso, o esporte conquistou uma posição de destaque na mídia, que foi, em grande parte, responsável por sua globalização e transformação em espetáculo, e em produto da mesma. Os produtos da mídia são geralmente elaborados a partir de um processo que envolve cultura e economia, para que assim seja possível interagir com os espectadores, que são atraídos por mensagens de valores que refletem necessidades atuais, geralmente de forma metafórica. Levando a reflexão nesse sentido Rubio (2001) se apropria das idéias de Whannel (1998) afirmando que a mídia transforma os eventos esportivos em metanarrativas, transformando os mesmos em histórias, com personagens, heróis e vilões, e que tem um forte apelo patriota, tocando em questões de identidade de um povo ou nação. A imagem do viver bem, do sucesso obtido, da vida saudável e das virtudes que acompanham os atletas, passam a ser objetos de desejo a serem conquistados pela população, e os atletas os representantes de tudo isso.

3.6 A participação dos meios de comunicação e o surgimento de heróis esportivo

Ainda como parte do nosso referencial teórico, buscamos através das idéias de Marques, Helal, entre outros, compreender a participação da mídia no surgimento dos ídolos e no destaque que eles recebem da mesma. Sabe-se que existem muitos atletas talentosos ao redor do mundo, mas nos parece evidente que nós, no Brasil, jamais saberíamos dos feitos de Michael

Jordan, por exemplo, ou sequer acreditaríamos nos mesmos, se não tivéssemos a possibilidade de vê-los, muitas vezes até em tempo real, através do televisor. A partir desse exemplo, evidencia-se o fato de que os meios de comunicação têm influência na transformação dos atletas em ídolos mundiais. Nessa fase do estudo, pretende-se compreender de que maneira este tipo de relação pode se desenvolver para que o ídolo esteja acessível aos seus fãs e que conseqüências isso gera.

O fenômeno esporte, sobretudo no século XXI, é parte integrante da vida e da rotina de muitos indivíduos. E há tempos tema abordado diariamente pelos meios de comunicação em todo o mundo. Os jornais impressos têm sessões e até mesmo cadernos exclusivos reservados às notícias esportivas. As emissoras de televisão têm espaços reservados para o esporte em seus telejornais mais importantes, tendo também, programas exclusivamente destinados às notícias esportivas. A quantidade de canais exclusivamente esportivos vem aumentando, apesar de a maioria deles poder ser acessada principalmente através de redes de televisão paga. O esporte é notícia no mundo todo.

No entanto nem sempre o público teve acesso às notícias esportivas como atualmente. Concordando com Marques (2005) podemos dizer que, no Brasil, o que levou os admiradores das modalidades a esperarem por notícias esportivas foi o futebol, através das copas do mundo. Na década de 30, havia somente uma maneira de saber os resultados das Copas do Mundo que aconteciam no exterior. Os interessados tinham que esperar por notícias nas sedes dos jornais das grandes cidades, São Paulo e Rio de Janeiro, que divulgavam os resultados, ou ainda esperar até que os impressos saíssem. Já na Copa de 1938 o rádio foi introduzido como meio de divulgação e as partidas eram transmitidas através do mesmo, mas somente a partir da Copa de 1958 foi possível assistir às transmissões com o auxílio da televisão. As partidas eram gravadas e transmitidas nos cinemas, três dias depois do acontecimento das mesmas. Aos poucos, os conglomerados da comunicação foram se formando, e a tecnologia foi sendo implantada, até que chegamos às transmissões ao vivo, que possibilitam aos espectadores assistirem às competições em tempo real. Assim, os jornais impressos, que eram o principal meio de informação esportiva, cederam seu lugar para o rádio, posteriormente para a televisão e a Internet.

Diante de tamanha facilidade de acesso ao conteúdo esportivo em tempo real, o mesmo acabou por ter um valor mercadológico altamente relevante que alimenta a indústria da mídia esportiva a cada dia. O interesse da mídia nas transmissões esportivas em seus resultados tem influenciado não só os espectadores e consumidores esportivos, e tal fato pode ser verificado

até mesmo nas competições, como é o caso de algumas regras que são subtraídas, adicionadas ou alteradas para que a modalidade possa se encaixar no formato cabível para a mídia. O voleibol, por exemplo, teve as vantagens subtraídas dos sets, e dessa maneira os mesmos passaram a ser menos longos e conseqüentemente as partidas também, tornando-se mais “consumíveis” através da televisão. Já o basquetebol teve sua regra de “bolas presas” modificada. Anteriormente, quando dois atletas seguravam a bola ao mesmo tempo, a disputa era resolvida numa bola ao alto. No entanto, tal regra foi substituída pela regra da posse alternada, na qual as equipes alternam a posse de bola cada vez que dois atletas disputam a posse de bola segurando-a concomitantemente. Numa bola ao alto, geralmente o atleta mais alto garantia a posse de bola. Contudo, com a nova regra, uma equipe pode recuperar a posse de bola que não estava em seu poder no momento da disputa da “bola presa”. Tal modificação proporcionou à modalidade maior velocidade na reposição de bola bem como um caráter de imprevisibilidade num quesito que geralmente se mostrava previsível (devido às características físicas dos atletas envolvidos na disputa), tornando também mais interessante aos espectadores e conseqüentemente mais consumível.

Ao longo deste caminho, os espectadores vão passando por um processo de aquisição de hábitos, já que passaram a procurar pelas notícias esportivas diariamente e pelas transmissões das competições. Não obstante ao meio através do qual a informação esportiva chega à população e a influência da mídia no contexto esportivo, a imprensa sempre foi e é cada vez mais, formadora de opinião. Segundo Helal (2003) e Marques (2005) a mídia tem o poder de construir e destruir ídolos, entre eles, os esportivos e as imagens dos mesmos, fazendo com que a população corrobore de suas opiniões. A mídia funciona como o elo que fomenta a relação entre o ídolo e aqueles que o idolatram, e no ambiente esportivo, isso se torna ainda mais simples de ser feito como mostra Marques (2005):

O fato de o universo esportivo ser pródigo na formação de ídolos sempre fez com que atletas e jogadores de futebol percorressem um terreno muito propício para a produção de mito, num processo que se estabelece intensamente por meio de construções midiáticas. Esse mecanismo tornou-se cada vez mais poderoso à medida que os meios de comunicação de massa globalizaram a informação através de “novíssimas tecnologias” (especialmente TV a cabo e a Internet) – daí a possibilidade desses actantes do cenário esportivo conseguirem tamanha exposição a ponto de nomes como os dos jogadores Pelé, Romário e Ronaldo serem pronunciados por habitantes das mais longínquas localidades do planeta, sempre que um visitante se identifica proveniente do Brasil.

O autor afirma ainda que os ídolos esportivos podem ser considerados “seres

sobrenaturais” devido a sua obsessão pelas conquistas, pela bravura e empenho nas tentativas, e pelas vitórias, recordes quebrados, título conquistados, entre outros. Através dessa obstinação podemos verificar em alguns atletas o que o autor chamou de comportamento mítico da obsessão pelo sucesso, e que o mesmo identificou como sendo muito característico da sociedade moderna, traduzindo o desejo de transcender os limites da condição humana. Por esses motivos, o terreno esportivo mostra-se fértil para o surgimento de ídolos, e conforme Helal (2003) existe uma diferença reveladora entre os ídolos esportivos e os da dramaturgia ou da música. Estes dificilmente têm as características que os podem transformar em heróis, enquanto aqueles têm tais características intrínsecas em suas personalidades, caso contrário não teriam sucesso no mundo esportivo.

Assim sendo, parece existir um “caminho” na construção da relação mídia-atleta-espectadores. Inicialmente o atleta passa a se destacar através de sua performance e desempenho esportivo para que comece a ser parte relevante de notícias esportivas. A presença constante em noticiários esportivos traz a possibilidade de a imprensa explorar a imagem do atleta como um todo, passando a noticiar também fatos e acontecimentos da vida particular dos mesmos. A partir da compilação dessas informações as figuras dos ídolos, podem ser transformadas em mitos devido à presença das características sobrenaturais de obstinação e superação supracitadas, e ao longo do tempo, a mídia pode ir construindo ou destruindo as imagens mitológicas atribuídas a cada atleta. Para Marques (2005) o papel de comunicação do mito com a sociedade era anteriormente desempenhado pelos romances. No entanto, com o advento da ciência e dos meios de comunicação em massa como a televisão, o cinema, a Internet, entre outros, essa é a forma através da qual o mito se comunica com a sociedade ocidental moderna.

Evidentemente, o futebol sempre foi a modalidade que mais revelou ídolos e conseqüentemente mitos esportivos brasileiros, que posteriormente tornaram-se mitos mundiais. Edson Arantes do Nascimento, Arthur Antunes Coimbra, Romário de Souza Faria e Ronaldo Luiz Nazário de Lima, são apenas alguns daqueles que seguiram o “caminho” dos ídolos esportivos. Pelé, Zico, Romário e Ronaldo - O fenômeno, respectivamente, têm muitas diferenças em suas histórias de vida, pois cada um com seu talento específico, e cada qual a sua maneira foi paulatinamente ganhando espaço em noticiários esportivos brasileiros e mundiais, que proferiram aos mesmos o status de mito. No entanto, as semelhanças são marcantes e possibilitam que a

mídia e os espectadores identifiquem nos atletas as características encontradas nos heróis mitológicos: o talento incomum, a perseverança de viver num universo tão competitivo como o esportivo, a obstinação pelas conquistas e vitórias, o empenho nos treinamentos árduos, e a coragem de atender ao chamado da saga do herói e ir à luta, representar os milhões de brasileiros levando na camisa o nome da nação, que ficam esperando que o herói venha “salvar” a comunidade que representa. Todas essas características os revelam aptos a personalizarem o mito do herói e cada um teve chances para tal.

Pelé, ídolo e mito indiscutível, que foi condecorado com o título de atleta do século XX, sempre aceitou o chamado de defender a seleção brasileira de futebol nas Copas do Mundo, obtendo sucesso mesmo nas vezes em que a equipe não conquistou o título de campeã mundial.

De acordo com Helal (2003) Zico se destacou pelo seu desempenho durante as partidas que disputou e ainda hoje é admirado e respeitado pelas apresentações que fez na seleção brasileira e pelo fato de ser extremamente perseverante e persistente, já que antes de se tornar ídolo enfrentou inúmeras dificuldades que iam desde a distância de sua casa dos locais de treinamento, até necessidade de conciliação da prática esportiva com seus estudos.

Conforme Marques (2005) Romário e seu histórico nas Eliminatórias para Copa do Mundo de 1994 e na própria competição garantiram que o mesmo merecesse o status de ídolo e mito esportivo brasileiro e mundial. Estando a equipe de futebol do Brasil correndo o risco de não se classificar para o Mundial de 1994, o então técnico Carlos Alberto Parreira convoca Romário para o jogo decisivo através do qual o Brasil garantiria a participação na Copa do Mundo caso ganhasse, ou teria sua exclusão decretada, caso perdesse. Romário, que neste período atuava pela equipe espanhola do Barcelona com boas apresentações, apesar dos desentendimentos anteriores com o técnico, aceitou a convocação, prometendo não só classificar a equipe do Brasil para o mundial, mas também vencer tal competição, trazendo o tetracampeonato para o país.

Neste período, a seleção brasileira de futebol era demasiadamente criticada por parte da população e imprensa brasileiras, já que as atuações da mesma eram consideradas fracas e os bons resultados eram ainda duvidosos. Mesmo assim, Romário aceitou o chamado do povo, que semanas antes de sua convocação reivindicara sua presença, e assumiu o compromisso, a missão, na qual até então nenhum outro atleta havia obtido sucesso. E ele cumpriu o que havia

prometido. A seleção Brasileira classificou-se para mundial de 1994 com gols de Romário e da mesma maneira se tornou campeã da Copa do Mundo dos Estados Unidos. Romário veio como candidato a herói e sagrou-se como tal, depois de ter mostrado o quanto sua presença na competição e na equipe eram necessárias. (MARQUES, 2005).

Ainda Marques (2005) comenta sobre Ronaldo, que também se tornou ídolo e mito do futebol brasileiro e mundial, não apenas por suas atuações de destaque no cenário nacional e internacional, mas também por sua perseverança no período em que teve uma grave lesão que poderia ser responsável por sua aposentadoria precoce caso sua reabilitação não ocorresse conforme o esperado. A imprensa em geral, a população e os críticos do futebol, teciam dúvidas sobre a volta do atleta aos treinos e partidas e ao lugar de destaque que o mesmo tinha até então. No entanto, Ronaldo, depois de já ter atendido ao chamado do herói e representando a seleção brasileira algumas vezes, passou por um período de dificuldades e provações, que demandou paciência e perseverança, sem a certeza da vitória. Ainda assim, o atleta continuou seu caminho e venceu, como os heróis clássicos. Não só venceu, como pode também voltar a atuar pela seleção brasileira, auxiliando a equipe na conquista do pentacampeonato mundial, na Copa do mundo do Japão e Coréia em 2002. Ao analisarmos a trajetória de Ronaldo, fica evidente que o mesmo vivenciou grande parte das fases da saga do herói, o que possibilitou sua ascensão ao status de mito. Ao longo desses anos, a imprensa foi noticiando os acontecimentos e interferindo na imagem mítica que os próprios haviam criado para Ronaldo devido à seqüência de acontecimentos. A população foi acompanhando e aderindo às imagens que a imprensa ia apresentando, hora lamentando a aposentadoria precoce do atleta, hora considerado-o responsável pela conquista do 5º título mundial de futebol masculino para o Brasil. A trajetória do mito Ronaldo - O fenômeno, ainda não chegou ao fim. Certamente à ele ainda serão atribuídas diversas imagens e caberá à população acatá-las, ou não.

A partir da análise desses recentes acontecimentos, nos parece ficar evidente que o atleta inicia seu processo de “mitificação” através das boas atuações em sua respectiva modalidade e destaque perante os demais atletas. No entanto, a mídia desempenha um papel imprescindível para que tal processo se estabeleça. Notícias sobre a vida pessoal em conjunto com os feitos esportivos dos atletas, concomitantemente provocam a identificação dos espectadores com os atletas e os elevam a um patamar mais alto, destacado dos “mortais”. Romário e Ronaldo, por exemplo, tinham suas origens em famílias humildes constantemente

noticiadas (Marques, 2005). Pertencer a famílias com origens humildes é um fator comum a muitos brasileiros, cuja maioria possui baixo poder aquisitivo. No entanto, mudar essa condição, vencendo a pobreza através de seu próprio esforço e mérito costuma ser incomum. Essa vitória é reservada a apenas alguns, e aqueles que a conquistam passam a ser admirados por tal feito, tornando-se referências, ídolos, mitos.

Remetendo a discussão ao âmbito mundial, podemos citar o caso de Michael Jeffrey Jordan. Considerado o melhor entre todos os atletas de basquetebol já vistos, Michael Jordan teve seu processo de transformação em ídolo cautelosamente pensado e calculado. De acordo com Andrews (1996) a temporada de 1980/1981 da liga nacional de basquetebol dos Estados Unidos, National Basketball Association (NBA) foi considerada ruim no que se refere à lucratividade. Cada uma das equipes que participou da competição funciona com uma franquia da NBA e na temporada em questão, apenas 7 de um total de 23 franquias tinham tido algum lucro. Todas as outras não atingiram tal objetivo e a procura pelos ingressos das partidas havia caído, tendo os espectadores ocupado apenas 58% da capacidade total de assentos nas arenas americanas. Tal situação agravava-se ainda, pelo fato de que muitos dos atletas atuantes na liga, cerca de 70%, eram afro-americanos e naquela época o preconceito racial era tão presente que distanciava os espectadores das, antes, tão disputadas, partidas da NBA. Tais atletas eram acusados de serem preguiçosos, irresponsáveis, egoístas, sem motivação, usuários de drogas, entre outros, mesmo em se tratando de Karren Abdul-Jabar e Julius Earving, que dominavam a liga. Além disso, homens negros eram generalizadamente associados a atividades criminosas, fato que também contribuía para o desprestígio da liga americana que via a quantidade de atletas afro-americanos aumentar paulatinamente. As empresas que anteriormente viam a liga como um bom meio de exposição dos seus produtos, passaram a ter a visão oposta, já que a imagem ligada à mesma passou a ser considerada relacionada ao uso de drogas e “excessivamente negra”. Os patrocinadores consideravam os atletas negros de destaque incapazes de vender refrigerantes, cereais, tênis entre outros produtos. O prestígio da liga caiu aos poucos, acompanhado pelo interesse daqueles que a mantinham e seguido pelo interesse dos espectadores, que não mais se identificavam com o novo cenário presente na liga, instaurando-se assim, uma das maiores crises da história da NBA. A liga que antes disputou espectadores com as modalidades preferidas entre os americanos, o futebol americano e o baseball, não mais ameaçava a hegemonia de nenhuma delas. (ANDREWS, 1996).

Buscando reverter tal situação, foi elaborada e posta em prática uma política anti-drogas, entre outras medidas tomadas pela direção da liga. Garantiu-se que as partidas seriam transmitidas em diversos canais importantes no cenário americano em horário nobre, e foram criadas a NBA Properties, NBA Entertainment, NBA International e NBA Ventures, formando um conglomerado multifacetado com atuação em diversas áreas, a exemplo do conglomerado Disney World. Aproveitando-se do fato de que o basquetebol é um esporte propício para a utilização de recursos tecnológicos, e que os atletas e suas emoções não estão “escondidos” pelos capacetes ou bonés, como no futebol americano ou no baseball (as modalidades esportivas mais populares nos Estados Unidos).

Concomitantemente, uma geração de atletas considerados de boa qualidade começou a ter destaque na NBA. Earving “Magic” Johnson, e Larry Bird eram alguns dos nomes que surgiam nesta época e passaram a fazer parte da investida para ressuscitar o significado da NBA para a população americana. Compactando com a prerrogativa de que os espectadores precisavam se identificar com alguns dos jogadores, para que acompanhassem novamente os jogos da liga, a maneira de transmissão das partidas foi modificada. Os atletas passaram a ser filmados de perto. Seus rostos, seu esforço e sua garra foram repetidamente transmitidos aos espectadores, e aspectos da vida pessoal dos mesmos foram sendo noticiados aos poucos. Os espectadores não torciam mais para o atleta Magic Johnson, mas sim para o homem Magic Johnson e os responsáveis por esta mudança comemoravam a transformação da NBA, que passava a ser um conglomerado voltado ao entretenimento. Comparavam-na com a Disney World, dizendo que seus parques temáticos eram as arenas, ou seja, os ginásios e seus personagens ao invés de Mickey Mouse e seus amigos eram Magic Johnson e Michael Jordan. (ANDREWS, 1996).

Ainda de acordo com o autor valorizando o ambiente propício para discussões sobre o preconceito racial que se formava na época, imagens foram sendo construídas sobre os atletas de destaque na liga, dentre os quais Larry Bird aparecia como a grande esperança branca, já que se destacava por um desempenho excepcional em uma atividade onde os negros eram a maioria. Neste cenário, Magic Johnson surgia como o negro simpático com um estilo pacífico, não ameaçador e de sorriso amigável, contribuindo para a queda da imagem negativa que os atletas negros tinham anteriormente. No entanto, a mais ousada estratégia para a demonstração da harmonia racial na NBA, seguindo os padrões das campanhas governamentais da época, foi a

transformação de Michael Jordan num ícone americano. O atleta obviamente já se destacava por seu desempenho nas partidas e foi transformado numa versão negra de um modelo cultural branco, neutro, íntegro e amigável, traduzindo uma visão americana moderna, unânime e racialmente imparcial. Michael Jordan não era um americano com descendência asiática, árabe, latina ou africana. Era simplesmente americano e essa era a imagem de transcendência racial transmitida através do atleta. Tal estratégia transformou a NBA numa liga racialmente estigmatizada numa indústria do entretenimento em expansão. Neste novo cenário, os atletas já eram considerados ídolos, sendo responsáveis pela venda de inúmeros produtos relacionados ou não ao basquetebol. Sua imagem de heróis era tão significativa que participavam dos anúncios de refrigerantes, cereais, tênis, roupas, ente outros. Michael Jordan foi, em toda a história da empresa Nike, o único a ter uma linha exclusiva de produtos (chamada Air Jordan) que levava somente o seu logotipo, sem o famoso símbolo da empresa que consta em todos os outros produtos produzidos e vendidos pela mesma. Tal linha ainda é comercializada atualmente, mesmo após a aposentadoria do atleta.

Depois de se estabelecer coesivamente nos Estados Unidos, a NBA iniciou uma expansão mundial de seu conglomerado, através da circulação das partidas transmitidas pela televisão, que passaram a ser veiculadas para diversos países, levando a excelência americana no basquetebol a conhecimento do mundo. Assim sendo, o mesmo processo de popularização da liga obteve sucesso nos mais diversos países do mundo, como na Polônia, Nova Zelândia, Japão, e conseqüentemente no Brasil. Tais países, que tinham outras modalidades entre as mais populares, passaram a assistir, admirar e a consumir basquetebol e mais uma vez o objetivo da NBA estava sendo alcançado. Segundo Andrews et al. (1996) os produtos da NBA eram sinônimo de status e poder aquisitivo na Polônia após a derrota comunista, e Michael Jordan era identificado por muitos jovens como ídolo esportivo preferencial. O auge dessa política de expansão mundial ocorreu quando a liga americana permitiu que os atletas que nela atuavam participassem de eventos internacionais promovidos pela Federação Internacional de Basquetebol (FIBA) e o mundo pôde assistir aos ícones mundiais do basquetebol masculino atuando em uma mesma equipe, defendendo os Estados Unidos nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992. O “Dream Team” (time dos sonhos) sagrou-se campeão dessa edição dos Jogos Olímpicos, veiculando mundialmente a excelência dos atletas americanos e conseqüentemente, conquistando mais espectadores e consumidores de produtos NBA.

Políticas de expansão continuaram a ser desenvolvidas e aplicadas, e atualmente, não só a NBA é mundialmente conhecida, mas a Womens' National Basketball Association (WNBA), versão feminina da liga e a National College American Association (NCAA), a liga americana universitária de basquetebol, também passaram a integrar os noticiários esportivos como exemplo de excelência no basquetebol. Tamanho êxito tem reflexos mundiais, na FIBA, cujas regras foram recentemente modificadas, através da adesão de regras anteriormente utilizadas apenas nas ligas americanas.

Diante das observações supracitadas, é possível identificar uma relação profunda entre os ídolos esportivos e mídia, já que os mesmos se destacam, inicialmente, no desempenho esportivo, mas dependem intimamente dos meios de comunicação para a sua promoção e reconhecimento público em nível nacional e mundial, e principalmente, para a associação dos mesmos ao mito do herói. As notícias sobre a vida pessoal dos atletas, a valorização de sua trajetória para atingir o sucesso e da rotina diária de luta e perseverança, são responsáveis pela identificação ou admiração dos espectadores com os atletas, justificando a idolatria. Os meios de comunicação de massa são formadores de opinião em potencial na atual era da globalização, já que a informação tem grande alcance em um curto espaço de tempo. Através desse poder, a mídia pode construir imagens, fazê-las durar algum tempo e posteriormente desconstruí-las, como foi o caso de Ronaldo ao longo de sua carreira de vitórias e dificuldades. Os meios de comunicação e os patrocinadores decidem a maneira pela qual a notícia será transmitida, em qual momento, e o que será enfatizado em cada uma das notícias, valorizando certos aspectos, geralmente os relacionados ao heroísmo, em detrimento de outros.

Outro tipo de relação atleta/mídia pode ser verificado no caso NBA. Aproveitando-se das discussões políticas presentes na época e da boa atuação de alguns atletas, representantes da liga americana valorizaram as características pessoais de alguns deles, que acabaram auxiliando na mudança de imagem da mesma perante os espectadores e devolvendo o prestígio conquistado anteriormente.

Proni (2002) ao interpretar Brohm sob uma perspectiva sociológica pontua que o campeão, ou seja, o atleta de destaque é a referência absoluta e o modelo a ser seguido, pois é dotado da eficiência técnica que o transforma em uma máquina de produzir resultados. É também a mercadoria que assegura a promoção do espetáculo esportivo, bem como um exemplo de comportamento, superação, que transmite a idéia de que o esforço pessoal pode compensar. Além

disso, o atleta de destaque pode atuar como um mediador de massas e Estado, pois representa o prestígio do país no cenário internacional. Diante disso, o autor afirma que o universo esportivo se faz repleto de heróis, que precisam ser produzidos e “renovados”, consagrando-os através dos meios de comunicação em massa.

Assim sendo, nos parece evidente que a mídia é importante elo na cadeia que leva um atleta, uma equipe e conseqüentemente a modalidade em questão a um lugar de destaque em cenários de diversos âmbitos (municipais, regionais, nacionais e mundiais). Desempenha o papel de divulgar os fatos e acontecimentos do mundo esportivo e a população acessa essas informações de acordo com seu interesse e principalmente com o destaque dado pela mídia àquela notícia. As informações sobre as quais são feitas propagandas, que são repetidas em diferentes edições dos programas televisivos, ou diferentes meios de comunicação, que têm maior espaço nos jornais ou reportagens mais longas, certamente têm maior repercussão das que não os têm. No Brasil, por questões culturais, o futebol costuma ser a modalidade que, unanimemente, tem este espaço reservado nos noticiários e conseqüentemente sua notoriedade garantida. Até mesmo as divisões de acesso dos Campeonatos Estaduais e Nacional têm jogos televisionados, enquanto outras modalidades não têm suas competições mundiais transmitidas. Desta maneira, a mídia aparece como imprescindível fomentador das relações de popularidade de atletas, equipes e das modalidades que noticia, participando ativamente do processo de disponibilização das informações esportivas. Embora não seja a única, sua participação é determinante.

4 O Basquetebol

O presente estudo tem como foco o fenômeno sócio-cultural Esporte, mais especificamente o basquetebol em sua categoria feminina e diante disso, julgamos valiosa a elaboração de um breve histórico e nos utilizaremos de alguns estudiosos da modalidade com o objetivo de ilustrar os diferentes contextos em que a modalidade esteve envolvida ao longo de sua existência.

Ao contrário das modalidades que surgiram de adaptações e de práticas que aos poucos foram sendo institucionalizadas, o basquetebol foi intencionalmente criado com objetivos previamente definidos. Segundo Gallati (2007) surgiu nos Estados Unidos no ano de 1891 como uma alternativa de prática esportiva possível de ser realizada nos rígidos meses de inverno que enfrentavam os habitantes do estado de Massachussets, já que não era possível realizar atividades físicas ao ar livre naquele período. Com o objetivo de manter o condicionamento dos alunos que no verão jogavam beisebol e futebol americano, foi idealizado pelo professor James Naismith, e iniciado na Associação Cristã de Moços, uma entidade educacional internacional. O jogo não passou pelos processos de desportivização ocorridos com as práticas inglesas. Já foi criada com um conjunto de características e regras que possibilitaram a sua inserção no contexto esportivo (BENELLI 2007). Era inicialmente composto por 13 regras e tinha como alvo um cesto de pêssegos situado a 3,05 metros de altura, a mesma mantida até hoje em campeonatos oficiais. Aos poucos a modalidade foi sendo disseminada nacionalmente, após reconhecimento pelas autoridades americanas, que recomendaram a inclusão da modalidade na educação física escolar.

Conforme Gallati (2007) o basquetebol foi utilizado de diferentes maneiras, e em diferentes contextos acompanhando mudanças políticas e sociais. Após atingir disseminação internacional, recebeu os significados de atividade física higienista, componente da educação física escolar, lazer e como modalidade competitiva, entre outros. No entanto, para que as competições ocorressem, foram necessárias mudanças nas regras, que tornaram-se mais claras e numerosas, afim de regulamentar o jogo. Segundo a autora a primeira partida oficial de basquetebol foi realizada em 11 de março de 1892, no ginásio Harmony Hill, em Springfield.

Essa partida foi disputada entre alunos e professores, com vitória dos alunos.

No ano de 1904, o basquetebol fez sua primeira participação nos Jogos olímpicos, como modalidade de apresentação e logo na edição seguinte, pôde integrar o grupo das competições oficiais. Desde então o basquetebol foi se tornando cada vez mais conhecido e atualmente é uma modalidade cuja notoriedade internacional é evidente. Atualmente a NBA e a WNBA, ambas ligas profissionais americanas de basquetebol, têm destaque internacional e são transmitida a diversos países via televisão. As ligas, que no passado abrigavam poucos atletas estrangeiros, ainda têm em sua maioria atletas americanos, que agora dividem as quadras com vários atletas de diversas nacionalidades. Brasileiros, chineses, croatas, canadenses, argentinos, entre outros, atuam em equipes que disputam o melhor e mais conhecido campeonato de basquetebol do mundo, demonstrando que a prática da modalidade está disseminada internacionalmente e com qualidade.

4.1 O basquetebol no Brasil

Gallati (2007) afirma que em 1894 o basquetebol foi trazido ao Brasil por um professor de nome Augusto Shawn, que chegou ao país para lecionar no Colégio Mackenzie. A modalidade foi inicialmente aceita pelas mulheres, que rapidamente se envolveram na prática, dificultando a inserção dos homens no contexto, numa sociedade extremamente machista. No mesmo período também foi trazido para o Brasil o futebol, esporte considerado masculino, o que acabou distanciando mais o público masculino da prática do basquetebol. Aos poucos, o professor Shawn conseguiu trazer alguns alunos para as aulas, formando em 1896 a primeira equipe do Colégio Mackenzie. (GALLATI, 2007).

Nesse contexto, instituições do Rio de Janeiro também passaram a oferecer a prática da modalidade, sendo o primeiro torneio brasileiro, realizado na sede da Associação Cristã de Moços, na mesma cidade. Finalmente, a primeira equipe de basquetebol do Brasil sediada por um clube, foi organizada pelo America Futebol Clube, também no Rio de Janeiro. (GALLATI, 2007). Em 1922, foi convocada a primeira seleção brasileira que disputou um torneio contra as equipes da Argentina e Uruguai, sagrando-se campeã. Daiuto (1991) lembra que

o Brasil foi o primeiro país da América Latina e o quinto do mundo a conhecer o basquetebol. Nesse período e por vários anos, a prática do basquetebol no Brasil foi se organizando, mas permaneceu amadora. Por conta de leis internas e condições exigidas para a participação em Jogos Olímpicos, o amadorismo foi mantido até meados de 1950, o que também mantinha os ideais de Pierre de Coubertin intactos. No entanto, apesar de ser inserida das aulas de Educação Física, a divulgação da modalidade foi feita através dos clubes, a exemplo do modelo europeu e por muito tempo, o acesso à prática do basquetebol ficou restrito a alta sociedade brasileira, já que era necessário ser sócio do clube para participar das atividades oferecidas em suas dependências. (BENELLI, 2007)

No estado de São Paulo, o primeiro torneio foi organizado em 1925, e nessa edição, apenas as equipes da capital puderam participar. As equipes do interior puderam competir a partir de 1932. (BENELLI, 2007). De acordo com o site da Confederação Brasileira de Basketball (CBB) em 1933, houve uma cisão no esporte nacional devido à adoção do profissionalismo no futebol pelos clubes. Tal fato gerou a criação das entidades especializadas em modalidades específicas, que passaram a ser responsáveis pela organização das mesmas, o que culminou na fundação da Federação Brasileira de Basketball em 25 de Setembro de 1933. O nome atual (CBB) veio posteriormente, no ano de 1941.

Ao longo dos anos, o basquetebol brasileiro foi evoluindo e demonstrando tal evolução em títulos de expressividade internacional. O basquetebol masculino conquistou dois títulos mundiais nos anos de 1959 e 1963 obtendo também o vice-campeonato em 1954. O basquetebol feminino também obteve algumas colocações de destaque, entre elas o Campeonato Mundial em 1994, e o vice-campeonato seguido do terceiro lugar em Jogos Olímpicos, nos anos de 1996 e 2000 respectivamente. Tais conquistas colocaram o basquetebol do Brasil em posição de destaque no cenário internacional, proporcionando a atuação de atletas brasileiros nos campeonatos americanos (NBA e WNBA) e nos europeus.

4.2 O basquetebol feminino no estado de São Paulo

O basquetebol foi introduzido no ano de 1894 na cidade de São Paulo. Inicialmente a prática era realizada exclusivamente por mulheres, e somente mais tarde a

modalidade foi aceita e praticada pelos homens. Desde que foi trazido ao Brasil o basquetebol passou por diversos contextos, e permaneceu quase que exclusivamente no Estado de São Paulo até o final da década de 30, já no ano de 1940 realizou-se o primeiro Campeonato Brasileiro Feminino promovido pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Já nesse campeonato, a equipe de São Paulo tornou-se campeã, conforme conta Moreno (2006). Desde então, a modalidade foi sendo difundida pelo Brasil e o estado de São Paulo foi aos poucos se tornando o centro do basquetebol feminino brasileiro.

Segundo dados do site da CBB, desde que o Campeonato Nacional recebeu esse nome (já que anteriormente era chamado de maneira diferente), no ano de 1998, equipes sediadas dentro do estado de São Paulo venceram 8 vezes de um total de 10 torneios. Assim sendo, equipes com sede em outros estados venceram apenas 2 das edições. Outro dado interessante trazido pelo site computa que desde 1998, todas as edições do torneio tiveram mais equipes participantes do estado de São Paulo do que de qualquer outro estado brasileiro. Na edição do ano de 2008, existem 9 equipes na disputa do torneio e dentre elas, 6 são do estado de São Paulo.

Moreno (2006) elaborou um diagnóstico atual do basquetebol feminino no estado de São Paulo através de opiniões das atletas que participaram do 68º Jogos Abertos do Interior, no ano de 2004. Nesse estudo participaram 129 atletas que se dispuseram a responder os questionamentos do pesquisador. Em seu estudo o mesmo constatou que grande parte das atletas considera que o Estado de São Paulo ainda sendo o principal centro do basquetebol feminino brasileiro no que se refere a quantidade e a qualidade de atletas, equipes e oportunidades. Por outro lado, também um número significativo de atletas afirma que, tanto a qualidade apresentada pelas equipes e atletas, quanto a quantidade das mesmas tem diminuído ao longo dos anos e atribui tal fato a falta de patrocínio, incentivo, investimento, oportunidades para a prática, entre outros.

5 Processo e Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

5.1 O Contexto da Pesquisa

O presente estudo tem como questão central investigar as relações existentes entre a iniciação esportiva e o esporte profissional e as possíveis interferências a serem realizadas em função destas.

O esporte profissional é um dos significados que podem ser atribuídos ao fenômeno esporte e certamente o de maior visibilidade dentre todos. Tal visibilidade é garantida pelas competições e pela mídia, podendo atingir níveis municipais, regionais, estaduais, nacionais e até mesmo mundiais. Eventos esportivos são frequentemente noticiados nos meios de comunicação e procurados por espectadores que desejam assisti-los ao vivo. Diante disso, o esporte profissional passa a ser referência nos mais diversos âmbitos esportivos, dentre eles, a iniciação esportiva.

Esta, por sua vez, representa neste estudo, uma fase da vida esportiva pela qual os praticantes, futuros atletas ou não, passam, que merece especial atenção por ser a primeira de uma série de etapas que só poderão ter continuidade se esta garantir a permanência dos iniciantes esportivos na prática.

Neste contexto, tanto a iniciação esportiva, como o esporte profissional mostram-se de extrema relevância no cenário esportivo e merecem a atenção dos estudiosos da área e a compreensão de como se dá a relação entre ambos.

5.2 A Dinâmica do Estudo

O presente estudo teve sua dinâmica elaborada em 3 momentos. Num primeiro momento foi elaborado um referencial teórico através de fontes que pudessem esclarecer as

relações entre o fenômeno sócio-cultural Esporte, a iniciação esportiva, o esporte profissional e seus ídolos. Num segundo momento, foi realizada uma pesquisa documental nos arquivos da Federação Paulista de Basketball (FPB) para a definição dos sujeitos da pesquisa. Num terceiro momento foram entrevistados técnicos de categorias menores de equipes femininas de basquetebol que tiveram sede no estado de São Paulo num período de 1990 a 2006, na fase de pesquisa de campo. Posteriormente, as entrevistas foram analisadas para que fosse possível compor as considerações finais.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa exploratória, que conforme Gil (2002) envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão.

5.3 A Pesquisa Documental

A pesquisa documental possibilitou o acesso a dados contidos nos arquivos da Federação Paulista de Basquetebol (FPB). Tal pesquisa proporcionou a identificação dos sujeitos a serem entrevistados na pesquisa de campo, bem como trouxe informações quantitativas a respeito das equipes participantes das competições organizadas pela instituição.

5.4 Método – Análise de Conteúdo: procedimentos e contextualização

Diante das características do presente estudo, foi considerado adequado e conseqüentemente selecionado o método da análise de conteúdo, já que segundo Trivinõs (1987, p. 159) “tal método pode ser aplicado tanto em pesquisas quantitativas quanto nas qualitativas”. De acordo com o autor qualquer técnica (entrevista, questionário,) adquire sua força e seu valor exclusivamente mediante o apoio de um referencial teórico.

Trivinõs (1992) afirma que o método foi inicialmente utilizado para a interpretação das informações sagradas e passou por diversas adequações até que se consagrou com a obra de Bardin, no ano de 1977, *L'analyse de contenu*. Assim sendo, utilizaremos também

idéias de Bardin (1977) para ilustrar a escolha do método. De acordo com o autor, a análise de conteúdo é uma técnica de investigação objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações e tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações.

O conteúdo a ser analisado será acessado através de entrevistas semi-estruturadas, pois partimos de alguns questionamentos básicos embasados pela hipótese que apóia o estudo. Trivinos (1987) diz que através da entrevista semi-estruturada, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo de pesquisa.

5.5 O Instrumento de Pesquisa

O instrumento utilizado para a pesquisa de campo foi a entrevista semi-estruturada (APÊNDICE A) através da qual buscamos coletar as informações necessárias de maneira direcionada. As questões foram previamente elaboradas e submetidas à apreciação da banca de qualificação que verificou a necessidade de mudanças. Após a realização das alterações requisitadas, as entrevistas foram audiografadas através de um gravador digital em datas, horários e locais escolhidos pelos entrevistados, respeitando todas as cláusulas exigidas pelo Comitê de Ética que autorizou a realização das mesmas, bem como a alteração dos sujeitos, cuja necessidade foi identificada pela banca de qualificação.

5.6 Estudo Piloto

O estudo piloto foi realizado com um dos sujeitos, o que possibilitou a identificação da necessidade de modificação de algumas das perguntas, indicando a necessidade de outro piloto. Este, por sua vez, foi apresentado para a apreciação da banca de qualificação. Diante disso, o mesmo teve a relevante função de teste, através do qual esperávamos identificar possíveis modificações para posterior adequação dos pontos necessários. Assim sendo, um dos sujeitos respondeu à entrevista semi-estruturada, que foi examinada e considerada para a

elaboração dos resultados da pesquisa. Através deste processo, foi possível analisar a adequação dos procedimentos e das questões, para que posteriormente, pudessem ser feitos os ajustes necessários.

Estudo semelhante foi realizado por Pinheiro (2004) e buscou investigar as relações de interdependência entre a iniciação esportiva e esporte profissional no município de Campinas. Tal estudo obteve resultados satisfatórios e pôde também ser considerado referência para a presente pesquisa.

5.7 Definição dos participantes e os aspectos éticos da pesquisa

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas, comprovado pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido fornecido (APÊNDICE D).

Como procedimento descrito no projeto apresentado ao Comitê de Ética, as entrevistas foram realizadas e audiografadas diante de antecedente apresentação das perguntas aos entrevistados, sem caráter de invasão de privacidade, identificação dos sujeitos, dizendo respeito somente aos aspectos relativos às relações entre a iniciação esportiva e o esporte profissional.

As entrevistas, depois de audiografadas, foram transcritas na íntegra e estão presentes nos apêndices do estudo, para posterior análise. As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos sujeitos, em datas, horários e locais selecionados pelos mesmos.

5.7.1 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos que responderam às entrevistas semi-estruturadas, referentes à fase de pesquisa de campo do presente estudo, foram selecionados através dos critérios de inclusão

previamente elaborados de acordo com as necessidades do estudo. Assim sendo foram selecionados sete técnicos de basquetebol que foram convidados a responder a entrevista.

Os técnicos das equipes foram selecionados por serem os comandantes do processo de relacionamento que se dava entre as atletas profissionais e as categorias de base. Apesar de não serem os protagonistas do processo, podiam observar, vivenciar e até mesmo participar de diversas manifestações das relações e intervir, ou não, nas mesmas.

A partir dos critérios de inclusão dos sujeitos da pesquisa, identificamos nos arquivos da FPB aqueles que se encaixavam no perfil previamente definido. A partir dessas informações, os 7 técnicos foram selecionados pela técnica de randomização, que de acordo com Gil (2002), proporciona a cada sujeito a mesma chance de ser escolhido.

5.7.2 Critérios de inclusão dos sujeitos da pesquisa

Foram considerados sujeitos aptos a responder a entrevista semi-estruturada todos aqueles técnicos de basquetebol que compunham o perfil identificado pela presença de todas as características elencadas abaixo:

- A. Ser graduado em Educação Física;
- B. Trabalhar com modalidades esportivas no momento da realização da entrevista;
- C. Dirigir equipes femininas de categoria menor (11 a 14 anos) no período de 1990 a 2006, que possuíam:
 - C1. Vínculo com equipes profissionais que tinham atletas de destaque em seu elenco no referido período;
 - C2. Vínculo com patrocinadores relevantes daquele período.
 - C3. Classificações entre as finalistas de ao menos um dos Campeonatos Paulistas do referido período.

As características selecionadas para compor o perfil dos entrevistados foram previamente definidas de acordo com os objetivos do estudo. Os técnicos de categoria menor

foram escolhidos pelo seu contato com a iniciação das crianças na modalidade basquetebol, sendo estes os comandantes do processo, responsáveis por seu planejamento e implementação. Tinham contato freqüente com as aprendizas em basquetebol, participavam de seu cotidiano, e possivelmente presenciavam acontecimentos potencialmente relevantes a este estudo. Sua graduação em Educação Física foi considerada relevante para que em seus depoimentos tivessem, além da rica experiência, referências científicas, que não limitassem o discurso a uma questão puramente empírica e passional.

Com o intuito de investigar as relações que se estabeleciam entre as aprendizas de basquetebol e as atletas profissionais daquele momento esportivo, colocamos a necessidade de os sujeitos dirigirem equipes de categoria menor vinculadas a equipes profissionais que tinham em seu elenco atletas de destaque e patrocínio relevante. Essas variáveis tornavam as relações investigadas mais estreitas, já que os ídolos estavam próximos às crianças, no mesmo município, muitas vezes nos mesmos locais de treinamento. No entanto, a presença dos atletas de destaque dependia intimamente da vinculação das equipes a patrocinadores que pudessem arcar com os custos que um atleta de destaque demandava naquela época.

Sabe-se que o momento atual do basquetebol feminino brasileiro não é similar ao que a modalidade atravessou anteriormente. As classificações nos torneios não são mais expressivas, a saber, os Jogos Olímpicos de Pequim em 2008, em que o Brasil terminou o campeonato em último lugar do grupo, não se classificando para a próxima fase. Não obstante, não existem mais ídolos. Esse cenário distinto do conhecido pelos técnicos no período delimitado pelo estudo nos levou a necessidade de que os sujeitos ainda estivessem envolvidos com basquetebol atualmente. Dessa maneira teriam parâmetros para analisar ambos os períodos coerentemente.

As idades delimitadas para a seleção das equipes, baseou-se nos estudos de Moreno (2006) que verificou que a maioria das atletas que participaram dos 68 ° Jogos Abertos do Interior teve o primeiro contato com a modalidade entre 11 e 14 anos. Assim sendo, optamos por selecionar sujeitos que tivessem acesso a essa faixa etária.

5.8 Contato com os entrevistados e procedimento de coleta de dados

Os sujeitos foram contatados através de meios não presenciais, como e-mail e telefone. Durante o contato foram elucidados os objetivos e a relevância da pesquisa, para que posteriormente fosse possível o agendamento de um encontro no qual a entrevista foi realizada, após a análise das questões pelos sujeitos.

5.9 Procedimentos de análise dos dados coletados na pesquisa

5.9.1 Elaboração do roteiro de perguntas

As perguntas foram elaboradas a partir dos pressupostos do estudo, influenciadas pelo referencial teórico elaborado no primeiro momento da pesquisa. Assim sendo, as questões tiveram o objetivo de trazer à tona a problemática norteadora em questão, em forma de perguntas que pudessem resultar numa reflexão sobre a mesma.

5.9.2 Transcrição das entrevistas

As respostas às questões foram transcritas na íntegra, contendo todo o conteúdo relatado pelos sujeitos durante a realização das entrevistas e serviram de base para a análise necessária aos resultados da pesquisa. Cada sujeito teve sua identidade preservada e foi identificado através da letra T, correspondente a técnico, juntamente a um número, que diferenciará os mesmos entre si: T1, T2, T3, T4, T5, T6, T7. Os dados de cada sujeito estão disponibilizados num quadro explicativo, conforme demonstrado no item 1.5.

As transcrições estão anexadas ao estudo e posteriormente serão

disponibilizadas ao Centro de Memória da UNICAMP com o objetivo de se tornarem de fácil acesso a outros pesquisadores interessados.

5.9.3 Análise qualitativa do conteúdo das entrevistas

A análise de conteúdo foi realizada a partir do referencial teórico construído para o presente estudo, baseado na pedagogia do esporte. Assim sendo, serão consideradas informações relacionadas ao esporte profissional, a iniciação esportiva e a maneira pela qual eles dialogam; ao status de herói atribuído a muitos atletas e finalmente ao papel assumido pelos meios de comunicação nesse contexto.

6 Roteiro de Análise das Entrevistas

Pré-análise: organização do material, construção do perfil dos sujeitos, análise das respostas sujeito a sujeito, análise das respostas questão a questão.

Descrição analítica: transcrição e análise das entrevistas na íntegra, seguindo as perguntas do roteiro básico. Vale ressaltar que algumas das questões foram respondidas pelos sujeitos em momentos diferentes das perguntas específicas, assim sendo, iremos retirar dos depoimentos as respostas cabíveis às perguntas e analisá-las junto às respectivas questões. O contexto das afirmações poderá ser encontrado na transcrição das entrevistas da íntegra.

Descrição Inferencial: foram realizadas inferências individuais e em seguida, considerações do grupo todo. As inferências foram feitas a partir do corpo teórico construído para o presente estudo. Diante das análises, foram feitas discussões e conexões com a hipótese, tornando possível a elaboração das considerações finais.

7 Apresentação e análise dos Conteúdos das entrevistas

Para a apresentação e análise dos conteúdos as questões 9 e 10 foram condensadas, já que a maioria dos entrevistados as respondeu unidas.

- 1. Você percebia nos aprendizes de Basquetebol de _____ aprendizagem e manifestação de comportamentos que eram resultado de influência dos comportamentos de atletas de basquete profissional daquele momento esportivo?**

T1

Descrição Analítica Individual: O entrevistado atuou em dois municípios (M1 e M2), e diferencia as duas situações e os dois momentos do basquetebol feminino paulista. Em M1, o entrevistado foi técnico de basquetebol em um colégio e percebia que as alunas praticantes da modalidade realmente tinham as atletas profissionais como exemplos e as imitavam. Mas as atletas que atuavam na equipe profissional vinculada à instituição que lhes oferecia a prática, formavam uma equipe de médio porte, de acordo com T1. As aprendizas tinham como “espelho”, conforme o mesmo se referiu à referência, os ídolos nacionais, citadas, Paula e Hortência.

No entanto, quando se refere à cidade de M2, T1 explica que o trabalho realizado tinha um foco diferente. Segundo ele, existia um grande patrocínio envolvido no projeto em que trabalhou, o que possibilitou a presença de atletas de destaque na equipe principal. Hortência, Vânia e Vanira Hernandez e algumas estrangeiras foram citadas pelo entrevistado como exemplos. T1 destaca também a conquista do título Pan-americano e mundial como razões de *status* do basquetebol feminino no Brasil, pontuando que as atletas de destaque eram modelos em suas vidas profissionais e pessoais, sendo líderes positivas em momentos distintos. Afirma ainda que as aprendizas definitivamente manifestavam comportamentos aprendidos dos ídolos.

Análise Inferencial Individual: A partir das afirmações supracitadas, podemos inferir que T1 acredita que atletas profissionais de destaque e as conquistas de títulos de relevância internacional influenciaram crianças que buscam a prática do basquetebol feminino

naquele período esportivo.

T2

Descrição Analítica Individual: Explica que atuou em um município no momento em que a atleta Paula, um dos ícones do basquetebol feminino brasileiro, jogava pela equipe da cidade. Conta que na época em que o ídolo estava presente as partidas lotavam os ginásios e existiam muitas crianças praticando o basquetebol e que procuravam a prática por conta própria. Explica que depois que Paula deixou a equipe houve a falta de ídolos, o que fez com que os profissionais tivessem que convencer as crianças à prática. Diz que as crianças se identificavam e queriam ser iguais na quadra.

Análise Inferencial Individual: Diante do exposto podemos inferir que T2 acredita que os ídolos como Paula influenciam as crianças na escolha da modalidade que praticam, no caso o basquetebol. Supõe ser mais difícil a disseminação da prática de uma determinada modalidade sem a presença de ídolos da mesma.

T3

Descrição Analítica Individual: Afirma que existia uma influência que podia ser identificada através da realização de gestos técnicos, e de vestimentas entre outros. Conta que a identificação fazia relação com a posição em que as meninas atuavam principalmente se atuavam em posições similares aos ícones do basquetebol feminino.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que as aprendizas procuravam imitar seus ídolos com gestos técnicos e roupas porque tais fatores as tornavam mais parecidas com as atletas de destaque.

T4

Descrição Analítica Individual: Responde que percebia nas aprendizas de basquetebol manifestações de comportamentos aprendidos das atletas profissionais e cita Marta, Paula e Branca como exemplos delas.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T4 observava as aprendizas e as via tentando imitar a atletas profissionais de destaque daquele período esportivo.

T5

Descrição Analítica Individual: Responde afirmativamente e pontua que a existência do “espelho” (como se refere a modelo, referência) facilita o trabalho dos técnicos de categorias de base. Afirma que o ídolo atrai as crianças e a divulgação e cita Hortência, Marta e Janete como ídolos da equipe em que trabalhou.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que quando T5 fala sobre o “espelho” refere-se ao que as atletas profissionais representavam para as aprendizas. Assim sendo, explicita o tipo de relação que se estabelecia entre as atletas profissionais e as aprendizas, uma vez que estas tinham o desejo de ser iguais ou se aproximar ao máximo de seus ídolos. Inferimos também que para T5 a presença de atletas profissionais é fundamental para que o trabalho com as categorias de base se torne possível e executável. Quando afirma que o “espelho” facilita o trabalho dos técnicos, evidencia que na ausência dele torna-se difícil o desenvolvimento do trabalho.

T6

Descrição Analítica Individual: Responde afirmativamente e cita Paula, Vânia Hernandez e Karina como ícones do basquetebol feminino brasileiro.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T6 presenciou momentos em que as aprendizas de basquetebol feminino daquele momento esportivo se espelharam nas atletas profissionais.

T7

Descrição Analítica Individual: Afirma que as aprendizas se motivavam a aprender os fundamentos porque tinham o “espelho” das atletas profissionais. Conta que a possibilidade de mostrar o fundamento bem realizado por uma atleta profissional incentivava e facilitava o aprendizado.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T7 utilizava as atletas profissionais como exemplo o que, possivelmente, alimentava a admiração das aprendizas por seus ídolos.

2. A seu ver, como se manifestava no comportamento dos aprendizes essa influência dos

comportamentos das atletas profissionais? Quais sinais indicavam a existência dessas influências? Por favor, Exemplifique.

T1

Descrição Analítica Individual: Responde que as crianças de ambos os municípios sobre os quais nos falou, manifestavam as influências na imitação de gestos técnicos, arremessos, posições de defesa e até mesmo trejeitos nas comemorações de algumas atletas de destaque. Afirma também que quando trabalhou em outro estado, desenvolveu um trabalho no qual as atletas de destaque eram utilizadas como exemplos.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T1 acredita ser importante e válido o exemplo das atletas profissionais, já que se utilizava dos mesmos em seu trabalho.

T2

Descrição Analítica Individual: Identificou gestos técnicos (passes, arremessos, etc), na comunicação, na maneira de falar, de vestir, referiu-se a bandana na cabeça como exemplos de comportamentos que as aprendizas imitavam das atletas profissionais. Ressaltou que algumas crianças não se influenciavam tanto, e algumas até desistiam, mas que a maioria daquelas que estavam engajadas tinham sinais de influência.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T2 percebia a relevância dos exemplos e acreditava que a influência das atletas profissionais era maior entre aquelas meninas que já praticavam o basquetebol.

T3

Descrição Analítica Individual: Conforme exemplificou na questão anterior, as aprendizas tentavam aproximar seus gestos técnicos dos gestos das atletas profissionais. Citou também a bandana da Magic Paula como exemplo de influência na maneira de se vestir. Conta ainda que as aprendizas faziam questão de fazer seu “grito de guerra” (o grito no início da partida) igual ao da equipe profissional.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T3 observava diferentes manifestações de influência das atletas profissionais entre as aprendizas de basquetebol daquele momento esportivo tanto durante os treinos e jogos, como na vida social das meninas.

T4

Descrição Analítica Individual: Identifica as brincadeiras como um cenário em que podiam ser percebidas as influências, em momentos de descontração no treino. Nessas situações elas tentavam reproduzir gestos técnicos e jogadas que observavam na atuação das atletas profissionais durante as sessões de treinamento e partidas que acompanhavam.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que durante os treinamentos as aprendizas não brincavam de imitar as atletas profissionais, somente nos momentos de descontração. Talvez T4 não incentivasse esse tipo de imitação nesses momentos.

T5

Descrição Analítica Individual: Afirma que inicialmente as crianças visualizavam o ídolo sem o aprendizado. Depois, procuravam a prática do esporte e posteriormente passavam a observar o ídolo com o intuito de aprender e imitar. Diante disso, destaca gestos técnicos como o arremesso da Janete, a bandeja da Hortência, e até mesmo a respiração profunda da mesma atleta antes do lance-livre com exemplos.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T5 acredita que a existência de atletas profissionais de destaque motivava as crianças à procura da prática do basquetebol e as continuava motivando depois que elas iniciavam a prática.

T6

Descrição Analítica Individual: Destaca a manifestação de comportamentos ligados a vestimentas, exemplificando através da bandana que Magic Paula usava e muitas meninas desejavam. Conta que também assistiam aos treinamentos e observavam gestos técnicos, como por exemplo, o arremesso da Paula, que era considerado fora do padrão mecânico ideal de movimento, no entanto extremamente eficiente. Diz que incentivava a autocrítica e a descoberta da eficiência individual de cada aprendiz.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T6 incentivava a observação das atletas profissionais, bem como promovia discussões sobre as observações para que as aprendizas pudessem aprender e compreender, não somente imitar.

T7

Descrição Analítica Individual: Aponta a irritação com colegas que erravam, a revolta no momento em que era substituída como alguns dos comportamentos aprendidos pelas meninas. Afirma que procuravam salientar os aspectos positivos dos comportamentos das atletas profissionais e trabalhar os negativos (como os exemplificados acima), demonstrando que ídolos não são perfeitos e não agiam corretamente em tempo integral. Procuravam estimular esse tipo de crítica e discernimento.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T7 via fatores negativos importantes no estabelecimento das relações de idolatria, pois as meninas com quem trabalhava os manifestavam. Por isso explica que trabalhava os negativos e destacava os positivos.

3. Você considera que de alguma forma as aprendizas de basquete conviviam ou tinham algum tipo de relação social com as atletas de equipe profissional?

T1

Descrição Analítica Individual: Pontua que as atletas de destaque conviviam com as aprendizas em momentos que aquelas orientavam estas no treinamento ou quando algumas categorias menores treinavam junto com as equipes adultas. Conta que havia um campeonato de lances- livres em Sorocaba do qual Hortência participava e fazia contato com as demais participantes que ganhavam camisetas com fotos da atleta entre outros.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que os patrocinadores também observavam o sucesso das atletas de destaque e, portanto, organizavam os torneios como os de lances livres que acabavam promovendo a atleta, a marca dos patrocinadores, a equipe em que elas atuavam e a modalidade.

T2

Descrição Analítica Individual: Conta que geralmente não havia relação social das aprendizas com as atletas profissionais, especialmente das mais novas. Houve apenas um ano em que as atletas da categoria juvenil se aproximaram das atletas profissionais que eram muito jovens, o que facilitou a aproximação.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que o estabelecimento de relações sociais não era incentivado pelos técnicos.

T3

Descrição Analítica Individual: Afirma que as relações sociais não existiam porque a diferença etária era muito grande. As aprendizas eram consideravelmente mais jovens que as atletas da equipe profissional e estas pertenciam a um grupo seletivo de nível de seleção brasileira. Sendo assim, tinham muitos compromissos.

Análise Inferencial Individual: Podemos novamente inferir que os técnicos não incentivavam relações sociais, nesse caso, principalmente devido à diferença etária.

T4

Descrição Analítica Individual: Responde que não existiam relações sociais entre as atletas profissionais e as aprendizas, mas que aquelas demonstravam carinho e preocupação com as crianças e atletas de categoria menor e com que elas tivessem prazer em jogar basquetebol.

Descrição Analítica Individual: Podemos inferir que os técnicos não incentivavam as relações sociais entre as aprendizas e as atletas profissionais. No entanto, nos parece que estas tinham consciência do papel de referência que desempenhavam e se preocupavam que as aprendizas gostassem e mantivessem a prática do basquetebol.

T5

Descrição Analítica Individual: Afirma que relações sociais se estabeleciam somente entre as atletas da categoria juvenil e do profissional, devido à proximidade etária. As aprendizas mais jovens não tinham relações sociais com as atletas profissionais.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que esse não era um tipo de relação incentivado por T5.

T6

Descrição Analítica Individual: Afirma que a comissão técnica tinha a proposta de realizar alguns eventos periódicos dos quais participavam diversas categorias concomitantemente. Mas conta que o convívio social no cotidiano não existia.

Análise Inferencial Individual: A partir dessas afirmações podemos inferir que

a comissão técnica da qual T6 fazia parte percebia a relevância na unidade do projeto, planejando eventos com todas as categorias juntas. Também podemos inferir que os integrantes da referida comissão técnica julgavam positiva esse tipo de interação entre as aprendizas de diversas idades e as atletas profissionais.

T7

Descrição Analítica Individual: Conta que o convívio social não ocorria e nem era estimulado pelos técnicos, devido à diferença etária que existia entre as categorias. Explica, no entanto, que em alguns eventos que organizavam, as atletas profissionais eram sempre cordiais com as aprendizas e esse contato as estimulava.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que as atletas profissionais percebiam sua responsabilidade em representarem modelos e referências para as aprendizas. Ídolos nem sempre tem a oportunidade e disponibilidade de dedicarem alguma atenção aos fãs e essas atletas o faziam com sucesso.

4. A seu ver, como essas relações sociais se davam? Quais sinais indicavam a existência dessas relações? Se essa convivência existia quais os resultados que você percebia? Por favor, Exemplifique.

T1

Descrição Analítica Individual: conta que as relações se davam mais a partir de manifestações de comportamento, pois as aprendizas procuravam imitar seus ídolos. Exemplifica o comprometimento das atletas profissionais como algo que as aprendizas manifestavam.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que o aprendizado das meninas em relação às atletas profissionais tinha fatores positivos, como o comprometimento com os treinamentos. Tais fatores acabavam facilitando ao trabalho dos técnicos de categoria menor.

T2: Respondeu negativamente a questão anterior.

T3: Respondeu negativamente a questão anterior.

T4

Descrição Analítica Individual: Explica que as atletas e aprendizas tinham contato quando coincidia o início de um treino com o final de outro, e as mais jovens podiam observar as atletas profissionais. Conta que as atletas da categoria juvenil às vezes ficavam no banco de reservas da equipe profissional, e nesse caso estabeleciam-se relações sociais, pois a faixa etária das atletas era próxima.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que a diferença etária era um fator relevante no estabelecimento das relações sociais entre as diversas categorias de uma equipe. Podemos ainda, inferir que na equipe de T5 o contato entre as atletas não era marcadamente incentivado, já que as atletas e aprendizas se encontravam somente entre os treinamentos.

T5

Descrição Analítica Individual: Afirma que existem bons e maus exemplos e cabe ao técnico orientar e conduzir os fatos de maneira a garantir o acontecimento de situações benéficas às aprendizas. Conta que apontavam nas atletas profissionais os exemplos positivos de comprometimento, dedicação, entre outros. Dessa maneira, eles encaminhavam as aprendizas a conviver com outras aprendizas procurando identificar como modelos positivos, e utiliza o fato de Romário e Dunga terem ficado no mesmo quarto na copa do mundo de futebol dos Estados Unidos como exemplo. Afirma que Dunga era considerado um modelo positivo e que a comissão técnica atuou no sentido de proporcionar um exemplo para Romário.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T5 não só utilizava as atletas profissionais como exemplo de fatores positivos e negativos tentando trabalhá-los entre as aprendizas, como também possibilitava às mesmas a interação entre elas, tentando identificar bons exemplos na mesma categoria.

T6: Respondeu negativamente a questão anterior.

T7: Respondeu negativamente a questão anterior.

5. Você percebia nas aprendizas de basquete a aprendizagem e manifestações de valores,

que eram resultados dos valores das atletas de basquete naquele momento?

T1

Descrição Analítica Individual: Diz que Paula, Horência, Vânia, entre outras foram exemplo para tudo, inclusive valores. Conta que o valor de dedicação aos treinamentos era claramente percebido nas atletas que treinavam antes e depois dos períodos “obrigatórios” de treinos, durante feriados, entre outros. Destaca que o valor da importância da família foi sempre algo que elas conseguiam transmitir com sucesso, pois sempre se referiam às próprias famílias.

Análise Inferencial Individual: Valorizava a família e a dedicação das atletas. Assim sendo, podemos inferir que tentava desenvolver esses valores nas aprendizas e se utilizava dos exemplos das atletas profissionais para tal.

T2

Descrição Analítica Individual: considera esse tipo de relação de difícil identificação e mensuração. Afirma que os técnicos tinham o cuidado de incentivar as aprendizas a procurarem serem elas mesmas.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que nem todos os valores manifestados pelas atletas da equipe profissional eram considerados positivos, e por esse motivo, o aprendizado era voltado para a criação da individualidade.

T3

Descrição Analítica Individual: Conta que havia nas aprendizas a manifestação de alguns valores aprendidos com as atletas profissionais, e que auxiliavam os técnicos das categorias de base. Afirma que as aprendizas acompanhavam sessões de treinamento e partidas oficiais, e podiam ver comprometimento, pontualidade e assiduidade nas atletas profissionais. No entanto, diz que aspectos negativos também eram notados pelas aprendizas e eram trabalhados pelos técnicos devido à diferença de faixa etária.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que havia a preocupação freqüente dos técnicos em que as aprendizas aproveitassem os exemplos positivos, mas compreendessem os negativos, já que era impossível que não se observassem esses também.

T4

Descrição Analítica Individual: Responde afirmativamente e diz que as meninas se identificam com diversos fatores (professores, colegas), mas principalmente com as atletas adultas.

Análise Inferencial Individual: Tal resposta foi muito objetiva e não é possível fazer inferências a partir dela.

T5

Descrição Analítica Individual: Afirma que Hortência era sempre um modelo positivo de dedicação, pois sua chegada era geralmente antecipadamente ao horário previsto para os treinamentos e permanecia treinando depois do término das sessões. Conta que muitas vezes Hortência chamava uma das atletas de categoria menor para ajudá-la no treinamento, mas eram sempre as atletas da categoria juvenil. Como a proximidade com essa faixa etária era maior, pontua que estas eram as mais influenciadas pelos valores das atletas profissionais e destaca os valores financeiros como algo que as meninas observavam repetidamente.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que algumas das atletas de destaque consideravam importante o contato com as aprendizas. Assim, possibilitava às mesmas participarem de seu treinamento individual e a aprendizagem de gestos técnicos, além dos valores.

T6

Descrição Analítica Individual: Afirma que os técnicos estimulavam as aprendizas a observarem nas atletas adultas valores como o respeito (aos mais velhos, as colegas, a disciplina) e conta que obtinham êxito, pois elas eram capazes de identificar atitudes que representavam os valores nas atletas profissionais e associar, comparar com as situações pelas quais elas passavam.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que os exemplos, nesse caso traziam benefícios às aprendizas e às equipes e motivavam os técnicos a estimular ainda mais essa observação dos valores positivos das atletas profissionais.

T7

Descrição Analítica Individual: Cita determinação, comprometimento, e seriedade no trabalho como comportamentos aprendidos. Conta que a possibilidade das aprendizas observarem as conseqüências que a dedicação podia trazer (às atletas profissionais) facilitava o trabalho dos técnicos.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que as aprendizas se identificavam com as atletas profissionais e tinham o desejo de obter o mesmo sucesso que aquelas. Imitavam diversos fatores objetivando que as conseqüências disso as levassem ao mesmo êxito que as atletas profissionais tinham.

6. A ser ver como essas manifestações valorativas se manifestavam, quais sinais indicavam a existência dessas relações? Por favor exemplifique.

T1

Descrição Analítica Individual: Volta à situação de M1, onde a equipe profissional a qual era vinculada a equipe que treinou, não era de destaque. Explica as atletas treinavam um período de trabalhavam no restante do tempo e isso já era um exemplo de comprometimento. Conta que se suas atletas não tiravam boas notas, não podiam jogar. Pontua que a atualmente não existe mais tanta preocupação com tais fatores.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T1 tinha uma preocupação com a educação global das aprendizas e valorizava aspectos relacionados ao esporte bem como aspectos relacionados à vida das meninas.

T2

Descrição Analítica Individual: Afirma já ter respondido na questão anterior.

T3

Descrição Analítica Individual: Aponta o espírito de equipe, a tentativa de jogar em conjunto, a comemoração do êxito das companheiras, e interação para a busca de um objetivo comum como alguns dos valores manifestados pelas aprendizas. Por outro lado, haviam alguns fatores considerados por T3 como negativos, como por exemplo a supervalorização do resultado da equipe e nesse caso, julga caber o técnico o desenvolvimento de um trabalho que

amenize os problemas.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que o trabalho em equipe e o respeito ao próximo eram valores relevantes para T3 e que os aspectos negativos levantados pelo mesmo preocupavam. Assim sendo, apesar das equipes de categoria menor serem competitivas e disputarem torneios disputados, o aprendizado sobrepunha o resultado, o que não costuma acontecer nas categorias profissionais.

T4

Descrição Analítica Individual: Afirma que as aprendizas de basquetebol manifestavam valores aprendidos das atletas profissionais relacionadas ao comportamento delas fora de quadra e perante as outras equipes e atletas. Conta também que os técnicos da equipe em que trabalhava aproveitavam os bons exemplos das atletas profissionais e utilizavam-nos como referência. Reitera a questão da imitação dos gestos técnicos das atletas profissionais.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T4 relacionava o comportamento das atletas com os valores que elas tinham. Diante disso, as motivam a aprender a se comportarem segundo alguns valores aprendidos das atletas profissionais.

T5

Descrição Analítica Individual: Afirma que já explicou anteriormente e acrescenta que as aprendizas podiam agregar valores visuais trazidos das atletas profissionais.

T6

Descrição Analítica Individual: Conta que era possível identificar o aprendizado dos valores nas sessões de treinamento, onde as aprendizas expressavam, por exemplo, a compreensão dos limites de cada um, a paciência perante os erros das outras. Conta que essa relação também se dava em equipes juvenis e infanto-juvenis e que esses casos em particular chamaram sua atenção, pois nessa fase, as atletas tinham ídolos, mas já os identificavam como humanos, e se viam mais próximas a eles.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T6 incentivava a identificação com o ídolo, mas valorizava o resultado da associação dos comportamentos aprendidos à individualidade de cada aprendiza.

T7

Descrição Analítica Individual: Explica que a seriedade e o comprometimento das aprendizas se manifestavam principalmente nos compromissos realizados nos fins de semana. Afirma que os pais das aprendizas entendiam a importância e o profissionalismo envolvidos nos projetos que realizavam e não colocavam empecilhos para viagens e eventos durante os fins de semana.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que a presença das atletas profissionais de destaque influenciava não só as aprendizas, como também seus pais, que compreendiam e valorizavam aspectos que talvez não seriam claros caso eles não pudessem presenciar a seriedade do trabalho.

7. Você considera que de alguma forma as aprendizas de basquete identificavam-se com os atletas profissionais do basquete daquele momento esportivo?

T1

Descrição Analítica Individual: Destaca Paula, Hortência e Janete como as três principais atletas que podem ser consideradas ídolos do basquetebol brasileiro, mas também ressalta Karina. Conta que até hoje, as aprendizas que praticam basquetebol nos centros de treinamento dirigidos pela Janete, tentam imitar seus gestos, sua formação, tentando seguir suas orientações.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que não houve renovação dos ídolos do basquetebol brasileiro, já que as atuais aprendizas da modalidade continuam se espelhando principalmente nos ídolos que atuaram no passado.

T2

Descrição Analítica Individual: Identifica manifestações na maneira de andar, vestir, correr, arremessar, mas não na vida pessoal, já que era difícil essa relação devido à diferença de idade. Afirma que é possível identificar até hoje alguns gestos e características das atletas que já pararam de atuar.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir novamente que ao longo do

tempo não foram surgindo novos ídolos.

T3

Descrição Analítica Individual: Afirma que a identificação existia e se manifestava de diversas maneiras. Conta que as aprendizas assistiam aos treinos e jogos da equipe profissional e tentavam repetir gestos técnicos que podiam observar. Aponta a identificação através das vestimentas como um fator marcante, mas afirma que nesse sentido, tentava trabalhar com as aprendizas para que elas mantivessem sua individualidade.

Análise Inferencial Individual: Podemos mais uma vez inferir T3 incentivava as aprendizas a aprenderem com as atletas profissionais, mas que a individualidade era destacada para que as meninas também desenvolvessem sua identidade própria como atletas.

T4

Descrição Analítica Individual: Responde afirmativamente e ressalta a importância de diversas atletas nos municípios de Campinas, Sorocaba e Jundiaí, como locais que tinham equipes e atletas que representavam referências para as aprendizas de basquetebol daquele momento esportivo.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que Campinas, Sorocaba e Jundiaí foram sedes importantes de equipes de destaque no basquetebol feminino. Assim sendo, as aprendizas também valorizavam esses locais como bons centros de treinamento.

T5

Descrição Analítica Individual: Reitera a importância do “espelho” no trabalho das categorias de base a afirma que as aprendizas frequentemente tentavam imitar gestos técnicos, fintas e trejeitos dos atletas profissionais.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T5 incentivava as meninas a aprenderem com as atletas profissionais e acreditava que tal processo era positivo.

T6

Descrição Analítica Individual: Responde afirmativamente, explicando que muitas vezes as aprendizas não se identificavam necessariamente com o ídolo. Conta que muitas

delas se identificavam com atletas profissionais que atuavam nas mesmas posições que elas e que tinha um estilo de jogo semelhante. Destaca o exemplo da pivô Karina que veio ao Brasil e trouxe notoriedade e ressaltou a relevância de sua posição numa equipe de basquetebol.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que não somente os ídolos eram referência para as aprendizas. As atletas de menor destaque que atuavam nas mesmas posições em que elas treinavam também eram fonte de aprendizados e de motivação para as meninas.

T7

Descrição Analítica Individual: Cita Paula, Hortência e Karina como ídolos e conta que naquele período esportivo existiam muitas atletas se destacando. Afirma que as crianças em geral se identificavam e espelhavam nessas atletas.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que não só as aprendizas tinham ídolos como referência. Crianças em geral também entendiam a importância dos ídolos e eram influenciados por eles.

8. A seu ver, como essas relações de identificação se manifestavam? Que sinais indicavam a existência dessas manifestações?

T1

Descrição Analítica Individual: afirma que os uniformes eram sempre procurados, as crianças vestiam camisas numero 4 (em referência à Hortência), usavam a bandana igual a da Paula, que inclusive lançou uma marca com seu nome (Magic Paula). Conta que na época os jogos eram televisionados e o basquetebol era um produto vendável, interessante e consumido pela população.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que naquele período esportivo acompanhar o basquetebol feminino fazia parte dos hábitos da população e era freqüente a ponto de torná-lo um produto vendável e lucrativo para a mídia. A população definitivamente consumia esse produto, caso contrário o mesmo não interessaria à televisão e não existiria o consumo dos produtos relacionados aos ídolos.

T2

Descrição Analítica Individual: Segundo o entrevistado a identificação de manifestação de diferentes maneiras, relacionadas ou não aos treinamentos e jogos. Conta que as meninas queriam imitar a maneira das atletas falarem, mesmo não tendo as mesmas características. Já na quadra, a maneira como usavam as meias (até os joelhos), e as características de jogo (mais ofensiva, mais defensiva) também eram exemplos de identificação das aprendizas com as atletas profissionais.

Análise Inferencial Individual: Esses são sinais que nos permitem inferir que a influência das atletas profissionais era grande a ponto de se manifestar diariamente em situações relacionadas ou não ao basquetebol.

T3

Descrição Analítica Individual: Afirma ter respondido essa pergunta na questão anterior.

T4

Descrição Analítica Individual: Afirma que já deu exemplos nas respostas anteriores, mas reitera a busca da similaridade do movimento, e a postura fora de quadra e o respeito que as aprendizas identificavam nas atletas profissionais.

T5

Descrição Analítica Individual: Afirma já ter respondido nas questões anteriores.

T6

Descrição Analítica Individual: Afirma já ter respondido nas questões anteriores e reitera que as influências eram percebidas dentro e fora das quadras.

T7

Descrição Analítica Individual: Conta que as aprendizas acompanhavam integralmente as partidas das atletas profissionais. Tinham informações sobre os adversários, acompanhavam o rendimento da equipe e nas brincadeiras de quadra tentavam “ser” seus ídolos.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir a influência das atletas profissionais era grande a ponto de se manifestar diariamente em situações relacionadas ou não ao basquetebol.

ANÁLISE INFERENCIAL COLETIVA

Optamos por fazer a análise inferencial coletiva das questões de 1 a 6 em conjunto devido a inter-relação entre as perguntas e entre as respostas. Considerando que todas as perguntas estão relacionadas à aprendizagem e manifestação de diferentes tipos de comportamento, identificamos a possibilidade de melhor compreensão e maior clareza das idéias através da unificação das análises.

Foi consenso entre todos os entrevistados o fato de que as aprendizas manifestavam comportamentos aprendidos das atletas profissionais. Assim sendo, podemos inferir que todos os técnicos observavam que estas influências podiam ter resultados benéficos e as consideravam e tratavam como parte do processo de aprendizagem do basquetebol. A partir disso, fica evidente que esse processo se dava na maioria das equipes que possuíam equipes profissionais vinculadas à categorias de base e era, portanto, freqüente.

O “espelho” citado por alguns entrevistados é uma expressão utilizada coloquialmente no cenário esportivo que significa a referência esportiva, ou modelo a ser seguido. No caso desse estudo, os entrevistados identificaram o “espelho” como sendo de extrema relevância no interesse das aprendizas em relação ao basquetebol tanto em aspectos relacionados a aprendizagem da modalidade como à vida das aprendizas. Nesse sentido, a idolatria foi citada por alguns dos entrevistados como um fator que pode ser positivo ou negativo na opinião de vários dos técnicos, portanto podemos perceber no mesmos a preocupação e atuação para que as influências tivessem resultados positivos na vida esportiva e pessoal das aprendizas.

Nesse contexto, os entrevistados observavam gestos técnicos (arremessos, bandejas, dribles e posições de defesa), gritos de guerra, vestimentas, e imitação de trejeitos pessoais como exemplo de manifestações positivas da influência que as atletas profissionais exerciam sobre as aprendizas de basquetebol do período esportivo estudado. Entretanto, alguns dos entrevistados também identificaram manifestações de aspectos aprendidos pelas meninas que

consideravam negativos, exemplificados através da expectativa excessiva de resultados positivos, da cobrança exacerbada das colegas e a impaciência com as mesmas num momento de equívoco durante uma partida. Foi também unanimidade o fato de a ausência de relações sociais entre as aprendizas e as atletas profissionais.

Os sujeitos revelaram também que as aprendizas freqüentemente manifestavam a observação e aprendizagem de valores identificados nas atletas profissionais. Comprometimento, seriedade, empenho e determinação foram unanimemente citados pelos entrevistados como exemplos de valores aprendidos. Diante disso, alguns entrevistados afirmam que Paula e Hortência, que foram unanimemente citadas como ídolos na modalidade, demonstravam esses valores através de atitudes características e bem claras, como por exemplo, a permanência das atletas após as sessões de treinamento, para a continuidade da prática.

Assim sendo, podemos inferir que as aprendizas definitivamente se interessavam, acompanhavam as atletas profissionais e as consideravam referência no basquetebol. A identificação de manifestava de diversas maneiras e o fato de tentarem imitar as atletas profissionais nos direciona a inferir que as aprendizas almejavam serem parecidas com as atletas profissionais e se baseavam em suas características na vida pessoal e de atleta profissional.

9. Você participou da construção e condução desses processos identificados por você nas perguntas anteriores?

T1

Descrição Analítica Individual: Afirma que até hoje utiliza as atletas como exemplos para a equipe em que atua. Conta que antigamente uma das atletas de destaque costumava oferecer jantares em casa para as meninas que não apresentavam um bom desempenho naquele período com o objetivo de ajudá-las.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que não houve o surgimento de novos ídolos, pois ainda são utilizados exemplos dos que atuaram no passado. É possível também inferir que as atletas de destaque não só compreendiam, como aceitavam a responsabilidade de ser referência no basquetebol.

T2

Descrição Analítica Individual: Afirma que não costumava incentivar a imitação e que freqüentemente incentivava a individualidade das atletas. Acredita que cada atleta tem seu perfil e sua maneira e que esperar que elas realizem alguns gestos similares aos de seus ídolos, podia significar o insucesso. No entanto afirma que chamava a atenção das aprendizas para alguns comportamentos das atletas profissionais, como por exemplo o comprometimento de continuar arremessando depois do final da sessão de treinamentos. Esses eram utilizados como exemplos positivos e eram destacados para que pudessem ajudar na construção das novas atletas. Conta que os exemplos positivos são utilizados por ele até hoje, e que são os mesmos, já que atualmente não considera que tenhamos ídolos no basquetebol feminino brasileiro.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que não houve o surgimento de novos ídolos, pois ainda são utilizados exemplos dos que atuaram no passado. T2 incentivava as aprendizas a aprenderem com as atletas profissionais, mas a individualidade era destacada para que as meninas também desenvolvessem sua identidade própria como atletas.

T3

Descrição Analítica Individual: Conta que tentava destacar os bons exemplos das atletas profissionais como modelos. A ajuda na defesa durante as partidas, a dedicação das atletas que treinavam fora horário devido, o empenho. Procurava mostrar que para que um indivíduo se destacasse em outras áreas que não somente o esporte, esses eram valores e atitudes necessários. Diz que durante a condução desse processo também era necessário lidar com os aspectos negativos e citou a cobrança que as aprendizas se faziam em ter resultados similares aos da equipe profissional. Afirma que esses casos tinham de ser trabalhados aos poucos.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T3 incentivava as meninas a aprenderem com as atletas profissionais, mas a individualidade era destacada para que as meninas também desenvolvessem sua identidade própria como atletas.

T4

Descrição Analítica Individual: Afirma que incentivava as meninas mais jovens a assistirem aos treinamentos e jogos das equipes imediatamente mais velhas que elas (por exemplo, as atletas da categoria pré-mini a acompanharem os jogos da categoria mini, e assim sucessivamente) e se utilizava dos exemplos nos treinamentos.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T4 julgava benéficos os aprendizados que se davam com o estabelecimento das relações.

T5

Descrição Analítica Individual: Explica que a comissão técnica era responsável por apontar os exemplos positivos e destacá-los para que as aprendizas pudessem observar e aprender com aqueles que agregavam bons valores. Motivavam as aprendizas a assistirem jogos, e salientavam laces técnicos de jogos e a postura de atletas em momentos difíceis. Afirma que a filosofia de trabalho de todas as categorias, no projeto em que trabalhou, era a mesma e que conduziam linhas de trabalhos iguais. Assim sendo, todas as aprendizas de uma equipe iam sendo preparadas para a próxima categoria e assim sucessivamente.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T5 julgava benéficos os aprendizados que se davam com o estabelecimento das relações. É possível também inferir que toda a comissão técnica do projeto em que T5 trabalhava pensava da mesma forma.

T6

Descrição Analítica Individual: Considera os técnicos intermediários diretos na construção do comportamento das atletas em especial nos primeiros anos de equipes de base. Julga ser do técnico a função de adequar os comportamentos ao grupo e cita exemplos de atletas com quem teve a oportunidade de trabalhar. Afirma que frequentemente utilizava as atletas profissionais como exemplos, mas que também utilizava como exemplos pessoas que não eram atletas, e que também tinham condutas positivas e agregam valores na vida de uma maneira geral.

Afirma também que conduziam as relações promovendo eventos que procuravam integrar as diferentes categorias com que trabalhavam. Promoviam churrascos, amigos secretos, festivais onde as aprendizas mais velhas ajudavam a organizar e arbitrar partidas das aprendizas mais jovens, possibilitando às atletas profissionais conhecerem as aprendizas e vice e versa.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T6 julgava benéficos os aprendizados que se davam com o estabelecimento das relações. É possível também inferir que toda a comissão técnica do projeto em que T6 trabalhava pensava da mesma forma.

T7

Descrição Analítica Individual: Conta que não participava tão intensamente da construção, pois era técnica somente das mais jovens. Diz que sua contribuição era fazer com que as aprendizas valorizassem o que as atletas profissionais faziam, mas sempre tomando o cuidado de não formar um grupo de fãs. Tinham o objetivo de que elas pudessem aprender com as mais velhas, mas ter sua individualidade e valor. Cita algumas atletas que atuaram em equipes de base dirigidas por T7 e já integraram a seleção brasileira adultas nos últimos torneios disputados: Mikaela, Adrianinha e Karla. Conta também que a filosofia do projeto todo, ou seja, de todas as categorias era a mesma. Todos os tinham essa mesma linha de trabalho, portanto a valorização e a individualidade se mantinham durante todo o processo.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T7 julgava benéficos os aprendizados que se davam com o estabelecimento das relações e que toda a comissão técnica do projeto em que T7 trabalhava pensava da mesma forma. No que se refere as atletas que atuaram em categorias de base que T7 dirigiu, podemos também inferir que é possível observarmos dois tipos de relação que se estabelece entre a iniciação esportiva e o esporte profissional: as atletas profissionais motivam as aprendizas à prática. Algumas delas se mantêm na prática até chegarem ao profissionalismo, e se destacam entre as atletas de sucesso de seu período esportivo, retroalimentando o processo que as levou a iniciar e manter a prática do basquetebol.

ANÁLISE INFERENCIAL COLETIVA

A maioria dos entrevistados considera que os técnicos são os intermediários responsáveis pela construção e condução dos comportamentos aprendidos e manifestados pelas aprendizas. Sendo assim, unanimemente destacavam os bons exemplos que identificavam nas atletas profissionais e incentivavam o aprendizado dos mesmos, bem como o acompanhamento dos jogos e sessões de treinamento. Gestos técnicos e valores apareceram como os aspectos destacados pelos técnicos, que também procuravam promover reflexões sobre exemplos negativos e sobre a importância da individualidade de cada aprendiza. Nesse contexto, dois dos entrevistados afirmam que suas equipes promoviam eventos que envolviam todas as categorias e que os mesmos motivavam as aprendizas, pois podiam ter contato com as atletas profissionais que eram seus ídolos.

Diante dessas informações, podemos inferir que a construção e condução das

relações eram pouco planejadas pela maioria dos entrevistados, mas estava presente no cotidiano de todos eles e em seus treinamentos. Assim sendo, nos parece evidente que as relações que se estabeleciam podiam ser benéficas e eram vistas pelos técnicos como tal.

10. Como se dava a informação da população local em relação ao basquete feminino?

T1

Descrição Analítica Individual: Afirma que as prefeituras faziam parcerias com a imprensa e as secretarias de esporte também participavam. Conta que em outro lugar em que trabalhou, Hortência participava na inauguração de centros de treinamento em cidades pequenas, e que nesse período existiam 2400 praticantes da modalidade no estado. Aos poucos as pessoas se interessavam por basquetebol.

Análise Inferencial Individual: T1 nos mostra que a associação da disseminação da modalidade feita com o auxílio dos ídolos, a disponibilização do acesso à prática e o investimento do poder público resultava na popularização do basquetebol e na massificação da prática.

T2

Descrição Analítica Individual: Afirma que a imprensa, na cidade em que trabalhou sempre foi muito participativa. Naquele período, a televisão aberta noticiava o basquetebol, estimulando todos a compreenderem a modalidade. Atualmente, a mídia ainda tem uma importante participação na divulgação dos acontecimentos ligados ao basquetebol, mas alguns são acessíveis somente através da televisão paga. Existem 6 canais que acompanham e noticiam o esporte local.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que os meios de comunicação podem atuar na popularização de determinada modalidade.

T3

Descrição Analítica Individual: Acredita ser uma característica de cidades pequenas o hábito de assistir ao esporte. Afirma que tais municípios não têm muita oferta social e a população acaba se identificando com o esporte. Diante disso, afirma que no período em que

trabalhou no município sobre o qual nos falou, a população acompanhava os treinamentos, as partidas e a propaganda ocorria entre os próprios espectadores. Além disso, conta que os meios de comunicação também participavam da divulgação do basquetebol local.

Análise Inferencial Individual: Nesse caso, podemos inferir que os meios de comunicação atuavam na popularização da modalidade, mas a população local já tinha o hábito de acompanhar o basquetebol e participava, portanto da disseminação das notícias relacionadas à mesma.

T4

Descrição Analítica Individual: Conta que Piracicaba se identifica com basquetebol feminino desde a década de 70 e que a população sempre prestigiou os eventos relacionados à modalidade. Afirmar que chegou a atuar em uma final da categoria A2 na qual cerca de 2000 espectadores estavam presentes.

Análise Inferencial Individual: podemos inferir que os meios de comunicação atuavam na popularização da modalidade, mas a população local já tinha o hábito de acompanhar o basquetebol e participava, portanto da disseminação das notícias relacionadas a mesma.

T5

Descrição Analítica Individual: Aponta outra cidade em que trabalhou e afirma que em ambas o basquetebol era bem aceito. Conta que quando as equipes tinham grandes patrocinadores e tinham ídolos em seus elencos, isso tornava a realização do trabalho deles mais fácil e a aceitação e admiração do público mais evidentes. Pontua que a população em ambas as cidades adquiriu e manteve por algum tempo o hábito de assistir e praticar o basquetebol, mas que esse fenômeno não se restringe a essa modalidade. Afirmar que equipes de outras modalidades que se destacavam também chamavam a atenção do público. Conta ainda que a imprensa nacional noticiava jogos e acontecimentos ligados ao basquetebol feminino.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que a participação da imprensa divulga a modalidade e faz com que a população possa compreendê-la melhor. Essa relação foi sendo alimentada e criou-se o hábito de acompanhar a modalidade e esta foi aos poucos adquirindo o prestígio local.

T6

Descrição Analítica Individual: Conta que quando trabalhou em Piracicaba a televisão noticiava o basquetebol feminino em épocas de semifinais e finais de campeonato. A população local por sua vez acessava as notícias através dos jornais locais impressos e do rádio, que era um meio de comunicação utilizado na cidade. Compara tais fatos com seu local de trabalho atual e conta que na época em que a equipe adulta profissional existia a imprensa de alcance nacional freqüentemente filmava treinos e entrevistava as atletas. Afirma que no ano de 2000 a equipe adulta foi extinta e a partir de então trabalham somente com categorias de base. Segundo o entrevistado, após a extinção da equipe profissional adulta, o interesse da imprensa e o das crianças diminuiu. Identifica esse fato através das “peneiras” (processo seletivo ao qual os atletas são submetidos para que possam passar a integrar uma equipe específica). Conta que o voleibol atualmente (que conta com a presença de uma equipe adulta profissional) tem entre 500 e 600 crianças em cada peneira que realiza, números próximos aos alcançados pelo basquetebol no período em que a equipe profissional existia (em torno de 450 ou 500 crianças). De acordo com a entrevistada o basquetebol tem atualmente cerca de 100 meninas pleiteando uma vaga nas equipes do município em que trabalha.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que os interesses dos meios de comunicação estão voltados para o esporte profissional e a associação de ambos atua no sentido de motivar as crianças a procurar e manter a prática de uma modalidade específica. T6 traz exemplos do voleibol e do basquetebol que embasam tais inferências. No caso do basquetebol, torna-se evidente que a procura para o ingresso na prática da modalidade na equipe onde T6 trabalhava diminuiu consideravelmente quando a equipe profissional foi extinta.

T7

Descrição Analítica Individual: Conta que os jornais impressos e a televisão freqüentemente apresentavam notícias relacionadas a basquetebol feminino e que isso mantinha a população informada e acompanhando o desempenho da equipe. Destaca a torcida da Ponte Preta na época da equipe da Nossa Caixa/Ponte Preta.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que a imprensa atuava na divulgação do basquetebol feminino de forma relevante. A popularidade da modalidade cresceu a

ponto de passar a fazer parte do cotidiano dos torcedores de futebol da equipe da Ponte Preta.

ANÁLISE INFERENCIAL COLETIVA

Os entrevistados foram unânimes em afirmar que a imprensa participava do processo de informação da população local em relação ao basquetebol. Em alguns casos o rádio e a televisão foram citados como meio de divulgação das notícias, mas o jornal impresso foi o que apareceu nas respostas com maior frequência. Além disso, a propagação das notícias entre a população também foi citada juntamente com a aquisição do hábito de acompanhar o basquetebol feminino.

Tais informações nos encaminham a inferir que a imprensa geralmente era o principal meio de divulgação das informações relacionadas ao basquetebol feminino e que esta tinha interesse em participar dessa divulgação, pois havia também o interesse da população, tornando o a modalidade um produto rentável. Assim sendo, em 100% dos casos investigados, o basquetebol era acompanhado pela população local.

11. Como se dava a participação dos meios de comunicação no estabelecimento das relações de identificadas por você nas perguntas anteriores?

T1

Descrição Analítica Individual: Explica que existiam repórteres exclusivos do basquetebol e que na época as categorias menores faziam as partidas preliminares dos jogos da categoria adulta. Dessa maneira, os pais iam assistir à suas filhas e aos poucos iam se interessando por basquetebol. A imprensa e a prefeitura buscavam destacar as meninas que eram nascidas e criadas na cidade e em um dos municípios em que trabalhou, todas as integrantes da equipe eram. Assim, a população também ia se interessando e a popularidade crescia. Conta que nesse caso, o ginásio comportava 2000 espectadores e ficava lotado em finais de categoria mini.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que o basquetebol era uma modalidade em destaque e um produto vendável que interessava a imprensa e principalmente à população. O fato de existirem repórteres exclusivos para as notícias relacionadas ao basquetebol demonstra a demanda de informações acerca do assunto e a atenção que a imprensa dedicava à

modalidade.

Já a informação das categorias menores participarem das partidas preliminares das categorias adultas, nos leva a inferir que a divulgação se dava a partir da equipe profissional, mas não se limitava a ela, pois inseria outras categorias nesse contexto também.

O prestígio da modalidade fica evidente quando T1 conta que os ginásios ficavam lotados de espectadores nas finais de categoria menor. Não só a equipe profissional despertava o interesse da população, mas também as categorias menores tinham popularidade a ponto de lotar os ginásios.

T2

Descrição Analítica Individual: Afirma que os canais abertos e os canais pagos tem influência relevante na vida esportiva da cidade e noticiam diversas modalidades, não somente o basquetebol. Considera essa divulgação um diferencial e atrativo da população que reverte em participação nos programas da prefeitura, que por sua vez, garante o acesso a prática. Observa que a presença da mídia atrai patrocinadores e auxilia na criação do vínculo da população com a modalidade, sejam eles praticantes ou apenas espectadores.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que a presença da imprensa e a divulgação de notícias sobre a modalidade atraem espectadores, praticantes e patrocinadores. Estes, por sua vez, podem melhorar através de recursos, a qualidade do trabalho desenvolvido, possibilitando assim, melhores resultados. Os resultados melhores podem atrair ainda mais a atenção da imprensa reiniciando um ciclo.

T3

Descrição Analítica Individual: Diz que a imprensa realmente exercia um papel importante, tanto na divulgação do basquetebol, quanto dos patrocinadores: divulgava os patrocinadores e os estimulava à continuação do patrocínio. Divulgava também o trabalho desenvolvido pelos técnicos e atraía adeptos da prática esportiva, principalmente crianças. No entanto, ressalta que existiam alguns fatores negativos na ação da imprensa, como a supervalorização de resultados e a busca por novos ídolos. Afirma que isso afetava principalmente as categorias de base formadas por adolescentes, pois atenção maior era voltada às crianças e a equipe profissional.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que a conquista de resultados estimulava a continuidade do trabalho, já que os motivava a manter o patrocínio à equipe. Com a garantia dos recursos vindos dos patrocinadores, os ídolos podiam ser mantidos nas equipes, os resultados continuavam satisfatórios, e assim ia se estabelecendo uma cadeia da qual a imprensa era um importante componente, pois mantinha a união de todos os elos.

Podemos também inferir que a imprensa também auxiliava no despertar do interesse pela prática esportiva. Conforme o trabalho realizado pela equipe profissional era divulgado pela mesma, mais indivíduos se interessavam e ingressavam a prática do basquetebol feminino. Entretanto, podia atuar de maneira negativa, correndo o risco de desmotivar atletas candidatas a profissionalização. A busca por novos ídolos também demonstra que os estes eram os produtos que garantiam e alimentavam os espetáculos esportivos. Assim sendo, os meios de comunicação buscavam novos ídolos, para que a renovação garantisse o espetáculo.

T4

Descrição Analítica Individual: Aponta o rádio e o jornal impresso como grandes difusores de notícias esportivas. Quando existiam equipes profissionais na cidade a TV participava e noticiava eventos de diversas categorias. Pontua que mesmo nos momentos em que só havia categorias de base na cidade, a imprensa trazia notícias sobre o basquetebol feminino e que tais notícias funcionavam como um incentivo para algumas das meninas que procuravam a prática da modalidade. Entretanto, afirma que a informação não é só o que incentiva as crianças à procura do basquetebol. Os colegas e a identificação com a modalidade podem incentivar da mesma forma.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que a imprensa participava ativamente no despertar do interesse pela prática esportiva. Conforme o trabalho realizado pela equipe profissional era divulgado pela mesma, mais indivíduos se interessavam e ingressavam a prática do basquetebol feminino.

T5

Descrição Analítica Individual: Conta que a imprensa local publicava notícias relacionadas às categorias menores e que constantemente tentavam encontrar novos ídolos, que pudessem substituir os ídolos da época – Paula, Hortência, entre outras. Utiliza o atleta Alexandre

Pato como exemplo desse fenômeno.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que a imprensa também auxiliava no despertar do interesse pela prática esportiva. Conforme o trabalho realizado pela equipe profissional era divulgado pela mesma, mais indivíduos se interessavam e ingressavam a prática do basquetebol feminino. Entretanto, podia atuar de maneira negativa, correndo o risco de desmotivar atletas candidatas a profissionalização. A busca por novos ídolos também demonstra que estes eram os produtos que garantiam e alimentavam os espetáculos esportivos. Assim sendo, os meios de comunicação buscavam novos ídolos, para que a renovação garantisse o espetáculo.

T6

Descrição Analítica Individual: Afirma que inicialmente a imprensa noticiava os jogos como Paula X Hortência (Piracicaba X Prudentina). Posteriormente passaram a noticiar todas as equipes e o auge dessa época ocorreu entre 1997/98, quando identifica ter ocorrido o melhor campeonato nacional de todos os tempos. Conta que nesse campeonato várias das equipes tinham rendimento equilibrado e o fato de 6 delas serem candidatas ao título, ou seja, a disputa acirrada fez com que a imprensa passasse a noticiar as equipes como um todo, os patrocinadores e a estruturas que existiam por trás dos mesmos. Atribui também às conquistas internacionais da seleção brasileira de basquetebol feminino que ocorreram na mesma época (campeonato mundial, vice-campeonato olímpico) e que segundo T6 elevavam a modalidade a uma posição de destaque no cenário internacional. Afirma que devido a essa notoriedade os ídolos passaram a atuar em outros países e tal fato desinteressou a imprensa e interferiu nas categorias de base, pois não existem mais tantos atrativos. Refere-se ao “antigamente” como um período em que era mais fácil criar e manter categorias de base, e explica que atualmente a comissão técnica do basquetebol convida as meninas mais altas que não passaram na “peneira” do voleibol para treinar basquetebol.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que o basquetebol feminino nacional chegou a um nível de excelência e tinha, além de seus ídolos, diversas outras atletas que tinham boas atuações e garantiam bons resultados a suas equipes e diante disso pode ser realizada uma competição nacional equilibrada. Não obstante, os bons resultados internacionais motivaram o crescimento das atletas, e a popularidade da modalidade.

T7

Descrição Analítica Individual: Explica que a imprensa se utilizava do ídolo, pois é dessa maneira que conseguia atrair a atenção do público, identificando novos atletas excepcionais. Afirma que essa conduta trazia também prestígio à modalidade e que isso auxiliava seu trabalho. Por outro lado, conta que essa procura do ídolo tinha um lado negativo, pois as aprendizas tinham de conquistar o espaço delas por mérito próprio e jamais existiriam novas Paulas e Hortências, pois elas eram únicas. Destaca que diferenciavam a formação das aprendizas como boas atletas individualizadas e não como substitutas dos ídolos, que a imprensa insistia em procurar.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que a imprensa participava da motivação à prática esportiva. Conforme o trabalho realizado pela equipe profissional era divulgado pela mesma, mais indivíduos se interessavam e ingressavam à prática do basquetebol feminino. Entretanto, podia atuar de maneira negativa, correndo o risco de desmotivar atletas candidatas a profissionalização. A busca por novos ídolos também demonstra que os estes eram os produtos que garantiam e alimentavam os espetáculos esportivos. Assim sendo, os meios de comunicação buscavam novos ídolos, para que a renovação garantisse o espetáculo.

ANÁLISE INFERENCIAL COLETIVA

Embora cada um dos entrevistados tenha deposto sobre casos específicos ocorridos nos municípios em que trabalharam, foi consenso que a imprensa atuava na divulgação do basquetebol feminino e assim participava do despertar do interesse da população sobre a modalidade, tanto no contexto dos praticantes como no dos espectadores.

12. Como você operava com esses sinais na elaboração de seus procedimentos pedagógicos?

T1

Descrição Analítica Individual: Utilizava sempre como exemplos de comprometimento, comportamento, para a imitação de gestos técnicos, etc. Conta que em M1 existia uma linha de trabalho que era seguida por todas as categorias e que as aprendizas iam sendo preparadas para chegarem à equipe profissional. Todos os técnicos trabalhavam em

conjunto, o que funcionava bem. Afirmar que isso não ocorre com frequência ultimamente.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T1 valorizava os exemplos trazidos pelas atletas profissionais que de alguma forma o auxiliavam em seu trabalho. O consenso quanto à linha de trabalho a ser utilizada proporcionava a linearidade e progressão no desenvolvimento das aprendizas.

T2

Descrição Analítica Individual: Reitera que não estimulava a imitação, mas afirma utilizar os bons e maus exemplos, destacando-os e mostrando-os às aprendizas. Conta que algumas vezes utilizava vídeos de atletas profissionais no auxílio de explicações de gestos técnicos, e que isso ajudava a não ter que começar do zero, na explicação de um fundamento.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que a utilização dos exemplos beneficiava as atletas, já que T2 tinha a utilização dos exemplos como um de seus procedimentos metodológicos. Podemos inferir ainda que a discussão crítica dos exemplos pode ter resultados ainda mais proveitosos.

T3

Descrição Analítica Individual: Conta que muitas vezes se utilizavam da individualização dos treinos e isso garantia a progressão das atletas dentro do esperado. Afirmar que teve uma experiência muito boa em relação à toda a equipe, pois toda a comissão técnica trabalhava em conjunto e seguia uma mesma linha desde as categorias de base, até a equipe profissional. Diz que a forma de ver, entender e se dedicar ao basquetebol era a mesma entre todos os integrantes e que isso garantia qualidade ao trabalho a ponto de algumas meninas formadas nesse ambiente terem obtido sucesso no basquetebol.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que o consenso quanto à linha de trabalho a ser utilizada proporcionava a linearidade e progressão no desenvolvimento das aprendizas.

T4

Descrição Analítica Individual: Afirmar que utilizavam as atletas profissionais principalmente para que as aprendizas pudessem observar e aprender gestos técnicos individuais.

Pontua que movimentações ofensivas, por exemplo não eram o foco dos exemplos, pois tinham um caráter mais complexo, pois isso se aplica mais a faixas etárias próximas as dos adultos.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T1 valorizava os exemplos trazidos pelas atletas profissionais que de alguma forma o auxiliavam em seu trabalho.

T5

Descrição Analítica Individual: Conta que toda a comissão técnica, envolvendo os técnicos de todas as categorias, preparador físico entre outros, participavam de um planejamento comum, a ser realizado por todas as aprendizas de diversas faixas etárias. Afirma que a filosofia utilizada por todas as categorias era a mesma, sempre preparando as atletas para a categoria seguinte. Pontua que atualmente isso é raro e que provoca o deslocamento das atletas que se destacam, para que precisam dar continuidade ao seu desenvolvimento em outras equipes. Aponta esse planejamento e filosofia comuns como passos para o sucesso do trabalho.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que o consenso quanto à linha de trabalho a ser utilizada proporcionava a linearidade e progressão no desenvolvimento das aprendizas.

T6

Descrição Analítica Individual: Explica que incentivavam as aprendizas a acompanharem jogos e treinos das atletas profissionais, e depois fazia perguntas e comentários com elas sobre situações do jogo que julgava ser relevantes. Conta que tentava sempre mostrar que a individualidade deve ser utilizada em prol do coletivo no basquetebol, se opondo ao que a imprensa fazia quando anunciava os jogos como Paula X Hortência. Acredita que existem duas formas de aprendermos algumas coisas. “uma é fazendo o que queremos aprender e outra é observando”. Por isso estimulava a observação crítica das aprendizas.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T6 acreditava no benefício que a observação das atletas profissionais podia resultar, pois estimulava reflexões sobre os exemplos observados e trazidos pelas aprendizas.

T7

Descrição Analítica Individual: Explica que estava sempre atento aos

comportamentos e às reações das aprendizas. Estavam juntos nos treinamentos, nas partidas da equipe adulta, e freqüentemente colocavam os acontecimentos em preleções ou em discussões com as meninas. Conta que algumas vezes utilizavam filmagens dos jogos da equipe profissional e elaboravam exercícios baseados em situações ocorridas nessas partidas nos treinamentos das atletas profissionais. Cita Hortência como um bom exemplo na execução de gestos técnicos dos fundamentos e Paula como uma boa referência de tomadas rápidas de decisões acertadas e afirma que se utilizava desses exemplos. Explica que hoje existem algumas atletas que podem ser utilizadas como exemplos, mas não com tanta eficiência como os ídolos daquele momento esportivo. Afirma ainda que para as aprendizas a referência dos atletas profissionais era, e ainda é, extremamente motivante, e se faz relevante quando se pretende organizar um projeto que trabalhe com meninas da idade tratada por esse estudo.

Destaca que concomitantemente investiam no desenvolvimento da individualidade, fazendo intervenções positivas com o objetivo de uma educação global que transcendesse o basquetebol e afirma ter relatos positivos de ex-atletas que atualmente trabalham campos distintos do basquetebol. Explica que a atual situação esportiva do Brasil se deve em parte à destinação exclusiva de espaço e recursos ao futebol, e que no Brasil os atletas de destaque de outras modalidades não são reconhecidos e acabam desenvolvendo suas carreiras no Exterior. Compara esse cenário atual com o cenário do momento esportivo estudado, quando os ídolos brasileiros e estrangeiros atuavam no Brasil.

Análise Inferencial Individual: Podemos inferir que T7 acredita ser benéfico o resultado da utilização dos exemplos trazidos pelas atletas profissionais, pois se utilizava de exemplos, filmes e fazia reflexões juntamente com as aprendizas sobre as questões observadas. Podemos inferir também que atualmente o basquetebol feminino brasileiro não tem ídolos, o que torna o momento atual do momento estudado.

ANÁLISE INFERENCIAL COLETIVA

Gestos técnicos e valores foram citados pela maioria dos técnicos como exemplos de aspectos que eles observavam nas atletas profissionais e discutiam com as aprendizas com o intuito de que elas refletissem e aprendessem. Alguns também afirmaram utilizar os mesmo exemplos com as praticantes atuais de basquetebol, com o mesmo objetivo.

Diante disso, podemos inferir que a maioria dos sujeitos da pesquisa voltava seus exemplos para situações de treinamento e jogo e valorizava essa oportunidade, pois os exemplos facilitavam seu trabalho demonstrando o que queriam dizer. Identificamos também indícios de que atualmente passamos por um período de escassez de ídolos.

Três dos entrevistados afirmaram que trabalhavam em equipes que mantinham uma mesma linha de trabalho para todas as categorias e essa estratégia foi identificada por todos eles como exitosa. Contam que as aprendizas iam sendo preparadas para a categoria seguinte e isso garantia unidade ao trabalho. Podemos inferir que esse era um fator determinante na progressão do desenvolvimento das aprendizas, que aprendiam e atendiam a demanda e exigências que lhes eram familiares e progressivas.

8 Discussão da Pesquisa

O esporte profissional é hoje uma das mais amplas e evidentes manifestações da cultura mundial, tendo influência sobre inúmeras frentes nas sociedades em que atua devido à sua aceitação e participação na vida da grande maioria dos cidadãos do mundo. Diante de tamanha relevância, o esporte adquire no cotidiano dos cidadãos os mais diversificados significados, que agregam o esporte profissional como entretenimento e espetáculo esportivo, o esporte como lazer ou forma de recreação, ou mesmo o esporte como ícone da prática de uma atividade física, representando um meio de intervenção na qualidade de vida de seus praticantes. Entretanto, o esporte profissional acaba por exercer um significado maior, abrangendo a todos que de alguma forma têm contato com o mesmo, apesar da natureza desse contato: o significado de referência. Este, por sua vez, se desdobra atendendo aos mais diversos objetivos e os ídolos, neste âmbito, representam a personificação da referência esportiva. Por este motivo são transformados em garotos propaganda de diversos produtos e principalmente do esporte que representam, uma vez que passam a ser acompanhados pela imprensa, e conseqüentemente pelo público em geral. Estando em destaque, as modalidades que praticam, bem como as equipes ou instituições que os ídolos defendem acabam sendo automaticamente promovidos e também passam a estar em destaque.

Neste ambiente as crianças acabam se sentindo mais próximas à modalidade em questão e surge em muitas delas o desejo de praticar a modalidade. Neste desejo estão inseridos alguns outros que podem ser principiados na vontade de conhecer o esporte, mas que algumas vezes chegam até o sonho de um dia poder repetir o sucesso que aquele tido como ídolo atingiu. Esse tipo de ambiente torna-se extremamente valioso no despertar do interesse das crianças pelo ingresso na prática de uma modalidade esportiva.

Diante desses pressupostos para que compreendamos as relações de interdependência que se estabelecem entre o esporte profissional e a iniciação esportiva, é válido definir os dois principais objetos de estudo. Esporte profissional foi definido para o presente estudo como meio no qual há dedicação exclusiva e atletas e técnicos entre outros, integrando um

seleto ambiente onde o componente financeiro é o precursor de todas as ações. Já a iniciação esportiva foi definida como primeira possibilidade de contato de qualquer indivíduo com o esporte, transformando-se então em parte responsável pela relação que o indivíduo terá ao longo de sua vida com o mesmo. Remetendo esta ampla discussão para um ambiente de pesquisa adequado ao estudo, o basquetebol feminino paulista foi selecionado como modalidade na qual as pesquisas se basearam.

O estado de São Paulo teve desde a chegada do basquetebol ao Brasil, participação importante e destacada ao longo da história da modalidade no país. Foi na cidade de São Paulo que se organizou a primeira equipe de basquetebol, iniciando a partir de então o desenvolvimento desse esporte no país. O estado de São Paulo obteve maioria de equipes participantes dos campeonatos nacionais em todas as suas edições, bem como a maioria dos títulos dos mesmos. Diante dessa hegemonia, tornou-se o principal estado brasileiro no cenário do basquetebol feminino. Nesse contexto, atletas nacional e internacionalmente conceituadas atuavam em equipes sediadas em municípios do estado e atraíam imprensa, patrocinadores, e espectadores. Maria Paula Gonçalves da Silva, Hortência Marcari, Janete dos Santos Arcain, Marta Sobral, Karina, Vânia e Vanira Hernandez foram citadas pelos entrevistados como algumas das atletas de destaque que foram ídolos no período esportivo estudado.

Pudemos verificar nos depoimentos dos entrevistados diversas observações feitas sobre o ponto de vista dos técnicos que tinham contato direto com as aprendizas do período esportivo estudado. A partir da análise das entrevistas fomos construindo inferências que nos auxiliaram a reconstruir o cenário em que o basquetebol feminino foi sendo desenvolvido no estado de São Paulo. Tais possibilidades geraram considerações sobre as quais discorreremos nesse momento.

Durante o referido período os municípios que sediavam equipes profissionais de basquetebol feminino, sediavam também categorias menores vinculadas às mesmas. Nesse contexto, a população foi adquirindo o hábito de assistir, entender, acompanhar e até mesmo praticar basquetebol. T2 afirma que enquanto existiram ídolos atuando na equipe da cidade a população comparecia em grande número às partidas e as crianças se interessavam e procuravam a prática da modalidade. Entretanto, T2 conta que tal procura diminuiu quando os ídolos se distanciaram dos municípios. Outros entrevistados manifestaram a observação do mesmo fenômeno e acrescentaram ainda que a presença dos ídolos facilitava o trabalho dos técnicos no

que diz respeito à captação de adeptos à prática. Assim sendo podemos fazer nossa primeira consideração: *a presença de atletas profissionais de destaque pode motivar as crianças ao ingresso na prática do basquetebol*. De acordo com Cagigal (1981) os heróis esportivos representam um modelo a ser imitado e que influenciam, entre outros, os iniciantes esportivos. Segundo Balbino, Winterstein (2008) podemos inferir, a partir das proposições do autor, que os comportamentos dos atletas provocam impactos no cotidiano dos indivíduos de uma comunidade, sejam conectados ou não à esfera esportiva. Esse fenômeno foi observado pelos técnicos entrevistados no período em que trabalhavam com categorias de basquetebol de base vinculadas à equipes profissionais.

Foi consenso entre os entrevistados que as aprendizas de basquetebol daquele momento esportivo tinham as atletas profissionais como referência esportiva. Alguns referiram-se a essa relação como de “espelho”. Segundo os sujeitos as aprendizas se espelhavam nas atletas profissionais buscando atingir o mesmo êxito e esse fenômeno manifestava-se de diversas formas. Contam que as meninas acompanhavam as sessões de treinamentos, os jogos e as notícias e assim podiam observar diversos aspectos que depois tentavam imitar. Comportamento, vestimentas, gestos técnicos foram os principais exemplos citados como sinais da identificação das aprendizas com as atletas profissionais. Valores como comprometimento e dedicação foram também identificados nas atitudes das meninas e entendidas como manifestação de comportamentos aprendidos através da observação destas. Assim sendo, torna-se possível que façamos mais uma consideração: *a presença de atletas profissionais pode incentivar as aprendizas a manterem a prática do basquetebol e as motivavam aos treinamentos, a aceitar desafios, e a se comprometerem com os compromissos relativos à modalidade*. Nesse contexto, alguns entrevistados contaram que a identificação das aprendizas não se dava exclusivamente com os ídolos. Muitas vezes a identificação era feita com uma atleta profissional que atuava na mesma posição (armadora, lateral, pivô) que as meninas, mas não tinha o *status* de um ídolo. Este fato nos leva a outra consideração: *os ídolos podem atuar como referência esportiva para as crianças e aprendizas de basquetebol, no entanto as atletas profissionais que não eram tidas somente como ídolos, também eram consideradas importantes e desempenhavam a função de incentivar as praticantes da modalidade*.

Os técnicos entrevistados afirmaram unanimemente que utilizavam as atletas profissionais como exemplos relacionados a gestos técnicos e valores, e que estimulavam as

aprendizas a observarem aquelas com olhares voltados ao aprendizado crítico. Pontuam a convergência do aprendizado com a observação crítica como parte imprescindível do processo da formação de novas atletas e de cidadãs. As presentes informações nos encaminham para outra consideração: *os técnicos entrevistados tinham a utilização de exemplos como procedimentos pedagógicos na preparação de suas equipes*. Nem sempre esses procedimentos eram previamente planejados, mas acabavam sendo utilizados. Alguns deles afirmaram que ainda o fazem e que costumam utilizar os ídolos do período esportivo estudado como exemplos. Assim sendo, podemos inferir que *atualmente não existem ídolos no basquetebol feminino brasileiro*.

Alguns dos entrevistados identificavam sua participação na construção e condução das relações que se estabeleciam entre as aprendizas de basquetebol e as atletas profissionais daquele momento esportivo através do planejamento e filosofia seguidos pela equipe que dirigiam. Contam que a equipe profissional e as diferentes categorias vinculadas à mesma tinham um planejamento comum, e seguiam uma mesma filosofia de trabalho. Assim sendo, as aprendizas eram estimuladas a observarem as categorias maiores, pois eram aos poucos preparadas para atuarem nestas. Podemos identificar nesses depoimentos, indícios de um princípio defendido e denominado por Bompa (2002, p. 43) como Modelação do Treinamento, que prevê a “simulação da realidade baseada em exemplos específicos do fenômeno que observamos”. Defende a lógica da imitação aplicada em prol da excelência esportiva. *Nos casos citados acima, podemos identificar a busca da excelência esportiva e a organização das equipes e comissão técnica para tal*.

Podemos ainda verificar através dos depoimentos, que vários fatores convergiram para o sucesso e prestígio do basquetebol feminino no período estudado. A existência de ídolos era evidentemente um fator preponderante, mas não exclusivo. As observações feitas pelos entrevistados evidenciaram a participação dos meios de comunicação no processo de divulgação da modalidade. Frequentemente noticiavam informações sobre a seleção nacional e as equipes municipais e os torneios eram constantemente transmitidos via rádio e televisão. Um dos entrevistados conta que no referido período, notícias e partidas de basquetebol eram transmitidas em canais de televisão aberta. Atualmente, quando a transmissão é feita, ocorre em redes pagas de televisão a cabo, o que diminui a abrangência e conseqüentemente a divulgação da modalidade. Esses aspectos nos remetem às idéias de Helal (2003) e Marques (2005) que preconizam que a mídia tem o poder de construir e destruir ídolos esportivos fazendo

com que a população corrobore de suas opiniões. A mídia funciona como o elo que fomenta a relação entre o ídolo e aqueles que o idolatram.

Ainda de acordo com os entrevistados, a exposição através da imprensa, aumentava a notoriedade do basquetebol feminino e atraía patrocinadores interessados em divulgar suas marcas e produtos. Diante disso, *torna-se possível inferir que a modalidade tinha prestígio e era visto de maneira positiva pela população*. Assim sendo, interessava a empresas vincularem seus produtos e nomes às equipes. À medida que os patrocinadores se interessavam pelas mesmas, proviam recursos que auxiliavam na contratação de novas atletas e melhor assistência a elas, melhores condições de treino, e algumas vezes possibilitava a contratação de ídolos para uma determinada equipe. Conseqüentemente, os resultados tendiam a serem positivos, o que atraía ainda mais o interesse da imprensa, que resultava em maior procura dos patrocinadores. *Estabelecia-se assim um ciclo cujos elementos garantiam a notoriedade, o prestígio e a renovação dos praticantes*. Desse ciclo surgiram algumas atletas que recentemente atuaram pela seleção brasileira citadas por T7, o que nos permite inferir que *quando existem atletas e equipes profissionais de destaque próximos às crianças, estas podem se motivar mais facilmente à prática e quando a prática é democratizada, torna-se maior a possibilidade de despontarem atletas que se destacarão*.

Dessa forma pudemos compreender e identificar que a presença das equipes profissionais foi de extrema relevância atuando na modificação do comportamento dos indivíduos. A existência de atletas de nível internacional e de uma equipe de bons resultados foi definitivamente um diferencial para a geração desse ambiente no qual o basquetebol feminino era destaque. Apesar de este ser um fator preponderante, não era exclusivo, pois pudemos identificar também a participação dos patrocinadores, comissão técnica, imprensa, e da própria população dos municípios tratados nas entrevistas.

9 Considerações Finais

Procuramos verificar ao longo deste estudo as relações de interdependência existentes entre a iniciação esportiva e o esporte profissional e as conseqüências dessas relações para as partes envolvidas. Nossas constatações se organizaram inicialmente a partir da elaboração de um marco teórico, construído através da revisão bibliográfica, utilizando obras que tratam da pedagogia, psicologia e sociologia do esporte, que contribuíram com apontamentos sobre a iniciação esportiva e o esporte profissional, na compreensão das relações entre heróis, atletas e seus admiradores bem como do papel dos meios de comunicação na “construção” e “desconstrução” dos ídolos esportivos. Posteriormente através dos depoimentos colhidos durante as entrevistas na pesquisa de campo os pressupostos iniciais do estudo foram debatidos por técnicos de categoria menor vinculadas a equipes profissionais que se adequaram aos critérios de inclusão dos sujeitos da pesquisa. Ao final da pesquisa de campo, entrevistamos sete sujeitos, compondo assim um cenário de apontamentos destacados por participantes ativos nas relações que nos propusemos a estudar.

Assim sendo, a partir das diferentes fontes que pudemos acessar, foi possível encontrar registros de informações, experiências, acontecimentos, e pontos de vista que contribuíram para as considerações que faremos acerca desse estudo. Diante do referencial teórico construído e da entrevista realizada nos parece ficar evidente que as relações de interdependência entre o esporte profissional e a iniciação esportiva realmente podem ser determinantes. Nas entrevistas realizadas ficou evidente que a realidade do basquetebol feminino nas cidades sobre as quais os técnicos nos falaram durante o período estudado era diferente da de atualmente. Os sujeitos evidenciaram em seus depoimentos que no período estudado havia inúmeras meninas praticando a modalidade, já que existiam diversas equipes disputando competições distintas em diferentes categorias, vinculadas a um mesmo projeto esportivo e ao mesmo patrocinador.

Neste momento, julgamos necessário ressaltar o fato de que, a nosso ver, a existência e proximidade de uma equipe ou representante do esporte profissional pode motivar as crianças à prática da modalidade, mas não garante a permanência das mesmas na atividade. O

atleta profissional e seus bons resultados colocam suas modalidades em destaque no cenário esportivo e atraem as atenções dos espectadores e principalmente das crianças podendo ser, em parte, responsável pelo ingresso das mesmas na modalidade. Entretanto, a permanência das crianças nas práticas esportivas depende de outros fatores, dentre os quais se revela de importância elevada a maneira pela qual a iniciação esportiva é abordada.

Conforme sinalizado anteriormente no referencial teórico, a forma como é abordada a iniciação esportiva pode ser responsável pela permanência ou pelo egresso dos praticantes. Nesse contexto, a iniciação esportiva assume um significado importante cujo principal objetivo é, entre outros, o de despertar nas crianças o gosto pela prática da modalidade e desenvolver nas mesmas noções da importância e dos benefícios da atividade física, criando o hábito de prática desta. Assim sendo, os professores e técnicos exercem funções de extrema importância e de responsabilidade reconhecida, pois são participantes ativos que podem vir a garantir a permanência das crianças na prática esportiva. Além disso, cabe aos mesmos lidar adequadamente com os exemplos vindos do esporte profissional, procurando extrair exemplos positivos e que podem ser benéficos e discutir os considerados negativos, promovendo uma visão crítica sobre os acontecimentos.

Ainda com relação ao fenômeno diagnosticado, faz-se válido levantar nesta fase do estudo alguns dados coletados na pesquisa documental nos arquivos da FPB também atuam na compreensão do fenômeno estudado, ampliando nossas constatações. Segundo dados coletados na Federação Paulista de Basquetebol (ver Tabela 1, APÊNDICE B), durante o período em que o basquetebol feminino brasileiro esteve em destaque no cenário mundial, a quantidade de equipes participantes dos campeonatos em todas as categorias disputadas era superior aos números apresentados atualmente. No ano de 1992 participaram nas categorias mini e mirim, vinte e cinco e dezenove equipes respectivamente. Estes números mostraram poucas variações nos anos que se seguiram, fato que pode estar relacionado aos bons resultados da seleção brasileira em competições internacionais e à presença de equipes fortes nos campeonatos estaduais e nacionais. Em 1995, ano que antecedeu a conquista do vice-campeonato olímpico em Atlanta, EUA, a FPB computou a participação de quarenta e duas equipes na categoria A2, representativa da segunda divisão do basquetebol feminino, ou seja, havia nesta época quarenta e duas equipes com o desejo de ascender à divisão principal do basquetebol feminino paulista e, teoricamente apresentando condições financeiras de se manter na mesma. Em 2005, último ano por nós analisado em

relatório da FPB (Já que o relatório de 2006 ainda não havia sido concluído no momento da pesquisa documental), o número de participações sofreu um decréscimo em todas as categorias, a saber na categoria A2, cuja quantidade de equipes não passou de 8.

Esses dados podem não só estar intimamente relacionados à presença de equipes profissionais nos campeonatos estaduais e nacionais, mas também ao período em que a seleção brasileira apresentou bons resultados internacionais. No ano de 2000, a seleção brasileira de basquetebol feminino conquistou o terceiro lugar nas olimpíadas de Sydney, na Austrália, configurando-se então o fim do período referido por este estudo como representante de bons resultados, entre eles, 1994 - conquista do campeonato mundial; 1996 - vice-campeonato olímpico. Os resultados internacionais e conseqüentemente a atual situação do basquetebol feminino brasileiro no cenário mundial não são similares às do período estudado, a saber o resultado da última edição dos Jogos Olímpicos. Tal campeonato ocorreu em Agosto de 2008 e a equipe brasileira finalizou a competição na décima primeira colocação.

Tal fenômeno foi também observado por Pinheiro (2004) em outras modalidades como o tênis e a ginástica artística. Nestes casos, entre outros, Gustavo Kuerten e Daiane dos Santos, respectivamente foram responsáveis pelos bons resultados que colocaram suas modalidades em destaque nacional, provocando também um aumento na procura da prática pelas crianças. Assim sendo torna-se claro que o fenômeno identificado não ocorre apenas na modalidade basquetebol feminino, mas pode também ser verificado em outras modalidades. Tais dados evidenciam a veracidade dos pressupostos construídos e discutidos neste estudo, já que fica evidente que as crianças motivam-se à procura dos esportes que estão em evidência devido à presença de ídolos.

Desta forma, torna-se possível inferir que se completa um ciclo de interdependências constatadas entre a iniciação esportiva e esporte profissional, cuja relação mostra-se ser de reciprocidade intensa, para que a mesma possa ser saudável e proveitosa às partes. O esporte profissional de alta qualidade por meio da projeção de ídolos atua na motivação das crianças à prática esportiva estimulando a iniciação. O mesmo, por outro lado, através do aumento no número de praticantes, possui uma maior gama de possibilidades e probabilidades de sucesso, já que quanto maior o número de praticantes, maior a probabilidade de serem identificados atletas de qualidade e futuros ídolos.

Cabe, nesse momento, salientar que não julgamos a presença de ídolos, atletas e

equipes de destaque como o único ou ainda principal fator motivacional para o ingresso das crianças em determinadas modalidades esportivas. Nossas vivências esportivas demonstram que diversos outros motivos também podem influenciar uma criança na escolha de um esporte, como por exemplo, incentivo familiar, o acesso à prática, a presença de amigos naquela modalidade, afinidade com a modalidade, sugestão do professor, a divulgação da imprensa, entre outros. Cada praticante tem motivos particulares para procurar a prática de determinada modalidade e faz sua escolha baseado em requisitos relevantes à sua realidade e ao significado que atribui ao esporte.

O presente estudo tratou de uma problemática abrangente, por isso buscou direcionar a discussão para a compreensão de um único desses fatores sem, no entanto, desconsiderar os outros fatores. Diante disso, destacamos essas relações de interdependência como algo de grande importância para o cenário esportivo brasileiro atual. Sabemos que o incentivo ao esporte é precário e as tentativas de criação ou manutenção de aulas ou equipes de treinamento são escassas, onerosas e muito frequentemente de iniciativa privada ou até mesmo de voluntariado. Quando elas acontecem enfrentam obstáculos difíceis de serem transpostos. Não obstante, encontramos-nos num período em que as práticas corporais em geral estão sendo abandonadas e substituídas. As brincadeiras nas ruas praticamente inexistem nas grandes cidades devido à violência e os jogos preferidos pelas crianças são agora jogados nos teclados dos computadores e através dos controles sem fio dos vídeo games. Diante desse contexto, julgamos ser de extrema importância que, de alguma forma, façamos com que nossas crianças se interessem pela prática esportiva e nos aproveitemos das oportunidades que temos para motivá-las a manter as mesmas. A partir do que pôde ser observado através desse estudo, os ídolos e atletas de destaque realmente podem desempenhar esse papel e cabe àqueles que lidam com essas áreas de atuação a identificação das oportunidades e transformação das possibilidades em acontecimentos.

Referências

ANDREWS, D. L. et al. Jordanscapes: A Preliminar Analysis of the Global Popular. **Sociology of Sport Journal**, v.13, p. 428-457, 1996.

_____. The (Trans) National Basketball Association: American Commodity-Sign Culture and Global-Local Conjuncturalism. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 34. p.31-42, 1999.

BALBINO, H. F. **Pedagogia do Treinamento: método, procedimento pedagógicos e as múltiplas competências de técnico nos jogos desportivos coletivos**. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

_____.; WINTERSTEIN, P. A Atuação de técnicos de seleções nacionais de modalidades coletivas: elementos indicadores para um estudo sobre excelência no esporte. **Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Brasília, DF**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/fef/publicacoes/conexões>>. Acesso em: 20 ago 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENELLI, L. M. **Basquetebol Masculino Paulista: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base**. Dissertação (Mestrado em Educação física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

BENTO, Jorge Olímpio; G. Rui; Graça, Armândio. Contextos da pedagogia do desporto - Perspectivas e Problemáticas. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

BOMPA, T. **Periodização: teoria e metodologia do treinamento**. São Paulo: Phorte, 2002.

CAGIGAL, J. M. **Oh deporte! Anatomia de um gigante.** Miñon: Valladolid, 1981.

CAPINUSSÚ, J. M. A Política nos Jogos Olímpicos. **Revista de Educação Física.** Escola de Educação Física do Exército, v. 136, p. 58-64, 2007.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL (BBS). Disponível em: <<http://www.olympic.org>> Acesso em: 23 mar 2007.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASQUETEBOL (BBS). Disponível em: <<http://www.cbb.com.br>>. Acesso em: 15 set 2005.

DAIUTO, M. **Basquetebol:** origem e evolução. São Paulo: Iglu, 1991.

DEMARTINI, Z.B. F.; LANG, A. B. S. G. **Educando para o trabalho:** família e escola como agências educadoras. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

FARIA, R. Quando especializar uma criança no esporte? **Correio Popular**, Campinas, 27 abr 2003. Caderno d, p. 6.

GALLATI, L. R. **Pedagogia do esporte: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos desportivos coletivos.** Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GEBARA, A. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, Marcelo W. e LUCENA, Ricardo de Figueredo (orgs.). **Esporte: história e sociedade.** Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p.5-30.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HELAL, R. Mídia e Esporte: A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTECOM, 26., 2003, Belo Horizonte, **Anais...** Belo Horizonte: [s.n.], 2003.

_____. Idolatria e Malandragem: A Cultura Brasileira na Biografia de Romário. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 26, n. 2, p. 225-240, 2003.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS. Disponível em: <www.fipe.org.br> Acesso em 10 dez 2008.

MARQUES, J. C. A falação Esportiva: O discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTECOM, 25., 2002, Salvador/BA, **Anais...** Salvador: [s.n.], 2002.

_____. O Mito Construído, desconstruído e restituído – o caso cíclico de ronaldo fenômeno. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO, 28., 2005, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

MARTINELLI, M. **Aula de Transformação. O programa de educação em valores humanos.** São Paulo:Peirópolis, 1996.

MINISTÉRIO DA FAZENDA. Disponível em: <<http://www.fazenda.gov.br>>. Acesso em 10 mai 2007.

MORENO, J.C.A. **A Prática do basquetebol feminino no estado de são paulo: conhecendo e analisando seu contexto.** Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. Disponível em: <<http://www.onu-brasil.org.br>> Acesso em: 23 mar 2007.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol.** Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

_____. Esporte competitivo e espetáculo esportivo. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio.** Piracicaba: Ed. da Unimep, 2000. p.33-39.

_____. Iniciação em Basquetebol. In: ESCOBAR, M. O. **Manifestação dos jogos.** Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação à Distância, 2005.

_____. **BALBINO, H. F. Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**: Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

_____. GALATTI L. R.; FERREIRA, H. B. Pedagogia do Esporte: Considerações Pedagógicas e Metodológicas no Processo de Ensino-Aprendizagem do Basquetebol. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 123-135.

PINHEIRO, Y. **Pedagogia do esporte: um estudo da interdependência entre a iniciação esportiva e o esporte profissional, o caso do basquetebol feminino de Campinas**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2004.

PRONI, M. W. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

RUBIO, K. **O Imaginário Esportivo: o atleta contemporâneo e o mito do herói**. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física e Esportes, Universidade de São Paulo, São Paulo 2001.

_____. **O Atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista Paulista de Educação Física, São Paulo**, v. 16, n. 2, p.130-43, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.usp.br/eef/rpef/v16n22002/v16n2p130.pdf>. Acesso em: 30 de Agosto de 2008.

SANMARTÍN, M. G. **Manual sobre valores en la educación física y el deporte**. Barcelona: Paidós Ibérica, 2003.

SANNINO, A. **A abordagem corporal na psicoterapia junguiana**. São Paulo: Editora Moraes. 1987.

SANTANA, W. C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1 - 22

STRATTON, P.; HAYES, N. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Pioneira, 1994.

SEEFELDT, V. D.; EWING, M. E. Youth Sports in America: An Overview. In: **PCPFS RESEARCH DIGEST**, Universidade Estadual de Michigan, 1996. Disponível em: <www.fitness.gov>. Acesso em: 08 ago 2008.

SILVERIA, N. **Jung: vida e obra**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICES



APÊNDICE A

Instrumento da Pesquisa

1. Você percebia nas aprendizas de basquetebol de _____ (cidade), a aprendizagem e manifestação de comportamentos que eram resultado da influência de comportamentos das atletas de basquetebol profissional daquele momento esportivo?
2. A seu ver, como se manifestava nos comportamentos das aprendizas essa influência dos comportamentos das atletas profissionais? Quais sinais indicavam a existência dessa influência? Por favor exemplifique.
3. Você considera que de alguma forma as aprendizas de basquetebol de _____ (cidade) conviviam ou tinham algum tipo de relação social com as atletas da equipe profissional de basquetebol daquele momento esportivo?
4. A seu ver, como essas relações sociais se davam? Quais sinais indicavam a existência dessas relações? Se essa convivência existia, quais os resultados que você percebia? Por favor, exemplifique.
5. Você percebia nas aprendizas de basquetebol de _____ (cidade) aprendizagem e manifestação de valores que eram resultado da influência dos valores manifestados pelas atletas de basquetebol profissional daquele momento esportivo?
6. A seu ver, como essas relações valorativas se manifestavam? Quais sinais indicavam a existência dessas relações? Por favor exemplifique.
7. Você considera que de alguma forma as aprendizas de basquetebol de _____ (cidade) identificavam-se com as atletas do basquetebol profissional daquele momento esportivo?
8. A seu ver, como essa relação de identificação se manifestava? Quais sinais indicavam a existência dessa relação? Por favor exemplifique.
9. Você participou da construção e condução das relações identificadas por você nas perguntas anteriores? Como? Por favor, exemplifique.
10. Como se dava a informação da população local em relação ao basquetebol feminino?
11. Como se dava a participação dos meios de comunicação no estabelecimento das relações de identificadas por você na pergunta 1?
12. Como você operava com esses sinais na elaboração de seus procedimentos pedagógicos?

APÊNDICE B

Tabela 1 - Número de atletas atuantes entre 1991 e 2005

Nºde equipes participantes/ Categorias	91	92	93	94	95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05
Mini	12	25	21	10	16	07	11	07	04	14	06	16	18	15	19
Mirim	17	19	17	11	06	15	08	08	08	13	04	13	15	17	18
Infantil	14	00	09	12	11	08	11	06	05	08	08	06	08	07	10
Infanto-juvenil	07	16	11	10	17	17	16	11	06	09	10	09	08	07	08
Juvenil	08	11	11	07	06	09	08	07	06	08	05	10	07	05	06
A2*	00	08	07	08	42	27	19	17	15	10	07	09	09	09	08
A1**	09	***	07	05	11	10	09	07	09	08	09	06	06	07	08

*A2 – Corresponde à segunda divisão do basquetebol feminino paulista.

**A1 – Corresponde à divisão principal do basquetebol feminino paulista.

Obs: É válido ressaltar que a partir o ano de 2000 foi realizada a divisão das equipes participantes em Interior e Capital, no que diz respeito às categorias mini e mirim. Nesta tabela não se encontram discriminados as divisões, apenas o total de equipes computadas

APÊNDICE C

Transcrição das entrevistas na íntegra

Durante a transcrição das entrevistas na íntegra, observamos a necessidade da ausência da especificação dos municípios e equipes sobre os quais os entrevistados depuseram. Desta forma, visando preservar a identidade dos mesmos, identificamos as equipes por letras maiúsculas (A, B, C,) e os municípios pela letra M acompanhada de um número (M1, M2, M3). Alguns trechos foram excluídos também com essa finalidade.

ENTREVISTA T1

1.Primeiro que M1 era dentro de um colégio era um outro tipo de formação acho que foi ate o melhor lugar que eu trabalhei. Tem uma preocupação não só com a aprendizagem do Jogo ou do Basquetebol e sim da formação, era dentro de uma escola, uma escola de padres que tinha uma formação católica religiosa informação de tudo quanto é tipo, e tinha uma equipe adulta de médio porte, então não era uma coisa assim absurda mas tinha uma participação muito efetiva das alunas nesse sentido. Tem assim, procuravam imitar alguns movimentos principalmente contra os adversários mais fortes. .. grandes. .. que eram Paula e Hortência na época, então elas procuravam imitar em todos os sentidos. Mas a influencia da jogadora tinha um espelho assim muito no sentido de formação, formação de preocupação da formação da pessoa se tornar um profissional nem que não fosse no basquete ou um professor de Ed física, ou um médico ou um engenheiro. E eu vejo muitos encontros das meninas que participaram comigo na época, todas bem sucedidas profissionalmente, quase nenhuma dentro do basquete porque nós tivemos uma influencia muito grande nesse sentido de aprendizagem da vida e não pro basquete, então o basquete naquele momento da equipe A foi super importante, diferente da equipe B. B já era uma equipe profissional, com Hortência, duas americanas, Branca, as irmãs Hernandez, e a preocupação maior era se jogar basquete, tinha aquela ambição pelo basquete. Ainda naquela época, o basquete era bem remunerado era conceituado, era ainda o segundo esporte. Nós tivemos títulos importantes como a vitória do campeonato pan-americano, depois mais pra frente campeão mundial. Hortência e Paula além de serem exemplos dentro da quadra eram exemplos de pessoas fora, eram líderes positivas agregavam o grupo e tinham, e mostravam isso. Então, muita gente punha “faixinha” da Paula, punha “munhequeira” da Hortência, gesto técnico de uma das duas, um passo da Paula ou um arremesso tentava imitar porque não dava pra se fazer. Então nesse sentido elas agregaram muito assim: então o comportamento como pessoa, vejo no A que eu trabalhei, pensar em formação, pensar na vida futura, e já em Sorocaba o lado profissional de se tronar realmente uma atleta, porque já visualizava um futuro financeiro, uma coisa nesse sentido, uma seleção brasileira e tantas outras coisas que elas podiam alcançar através do esporte.

2.Ah o que eu acho foi o que eu falei, são dois momentos, que trabalhei em muitas equipes... Depois também principalmente num outro estado nós fizemos um treinamento importante de capacitação de treinadores e a gente aproveitava o treinamento das jogadoras pra demonstrar alguma coisa principalmente pras crianças. Então, a Cintia Cooper que esteve em americana que também era fantástica ela tinha um, quando ela fazia uma cesta, ela fazia um gesto, ela levantava as 2 mãos. Então, as jogadoras inclusive na

WNBA, repetiam o mesmo movimento dela, ou a Vicky que tinha um tipo de situação de defesa de postura que a gente queria inclusive observar muito isso nela, da Hortência mesma coisa, então nesse sentido acho que só isso aí, não teve nada mais.

3. O que eu falei assim: lá eu sou muito mais, um pouquinho mais, como é que eu vou falar pra você... Eu to pensando no que, na Paula na Hortência essas coisas mais antigas né... que fazem parte da história. E foi aquele o grande momento do basquete feminino que não foi aproveitado e elas tinham, a Hortência tinha um torneio de lance livre em M1 que a gente fazia, uma camisa com a foto dela, ela ia e participava daquele momento. A Paula até hoje tem escolinhas de basquete onde o exemplo dela... Ela vai lá e ministra até uma aula a Janete tem uma escola de basquete, então..., essas três só porque depois daí a própria Karina Rodrigues tem hoje um trabalho o segundo tempo. Então são pessoas que se preocuparam com o fim social das crianças, mas são pessoas de nível intelectual acima dos outros, não só no nível intelectual como tecnicamente, fisicamente, como pessoa elas se preocupavam com o futuro da criança, então por isso que elas são muito diferentes das outras.

Entrevistador: na época em que elas jogavam você acha que as equipes que você treinava tinham contatos, elas conversavam, eram amigas, conviviam com as atletas do profissional?

Entrevistado: Algumas de categoria menor até treinavam juntas, então elas tinham uma influência muito grande principalmente porque elas orientavam muito. A Hortência era muito disso de orientar, até me orientou como técnico muita coisa, mesmo a Paula tinha muita influência de que elas eram exemplos né. Elas eram as primeiras a chegar, últimas a sair, chamava as meninas mais novas que tinham perspectivas de ser uma grande jogadora, orientava, você tem que fazer isso... Então... algumas elas, elas foram muito diferentes então elas passavam esse tipo de informação

4. É muito mais em nível de comportamento, do que lado técnico e tal... Porque falei assim, elas eram talentos e muito mais de comportamento porque assim: elas eram exemplo de liderança, exemplo de comprometimento com o grupo, vestiam a camisa né... Você pega elas recebendo uma medalha olímpica, elas choram, elas vibram elas tem amor por aquilo que fazem, muito diferente da geração de hoje.

5. Ahh, eu falei assim, elas sempre foram exemplo pra tudo em todos os sentidos. Então eu estou sendo um pouco na situação assim... mas pra você ter uma idéia, Vânia Teixeira, Paula Hortência e mais algumas, tem diploma universitário... Então mesmo elas sendo ídolos e tendo treinado pra caramba, porque a Hortência treinava. ... Feriado, duas horas antes, a Paula a mesma coisa, elas além do comprometimento com a cidade, com o grupo elas vestiam camisa mesmo. Elas chamavam o público, elas tinham esse exemplo da escola também né, os valores da escola, e o valor de família também né... Você pega a Paula, ela toda vez falava do seu Deco da dona Neca, você falava da Hortência ela levou a família inteira pra trabalhar, foram todos trabalhar no sítio do Vitor Oliva outros pra trabalhar aqui e esse exemplo de família de agregar elas também tinham muito.

6. É... Eu só vou voltar pra trás um pouquinho na época que trabalhei no A que já eram exemplos diferentes, um que era o lado profissional que era de M2 e um que tinha o lado de formação. Então, elas davam exemplo que elas treinavam aqui na época um período só por que todas trabalhavam, todas estudavam o colégio na época era emprego. Uma era atendente de escola a outra era telefonista, e agregava tudo então treinava um período só, às vezes dois períodos na época de competição mais importante e esses exemplos de pensar no futuro... Tanto que eu vejo hoje o exemplo da convivência

minhas com as ex-atletas de mini e mirim, que elas fazem uma vez por ano um encontro né, só vou eu e todas as meninas. Então, isso pra mim é muito gratificante e elas falavam que eu era bravo, era chato, assim... Mas até hoje elas falam que muito das coisas que aconteceram pra elas é por que eu era meio linha dura, daqueles que falava: “não fez dever não vai treinar, tirou nota mal na escola não vai treinar”. E eu cobrava muito esse tipo de comportamento, era namorado, peguei uma menina beijando na saída do ginásio e no jogo não pus. Porque ela tinha comprometimento com o grupo ela tinha que viver em torno disso. Ela falou: “nossa, você era chato mas você nos ajudou muito na nossa formação como pessoa.”

Entrevistador: chato com razão...

Entrevistado: é essa é a diferença de hoje né... Os técnicos não estão nem aí, só tão preocupados com o jogo e ganhar e não estão preocupados com a formação.

7. Você pega até a escolinha da Janete atualmente... Todo mundo procura repetir as coisas que ela faz né... O jeito dela, a formação dela, o que ela tenta passar o que ela orienta, a mesma coisa foi com.. Eu to falando, to repetindo as mesmas três (pessoas) ou até a Karina também um pouco, mas mais por que as três deram exemplos né... Exemplos bons a gente tem que seguir. Infelizmente o basquete não segue, o basquete em si né, de uma forma geral, então não alcança os objetivos porque a gente não seguiu nem esses bons exemplos. Nós éramos uma geração de técnicos na época também, que éramos mais exigente, nos preocupávamos mais com a formação, se preocupava com a família da menina com a estrutura familiar, por exemplo, dia das mães fazia reunião de todas as atletas com as mães, entregava flor, e tentava vincular a atleta de alto nível com a atleta mais jovem fazíamos alguns eventos. Lá em M2 tinha um torneio de lance livre, já repeti outra vez, com o nome da Hortência, ela ia participava fazia um arremesso junto

Entrevistador: e as meninas se identificavam muito?

Entrevistado: muito nesse sentido aí.

8. Ah! Em uniformes! Procuravam comprar sempre a camisa numero quatro. Ah... Que mais... Como eu falei a Paula se usava faixa todo mundo usava, Magic Paula, fez até uma grife da identificação lá, hoje ela tem a escolinha a Hortência tem as camisetas pintadas, existia também um trabalho de marketing por trás disso. A Hortência também foi muito orientada pelo Vitor Oliva na época, tinha um produto, o basquete era um produto interessante, então, vinculava a criança com aquele produto interessante. Hoje você não consegue, você pega uma transmissão no jogo da... Nós estamos num pré olímpico e um jogo não foi transmitido em TV aberta. Nós pegamos o voleibol, classificação da liga mundial, quinta divisão, TV aberta globo, sábado, domingo. Porque isso aí, eu falando assim com o jornalista, inclusive o cara da ESPN falou assim: nós na véspera do mundial de 2006 que foi no Brasil, eu fazia parte da comissão técnica da equipe C. Nós tínhamos um torneio em M3, 15 dias antes num fim de semana e ele não conseguiu ser vendido pra TV aberta. É um produto não vendável, sem credibilidade. Não vou colocar o caso por que acontece isso aí, mas eu acho que tem que radicalizar e mudar todos os conceitos e usar essas pessoas que eram importantes pra tentar recuperar a imagem.

9. Até hoje ainda eu comparo e falo pra elas e conto historias né... Histórias sobre o passado não tão longínquo, até recente... O que a Hortência fazia do que a Paula fazia o que elas eram de exemplo né, então eu procuro, ainda vinculo a minha carreira, tento vincular... Que nem... eu sou técnico em M4. Cada uma é de um time montado agora e você montar uma estrutura e tentar formar uma estrutura de equipe que é o mais difícil.

10. M2 tinha um maior número de praticantes. Em M1 era mais centralizado no colégio tinha dois pontos

que eu também fazia um era no centro esportivo na época né... Lá atrás na vila rio branco, então tinha uns 150 praticantes um pouquinho mais... Hoje que tem uns 250. Aqui em M1, se não me engano americana e Ourinhos são as três pontas e são Caetano que monta trazendo. É diferente a situação, porque tem um índice de natalidade muito pequeno por pouco habitante e é uma cidade velha, uma cidade que vai aumentando a qualidade de vida aumentando o índice de mortalidade e diminui o de natalidade. As escolinhas não são direcionadas, agora eu acho americana primeiro por ser interior tudo fácil de locomoção. M1 acho que já ficou meio grande difícil, e lá em M2 o que eu acho que foi um grande trabalho em quantidade não é nem qualidade mas de quantidade nos tínhamos na última, porque nós fizemos um acordo, com a faculdade e professor de basquete. O estágio deles era formação de equipes onde o patrocinador, na época do torneio, dava as bolas e uniformes. Então, nós tínhamos 23 escolas e nessas 23 escolas era obrigado a ter 20 alunas. E tinha um trabalho muito legal, tinha uns torneios, festivais e os dois últimos que eu trabalhei um foi no M4. Também a gente fazia trabalho de capacitação, e em M1 chegou a ter 2300 meninas treinando basquete e também em M4. Nós tínhamos duas mil épocas pessoas no projeto do governador onde a Hortência, ela encabeçava ela ia inaugurava um centro de excelência em cada cidade tipo, M5, M6, M7. Nós tínhamos um administrador e fazia a capacitação dos professores e a Hortência ia e inaugurava o centro de excelência e esse centro de excelência chegou a ter 2400 crianças jogando num outro estado, mas também acabou se extinguindo... O problema é a continuidade, esse projetos são fantásticos... Mas ela encabeçava, ela ia lá com o governador ou com o secretário, ia se apresentava na cidade fazia um marketing fantástico. Era tipo um projeto segundo tempo, onde as crianças recebiam 2 camisetas boné e bolsa, e elas sempre todas uniformizadas no treinamento e a gente passava, nós a comissão técnica, fazíamos a capacitação então nesse sentido aí foi muito legal.

11. Ah, essas cidades aí eles faziam um... A prefeitura fazia o evento, imprensa tudo junto. Todos eles agindo junto, a imprensa, tinha um departamento de marketing do governo do estado, o estado tava envolvido na época, lá em M2 já foi um acordo entre prefeitura, e secretaria de educação que tinha que ceder os professores. Não sei se é secretaria de educação... Será que é secretaria da educação Que fala? ..Não sei, mas época o que era... Ceder os locais né. A faculdade de educação física né, então agregou tudo, e na época a prefeitura tinha um bom departamento de marketing também né... Já diferente da A que onde passa faz um log, monta a equipe adulta e não se preocupa com base. Então, as duas vezes que trabalhei tanto aqui no basquete quanto lá no basquete em M2 na época. Também sei que no vôlei aqui depois eles largaram ficou um rombo no vôlei porque não teve nenhuma continuidade de, e se preocupavam principalmente em vender a imagem não se preocupa com formar. Tinha que se preocupar! Nós, da comissão técnica, só mais a maioria dos técnicos são...

12. O que? Imprensa você tá falando? São épocas distintas né... Hoje, a gente não sai nem no jornal, não sabe nem que jogo está tendo né... Na época, primeiro que era mais amador não era tão... Hoje nós temos a informação muito rápida, de um lado eu vejo a evolução principalmente eletrônica, você tá gravando num celular eu estou gravando aqui e aquela época era um radinho assim... Você não tinha internet, não tinha walkman, você não tinha mp4, você não tinha Ipod, você não tinha nada. Eu vi uma entrevista do Zico falando disso aí... Eletrônica que te dá N informações, estatística, onde ataca onde não ataca, uma gama fantástica. Mas em compensação ele individualiza, porque você, todo atleta (de alto rendimento) ele tá... Ou ele está com o celular, ou ele está com o mp4 e ele não tem esse tipo de convívio e na época comunicação era o que... Era um repórter delegado para o basquete. Então ele ia lá com o “negocinho” dele e gravava, desde a época que eu jogava era assim. Aqui foi um repórter de M1, ele foi com o gravadorzinho dele mandava mensagem por telefone, escrevia lá, era máquina de escrever, não tinha fax, não tinha uma série de coisas então existia um tipo de relacionamento maior. O (nome do repórter) era

conhecidíssimo no basquete, porque ele ia... Ele tinha que ir lá ver o jogo. Hoje em dia o repórter ele faz tudo online não tem a participação da imprensa da comunicação. Hoje a mídia faz, mas eu não vejo a participação direta do comunicador de quem faz esse tipo de coisa. Na outra época não... Você sabia quem era do basquete e do basquete era quem.

Entrevistador: Você acha que a imprensa conseguia alimentar, com as notícias que eles escreviam essa identificação das crianças com o profissional?

T1: Aqui existia uma empatia muito grande, porque a maior preocupação que eu vejo assim, de quem trabalha em base ou quando eu mudo pra uma cidade são duas coisas: Você tem uma empatia com a cidade, outra coisa, você tem que ter criança, você traz a criança você traz o pai... Então nas preliminares dos jogos a gente fazia muito evento de levar crianças, então os pais passavam a ter com o basquete um vínculo maior e embutia a imprensa junto, destacando principalmente os valores da cidade, quem era nascido na cidade. Procurava pôr uma equipe no banco do adulto uma menina que era nascida em campinas se era em campinas, quem era nascido em Jundiaí, então por que Jundiaí pra mim mais marcou porque todas tinham nascido em M1. Todas estudavam no colégio, quem não estudava eu arrumava bolsa, então porque eu gostava. Era um final de mini lotava cabia 2000 pessoas dentro e fora e não cabia, mas por quê? Porque tinha uma empatia com o colégio com a família e integrava tudo. Integrava a imprensa, a imprensa fazia de um campeonato mini sair na primeira pagina. Hoje você não sai num adulto na primeira página não porque era mais amador, mas é que eles tinham uma empatia maior agregava muito mais uma coisa a outra, como foi em piracicaba mesma coisa, como foi em campinas a mesma coisa.

13. Momentos distintos, eu acho. M1 era o lado mais de formação, muita coisa eu falo que hoje não seria tão radical como era antigamente. Mas a gente evolui com o tempo né... pedagogicamente muita coisa eu errei muitas coisas eu acertei, mas eu acho que assim como eu falei na primeira parte, bons exemplos tem que ser seguidos. Então aqui no momento que a gente orientava pra uma formação, falava gesto técnico... Era isso... Ou procura copiar esse movimento. E nós tínhamos uma linha de conduta única desde mini até adulto pra que... e progressiva né. Lá em M2, a gente tentou seguir... Quase chegamos! Então o mini fazia até isso aqui, o mirim até isso, o infantil... Seguindo pra que quando chegasse no adulto, pro técnico do adulto, eles tivessem uma conduta de comportamento, técnico, tático tudo pronto. Então não sei se é essa a sua pergunta, se foi nesse sentido aí, porque nós tínhamos uma direção a ser seguida, nós tínhamos um objetivo único.

...

Tinha um ranqueamento na época, divisão de jogadoras em cada equipe. E também os resultados depois como vieram: a Vicky que jogou no Paraná, em Americana até quatro anos atrás, ela jogou com 37 (anos) ela era o maior salário da Itália. A Helena, que jogou no BCN, uma russa fantástica ate hoje ela é um dos maiores salários da Espanha a Hasan que jogou em Campinas foi o maior salário na Europa. A Cintia Cooper foi MVP e maior salário na WNBA. Time do estrangeiro de ponta, não era jogadora normal, quando o dólar era 1 pra 1 então nosso dinheiro valorizou muito então cada time gastava de 1 a 2 milhões de dólares ano, hoje o investimento vamos...

... Muito irrisório e daí diminui o número de praticantes também e também ficou só essas quatro cidades (Ourinhos, Americana, Catanduva e Osasco). Não tem mais basquete nas outras cidades. Não é que não tem.. tem Itapira um pouquinho, pedreira um pouquinho, eu não sei esse projeto da Karina como é que ta andando em Jaguariúna... Em Marília tem um trabalho que esta fazendo paralelo com a Karina não sei, e o Finasa que é um numero de praticante grande, mas é muito mais o aspecto social. Os outros, santo André tem umas “basesinhas” pequenas uma escolinha só em um lugar, são Caetano em 3 lugares, Jundiaí 250, mas tem que ter mil né... Se cada cidade de 100 mil habitantes, tivessem 1000 praticantes, que da quanto? 1 por cento... Nós não temos isso aí... Mas em compensação o voleibol com uma ascendência muito

grande, mas porque se profissionalizou diferente da gente, e mostra resultado. Mas você sabe o voleibol ele é praticado assim, com campeonato, só no Brasil.. Fora daqui... Você pega na Europa tem na Itália, agora na Rússia um pouquinho... Mas não são campeonatos fortes, não é essa loucura que é aqui...

ENTREVISTA T2

1. Em determinados momentos sim, principalmente quando a gente esteve aqui em M1, uma época que tinha um grande ídolo do basquete feminino que era a Paula né, e seus nos seus confrontos jogava contra a Hortência. Então aqui o ginásio, sempre estava lotado de gente, era uma festa muito legal. Então, nós tínhamos uma adesão muito grande nas escolinhas, então a gente não tinha muita preocupação em correr atrás de crianças pra participar das escolinhas. Elas nos procuravam, então era visto com muita... Pela população de maneira geral e atraía as crianças para a prática da atividade física, era interessante isso aí... Mas aí, logo que ela saiu, a gente ficou carente de ídolos né, e aí, o professor que trabalha com essa parte de iniciação ele tem que ir atrás das crianças, pra conquistá-las, pra trazer pra prática esportiva e as meninas que atuam com certeza! Algumas se identificam né com a maneira de jogar, elas querem ser iguais dentro da quadra, porque assim até então elas não conhecem o “eu”, a pessoa da atleta né... Conhece somente ela jogando, então em determinados momentos nós tivemos essas duas experiências tendo ela como ídolo, e não tendo ela como ídolo aqui.

2. É, por exemplo, desde a maneira delas se vestirem, a maneira delas falarem, sem elas perceberem, até os gestos delas na sua comunicação, algumas crianças elas tentavam imitar, né, a maneira de jogar, a maneira de dar um passe, a maneira de arremessar, a sua postura no andar, né... Até se a atleta usava uma fita na cabeça a menininha também usava, então isso a gente via desde a iniciação e também nas categorias menores, onde a influencia é maior, porque na iniciação as crianças estão descobrindo ainda o que é o basquetebol e muitas delas acabam não gostando optando por uma outra atividade. Mas as que estão já engajadas no projeto, no processo, disputando jogos oficiais, campeonatos, enfim elas ficam assim, mais vidradas quando tem a situação do ídolo, algumas não, algumas não tem essa tendência mas a gente percebe sim que há essa tendência nas jogadoras com certeza.

3. Não. Às vezes que eu (es) tive, dentro dos processos que eu trabalhei né, dos projetos, a equipe adulta e categorias menores, nós não observávamos esse tipo de comportamento, ou seja, elas não tinham uma relação social. A não ser aquelas meninas que eram juvenis e participavam da equipe adulta, quando tinha alguma coisa social, mas bem próximas aos compromissos da equipe, não a situação social, a não ser no último ano, que nós tivemos um adulto aqui em M1 onde as meninas a maioria juvenil jogava na equipe e as meninas adultas tinham no máximo 20 anos. Então aí sim, era muito próximo da idade e elas tinham a relação social, mas não quando a equipe ela é, ou numa idade muito a cima ou também quando a equipe sua é uma equipe de um nível melhor né, um nível maior, aí a relação fica cada vez mais distante, a não ser aquelas atletas que gostam de estar com as meninas, mas acho que nada pessoal, nunca observei nada pessoal.

4. Respondeu negativamente a questão anterior.

5. É... Em termos de valores é um pouco mais difícil de você dimensionar, mas a gente tinha muito assim, cuidados serem tomados, porque na realidade elas tinham aquela idolatria pelo atleta, não pela pessoa né...

E hoje em dia é tão difícil você idolatrar uma pessoa, porque, todos nós somos seres humanos, temos nossas qualidades mais os nossos defeitos né... Então a gente procurava passar pras meninas que elas tinham que ser elas né, e não ter os mesmos procedimentos que a jogadora a atleta na vida pessoal porque até então também, é um pouco assim, vamos dizer assim, sensível né... Não sei se é essa palavra... Seria um pouco difícil a gente entender que a menina ia ter assim proximidade pessoal das atletas, isso também é meio um pouco... É... Pode causar constrangimento porque cada uma tem sua vida pessoal tem suas opções e isso pode ter uma influência direta ou indireta. Então eu não... Assim, nunca percebi isso, delas observarem isso nas adultas a não ser quando, numa equipe próxima ai sim, ai sim, principalmente nessa equipes que eu falo pra você que é próxima a idade aí os valores são transmitidos às vezes também da categoria menor pro adulto, não somente do adulto pra categoria menor.

6. Respondeu negativamente a questão anterior.

7. Sim. Como eu já disse, em sinais tanto da postura dela como pessoa, por exemplo, a maneira de se vestir, de andar, de correr, de arremessar isso a gente sempre observou. Agora, eu nunca observei são situações assim mas, da parte pessoal, até porque a faixa etária também não permitia ou seja porque a jogadora X tem um carro do ano, também quero ter, então também existiam muitas situações que não era perceptível porque também era também difícil de acontecer. Mas assim... A gente observava nessas características, aí sim, aí a gente percebia bastante, né... Então por exemplo, na época da Janete que também jogou aqui em M1 tinham as meninas que queriam jogar da maneira dela, até hoje a gente observa que algumas atletas, embora com jogadoras que já pararam de atuar deixaram ainda algumas meninas que já vem vindo aí nas categorias menores com o mesmo perfil né.

8. Em relação a isso de se identificar com as atletas o que eu percebia era justamente isso, tem jogadora que até o modo de falar né, então tem a jogadora X que ficava com a boca torta na hora de falar a menina queria imitar, e ela nem tinha boca torta né, na hora de falar, se tinha alguma jogadora com dificuldade de comunicação ela também parece que tinha, era uma menina que não tinha dificuldade. Então, são esses sinais assim da postura, mas na quadra onde a gente mais observava, então é. .. Se a menina utilizava uma meia até o joelho, ela queria por a meia até o joelho, se a menina não marcava, é.. que ela queria.. Era uma atleta que mais pontuava a menina também queria fazer mesmas características dela, mais defensiva do que ofensiva, então eram esses sinais que eu sempre observei quando você tem uma relação de adulto com uma categoria menor.

9. Não, em relação a isso não. Nunca falei pra menina que ela tinha que ter tal conduta, tal maneira de se vestir, de atuar, de jogar. Muito pelo contrário. O que eu falava é que elas tinham que ser cada uma que ter o seu perfil, as suas características, e era amenizar as suas dificuldades e melhorar ainda mais as suas virtudes. Era... E sempre foi esse o meu perfil né, porque não adianta você querer ser uma jogadora, você construir numa jogadora, que ela seja uma excelente chutadora de 3 pontos se na realidade ela não tem esse perfil uma bola mais forte dela é um jump curto né, ou média distância... Então é muito pelo contrário, amenizar pra aumentar o recurso dela, recurso motor né, recurso de fundamento e melhorar cada vez mais o que ela tem de melhor. Então eu nunca construí relação do perfil dela com de uma outra atleta, isso não.

10. A única condução que eu construí é o seguinte: quando a gente percebia uma atleta do alto nível, por exemplo, eu terminava o treino ela ficava arremessando, então isso são situações positivas... Então, a gente conduzia no sentido de mostrar que alguns exemplos positivos, levava né... Algumas ações positivas

das meninas, levavam elas a serem jogadoras que se destacavam né... Então se fica treinando mais tempo, a menina que se controla na alimentação, a menina que treina a parte física com vigor né, respeitando todo o procedimento e também o lado negativo né... Quando a gente via uma jogadora sendo punida na equipe adulta por indisciplina por alguma outra situação, levando, conduzindo pra que esses fatores pudessem ajudar na construção delas né. No caminhar delas esse tipo de condução sim, sempre levo até hoje né... Acho que os exemplos positivos, as ações positivas, a gente tem que considerar pra que elas entendam até onde, principalmente agora numa falta assim, vamos dizer de ídolos né, mas a gente estar sempre exemplificando a pessoa de sucesso pra passar isso pra elas.

11. Olha, passamos por várias épocas aqui em M1. Tivemos a época como eu falei, aí das equipes mais profissionais, que M1 respirava basquete, foi 88, 89 até 91. E depois nós tivemos assim, uma comunidade mais restrita, sem equipes, tivemos aqui outros projetos, projetos da Karina que na época era da A, projetos da B, projetos de outros patrocinadores né, projetos de categoria menor e agora com o C, mas assim... É mais a comunidade esportiva hoje em dia, e alguns assim que gostam do esporte. Mas na época, porque também tinha a TV aberta né... Então isso era a nível nacional, então isso também, atraía mais as pessoas ainda a entender do basquete. Hoje não, embora M1 tenha uma mídia muito forte, (nomes de canais locais de televisão). Então, têm 6 canais de televisão que acompanham o esporte aqui, têm mais 3 jornais, têm mais duas rádios... Então é assim... É bem divulgado a parte esportiva aqui na cidade e na região, ainda hoje, então isso também, creio que perto de outras cidades, eu tenho um exemplo quando a gente traz a C, categoria menor, pra treinar aqui, a imprensa local realmente participa e divulga muito. E já tivemos em outras cidades trabalhando com categoria menor, recentemente em M2 e não dei nenhuma entrevista lá, não via nenhum fotógrafo aparecer lá, como se a gente tivesse numa cidade e ninguém... E lá tem o basquetebol muito tempo, então pra você ver como é também importante a parte da mídia nessa divulgação, pra criar essa comunidade do basquete né.

12. Como eu falei na pergunta anterior tem assim uma influência muito legal. Tem uma influência porque, como eu disse, em M1, por exemplo, tem grandes canais de divulgação, então isso ajuda muito. A menina também, de uma maneira ou de outra nós temos TVs de canal aberto e fechado. Às vezes ela vê no canal aberto, às vezes ela vê no canal fechado, às vezes vê num jornal então já que é divulgado o esporte, mas em M1 de uma maneira geral atrai... Não é só pro basquete porque aqui também todas as modalidades esportivas são federadas, tem projetos, então acaba atraindo. E os números de M1 da prefeitura, são números grandes de participantes, de crianças de idosos, é uma participação muito grande. Eles valorizam demais aqui a parte de atividade física, então com certeza auxilia, e os locais que não tem, é... Acaba... Creio que tem uma influência de não atrair, porque você não atrai não só em relação a patrocinadores que isso é uma verdade... Você não tem a mídia, você não atrai grandes patrocinadores, atrai patrocinadores co- relacionados, mas também você não cria esse vínculo da parte da comunidade que não é só praticante estar acompanhando a modalidade.

13. É o que eu falei... Em relação aos procedimentos pedagógicos, eu nunca fui de trazer perfil nenhum de atleta, mas sim os exemplos positivos e negativos que na construção aí, da formação da jogadora né, como atleta e como pessoa, de dar exemplos positivos, exemplos negativos pra que ela possa entender o caminho correto dela seguir e tratar o seu próprio caminho. Na parte pedagógica, nunca trouxe a não ser exemplos Janete que, por exemplo, tem um jump muito bom, você trazer, exemplificar, de um fundamento bom que uma jogadora faz você traz até em vídeo e tal... Mas mesmo assim, isso é só para ilustrar que na realidade agente tem que partir, da onde vem a atleta pra você em que momento, em que nível que ela está na parte, por exemplo, do arremesso, to exemplificando um fundamento, a partir daí você corrigir né, é

difícil você sair do Zero e falar: ‘você tem que arremessar dessa maneira!’”. Que as vezes a maneira dela, não é a maneira que ela se sente bem e isso não vai aumentar a performance dela. Então, por exemplo, porque se fosse seguir dessa maneira, como é que a gente ia ensinar o arremesso da Paula? Arremesso, que a gente estuda que a gente vê que a gente trabalha não tem nenhum perfil co- relacionado, então como é que a gente vai ensinar isso pra menina... Que o dela cai né, que o dela é uma performance alta de arremesso, mas você usa só pra exemplificar, pra você estar mostrando como que é, como que não é, só dessa maneira.

ENTREVISTA T3

1. Bom, algumas coisas sim, em relação a alguns gestos técnicos, principalmente jogadoras que se identificavam na posição, jogadoras rápidas, jogadoras mais de condução de bola você notava assim uma certa idolatria e tentando ver como a Paula jogava, e na época como a Nádia jogava, e outras condições também. Em relação a comportamento também algumas modificavam até detalhes de roupa, colocavam faixinha na cabeça porque a Paula colocava faixinha na cabeça, tem desde a influência em relação a gestos técnicos até a influência em relação a roupa, em relação a outras coisas.

2. Na realidade já citei alguns, e outros não só no aspecto individual, como no aspecto coletivo também né... Você notava às vezes as equipes querendo gritar como as adultas gritavam, por exemplo, tem sempre um grito de guerra que a gente chama assim, de um grito inicial antes de começar uma partida ou num intervalo de uma partida e elas faziam questão de fazer igual. Então você nota que realmente existe uma passagem uma transmissão, infelizmente existe a transmissão tanto dos fatores positivos quanto dos fatores negativos e a gente tem que tentar ir filtrando as coisas.

3. Não, relação social não. O convívio se limitava mesmo a... Existia uma distância até pela questão da faixa etária, não por nada, por nenhum problema, ou por uma dificuldade, é questão da faixa etária mesmo é muito difícil você ter uma relação social nessa faixa de mini- mirim com as jogadoras, ainda mais do nível que era. Muita jogadora de seleção com um profissionalismo enorme, muito comprometimento de horários de atividades, então realmente não tinha muito espaço pra esse tipo de convívio não.

4. Respondeu negativamente a questão anterior.

5. Sim. Tanto no aspecto positivo quanto no negativo, como já disse anteriormente. Tem momentos, por exemplo, que você notava passagem assim em relação a conselho de responsabilidade, pontualidade. A partir do momento que você convive com de alto nível como era lá, você vê que não existe essa coisa de jogadora chegar atrasada em treino, não existe essa coisa de jogadora faltar a treino, que é comum às vezes nessa idade de mini- mirim... Isso acaba facilitando muito o trabalho dos técnicos dessa faixa etária, porque as jogadoras naturalmente começam a enxergar tudo isso como uma necessidade pra se conseguir chegar mais longe em um esporte... Então esses valores aí, eles passam naturalmente e acabam facilitando o trabalho do técnico. Em compensação, algumas coisas que são presentes em alto nível né, que são naturais em alto nível algumas discussões, algumas coisas assim e tal... As jogadoras como acompanhavam muito o treinamento, acompanhavam muito os jogos, e volta e meia, você via algumas coisas assim, meio diferentes, você tem que intervir, conversar e tal, porque é como eu falei, são faixas etárias aí as muito iniciais né, faixas etárias formativas... As jogadoras ainda numa fase de formação, você

tem que cuidar de certas coisas, então acho que tanto em relação a valores positivos quanto em relação a algumas coisas que são características do alto nível... Mas que ainda não são adequadas a essa faixa etária, a gente tinha que lidar com isso aí.

6. Algumas coisas positivas né... Você notava sinais assim aquela busca da coisa do coletivo, aquela da busca do trabalho em equipe, a vibração com a cesta da companheira, esses valores mesmo de interação de objetivo coletivo e tal... Mas por outro lado, você notava alguma coisa também, algum stress exagerado com o resultado, coisa que não é adequada à faixa etária. Então, você via de repente, quando uma adulta perde, quando uma equipe juvenil perde, o sofrimento ele é assim... Ele é muito grande né, ainda mais numa equipe de ponta onde a cobrança de resultado era constante e as vezes isso se transfere pras crianças das categorias menores. É como se vestindo aquela camisa, aquele clube que é um clube de ponta no país, você tivesse obrigação também de ter sempre resultados positivos e de ganhar de todo mundo. Isso às vezes pra uma criança numa idade precoce, isso se manifeste de uma maneira muito negativa, umas se abatem, outras tem um nível de stress muito elevado em função disso. Então, você tem que ir trabalhando isso, exercitando isso e tirando o tal do peso da camisa porque na realidade ainda se tratam de crianças ainda estão em formação. E não é porque você, coincidentemente, você esta num clube de ponta e você tem 12, 13 anos você tem já condição ou nível técnico ou condição psicológica de suportar uma cobrança dessas. Então, isso às vezes se manifestava num nível de stress muito grande, eu acho que nesse caso cabe ao técnico relativizar isso, ou seja, aquela camisa que esta ali ela tem um peso para aquelas equipes que realmente tem investimento pra buscar esse resultado e outro peso pra equipes formativas, porque eu acho que você não pode perder ali o ponto central dessa faixa etária que é realmente criar todas as condições pra desenvolver o basquete delas com cobrança coerente com a faixa etária em questão.

7. Sempre, de várias maneiras. Tanto em relação a gestos técnicos, algumas procuravam se identificavam mesmo aquela característica né, daquela jogadora que estava no adulto em relação a ela própria, criança. As atletas de base então assistiam treinos, jogos, então você vê tentando às vezes executar gestos esportivos no treino seguinte. Você nota que às vezes você viu isso no jogo anterior e quer tentar aprender a fazer algumas como já falei anteriormente: em relação a vestimenta, nisso a gente interferia em alguns aspectos porque eu nem sempre acho que isso é positivo, eu acho que você tem que estar sempre procurando tirar coisas positivas dali, coisas que realmente possam acrescentar pra você e não coisas que não sejam relevantes em alguns aspectos ficam até fúteis. Então, a gente tem que tomar cuidado com essa idade formativa então às vezes a jogadora dava, a criança né a menina dessas categorias aí davam uma referência muito grande pra isso, uma prioridade nisso muito grande, como se isso fosse na realidade ali uma transferência de jogo. E isso a gente sabe que não condiz com a realidade você tem que trabalhar com todos esses aspectos, mas isso se manifestava de várias formas várias, tanto fora da quadra quanto dentro da quadra você notava assim... Como interfere diretamente esse convívio, não o convívio pessoal não só relação pessoal, mas o convívio de estar vendo mesmo observando os treinos e observando os jogos das equipes de cima.

8. Ai já foi. (Refere-se a já ter respondido essa questão anteriormente).

9. Em alguns pontos sim, nos pontos que eu considerava importantes, relevantes na formação delas eu procurava mostrar mesmo né: “Você viu por exemplo como elas se ajudam na defesa, a solidariedade mesmo uma com a outra como aquela jogadora teve dificuldade de marcar aquela outra e a equipe inteira se posicionou pra ajudar, pra cobrir ela e tal...” Então, a gente sempre mostrando algumas coisas positivas que podiam acrescentar pra elas, então em relação a dedicação às vezes jogadoras que ficavam do adulto

batendo bola fora de hora chegavam antes do treino, saiam depois, e eram jogadoras geralmente de destaque... E eu falava pra elas né, mostrava, então você vai construindo essa coisa da dedicação, do mais, do se empenhar mais, de que aquilo lá na realidade não cai do céu não cai no colo de ninguém. Você, quando consegue se destacar em alguma área que seja, no nosso caso o basquete, é com muito empenho dedicação mesmo, envolvimento no negócio... Então a gente procurava construir isso mostrando que quem chegou foi por esse caminho, caminho do “fazer mais”, caminho do se dedicar, caminho do ter espírito de equipe, então a gente aproveitava qualquer oportunidade pra tentar fazer essa relação e tirar proveito disso.

10. A condução já é um pouquinho diferente da construção né... A condução já envolve também você agregar coisas que são contraproducentes né... Então, em alguns momentos a gente percebia esse nível de stress muito alto nas meninas um desespero muito grande... Por exemplo, de repente você jogava contra o mesmo adversário que o adulto jogou na semana, só que o adulto é um time de ponta, com estrangeiras, com jogadoras de seleção brasileira. Então, às vezes, eram resultados assim que ganhavam de 40, 50 pontos de diferença e você notava muito no olho das meninas um desespero assim como se tivessem que ter resultados equivalentes, não pra competir, mas ao contrário, pra se sentir, tipo assim, nós merecemos estar aqui... Então você tem que conduzir isso de uma maneira diferente, tranquilizar o grupo, botando metas degrau por degrau. Acho que ter categoria de base é fundamental você não deixar assim coisas inalcançáveis, coisas assim inatingíveis porque você tem o efeito contrário, porque ao invés de você ter mais empenho da menina, você ganha só o desespero ou desânimo, então, a gente conduzia isso. Acho que principalmente nesse aspecto a condução era importante pra ir tirando esse enfoque e colocando o enfoque nelas mesmo né, “o que que da pra gente fazer já? O que já estamos preparados pra conseguir, então vamos buscar isso né.”. Adequando vamos dizer assim, as metas ao que elas eram capazes de fazer e conduzindo dessa forma pra que não houvesse um nível de cobrança excessivamente alto pra uma etapa que você ainda não esta preparado pra isso.

11. Lá em M1. posso dizer que era muito boa, todo mundo, na verdade cidade pequena tem essa facilidade que eu acho que é um dos motivos do basquete, ele se popularizar tanto no interior, porque as opções que a cidade tem são quase nulas né, no aspecto social de programas, de tudo... Então que que acontece... Muita coisa ali girava em torno da equipe então as pessoas sabiam de tudo, até antes da divulgação já sabia tabela, já acompanhava tabela. Então tem muita divulgação feita boca a boca, fora a divulgação que era feita pelo clube, fora os veículos de comunicação. Muita divulgação de boca em boca, porque todo mundo acompanhava o dia a dia da equipe mesmo né, e tinha um numero de pessoas grandes inclusive acompanhando o treinamento então acho que isso é uma característica de cidades pequenas e lá com certeza isso tinha bastante.

12: Eu acho que sim, alimenta. Alimenta e inclusive, num aspecto ajuda, porque na realidade cria uma divulgação grande pra todo o trabalho. Inclusive pra um trabalho de, não só o trabalho de ponta mas principalmente o trabalho inicial né, das escolinhas e tudo... A imprensa valoriza muito isso... Eu acho que quem sofre mais com a imprensa é o miolo, porque a imprensa quer os extremos, ela quer ou o time de ponta ou a criançadinha de escolinha dos núcleos, do festival, aquela coisa... As categorias intermediárias, acho que já elas ficam meio que o patinho feio da história né, isso é assim e sempre foi assim. Então de uma certa maneira os veículos de comunicação ajudavam eu acho, que porque divulga o esporte, divulga os patrocinadores que é quem realmente tem o interesse em investir. Mas por outro lado, cria um pouco dessas coisas que você tem que amenizar né, essa coisa da cobrança em relação a resultado das crianças precocemente, essa coisa de identificar as novas Paulas e as novas Hortências, porque parece que isso é uma obsessão da imprensa. Então tudo isso você tem que lidar e eu acho que de uma certa maneira a

imprensa ela é útil pra nós porque sem isso não tem patrocínio. Mas por outro lado você tem que saber filtrar as coisas porque tem uns aspectos danosos também no trabalho.

13. Você estrutura todo o trabalho em cima do que você quer buscar, você tem que confrontar os problemas e na realidade estruturar os treinos, estruturar os trabalhos, estruturar a forma de fazer a coisa pra ir conduzindo dentro desse equilíbrio que você busca. E dentro dessa busca de evolução, eu acho que pedagogicamente você tem que estar sempre buscando métodos formas da jogadora estar evoluindo, da criança estar buscando... Você buscar novas formas de trabalhar, muitas vezes no basquete, você tem que individualizar muito isso, eu acho que isso é uma preocupação que a gente sempre teve em categorias de base, individualizar bastante as abordagens as formas de trabalhar. Eu desde aquela época gostava muito de fazer isso e ainda faço mesmo nas categorias de cima: ter horários separados para um número mais reduzido de atletas, porque muitas vezes o treino da forma como que você coloca ele. Muitas vezes ele não atinge o motivo determinado pra algumas atletas, então é importante que você descubra novas formas pra que essa atleta evolua, não só no aspectos mas também em aspectos técnicos como em outros aspectos... Então a gente tinha esses cuidados assim pra poder no dia a dia ajudar a atleta, na evolução dela, porque acho o técnico nada mais é do que não só o técnico como toda a comissão técnica, é um meio, um veículo para que a atleta possa estar atingindo seus objetivos e evoluindo na prática desportiva. Então, acho que a individualização nesse aspecto é muito positiva, a gente tinha esse cuidado de abordagens bem personalizadas assim, mesmo inclusive exercícios personalizados, formas de progressão nos exercícios também personalizadas, porque muitas vezes não importa a forma como você coloca o treinamento e sim a forma como esse treinamento é recebido. Então a gente sempre se preocupava em estar mudando, olha vê, esta tendo efeito positivo, não ta, modifica, individualiza, pra poder chegar no ponto final da coisa que era a atleta atingir aquilo que ela queria e a equipe conseqüentemente atingir o que ela precisava também.

Entrevistador:... Isso considerando as influencia dos grupos profissionais...

T3: Sim, na verdade existia uma filosofia de trabalho única, ali em M1 foi um momento histórico que eu considero muito positivo, porque a comissão técnica ela tinha uma interação muito grande desde cima até lá em baixo... Não só no aspecto filosófico de trabalho, não só no aspecto da forma de enxergar o basquete, como na forma de se dedicar, na forma de se aplicar no trabalho né... Então acho que tudo isso facilitava porque existia uma passagem de cima pra baixo da forma como fazer, e o mais importante disso é que quem trabalha embaixo, que era o nosso caso, acreditava na forma como isso tava sendo feito. Também não adianta só a passagem né, não adianta fazer igual fazia em cima... Se você não acredita que aquilo seja a melhor forma, então existia isso de verdade né, era um sentimento que reinava mesmo, que a gente tava tentando fazer o melhor possível acreditava no que estava sendo feito, então acho que é por isso que deu tão certo e tanta gente foi formada lá.

ENTREVISTA T4

1. Sim, e principalmente a identificação com algumas jogadoras. As principais principalmente, com a Marta na época da A, as americanas que vinham jogar, a própria Paula, a própria Branca, sempre determinando mais as posições. E dentro de quadra assim em treinamento a gente aproveitava essa influência da jogadora ou pra fazer uma seleção maior de meninas... E principalmente depois dentro da quadra, no sentido de aproveitar delas o fundamento pra com as meninas... Tá, lógico respeitando as diferenças físicas e técnicas assim, no sentido que era uma garota com uma relação adulta, então tem uma

diferença, mas principalmente na parte do gesto, do movimento.

2. Às vezes, nas brincadeiras, assim a parte. Elas acho que quando você chegava pra dar o treino elas ficavam no jogo brincando e sempre aquela hora mais da descontração... No caso então elas aproveitavam aquele tempo pra elas estarem jogando e pra elas: “ Ai, fulana de tal faz isso e não sei o que, jogadora tal isso, mexe com tal passe, e jogadora finalizando de uma forma diferente. Em cima do treinamento o que a gente aproveitava mais era no sentido de que a gente fazia a divulgação dos jogos. Mas e aí com a parte visual delas a gente aproveitava pra desenvolver a parte técnica do fundamento.

3. Eu acho que o adulto, elas tinha uma forma de carinho com essas meninas que já estavam na, principalmente nas equipes mais de competição iniciantes ou naquela época determinado como pré mini né, que são os 12 anos. Daí, 13, 14 anos pra frente era uma interação mais como uma forma de carinho de (es) tá cuidando de saber que é importante o papel da adulta das estrelas. Aí vamos dizer das adultas, em relação a essas meninas mais novas, a relação social fora de quadra eu acho que não, não sei se é isso que você quis perguntar, acho que o social a própria adulta acho que ela sabia diferenciar de coisa que eu acho que era importante. Mas principalmente acho que tinha esse cuidado da adulta com a pequena no sentido do carinho da proximidade pra que elas se sentissem mais prazerosas na atividade.

4. Em final de treino quando acontecia assim, ou final do nosso treino em M1, acontecia de intercalar a saída de um time e do outro... Então às vezes a gente acabava o treino, um pouco mais cedo, as meninas do adulto entravam em quadra e era uma hora que as meninas ficavam mais tempo ali olhando o treinamento, então as meninas aproveitavam pra ver o treinamento principalmente a primeira parte que era uma parte mais técnica que é uma coisa mais geral pra qualquer equipe. Aí, respeitando de novo a individualidade na faixa etária aí né, mas era principalmente nessa hora, em alguns jogos, uma situação ou outra. E tinha situação de banco também né, porque às vezes tinha algumas meninas menores de 16, 17 anos que faziam banco dessas meninas maiores. Aí é uma relação totalmente diferente porque ai já era... A relação social existia, ai a relação de aprendizado dentro da quadra existia, era muito mais próximo. Para as meninas menores que era mais o meu caso, era mais essa troca de treinamento de horário de treinamento de quadra.

5. Sim, porque eu acho que é assim, você tem uma criança que ela sempre visualiza alguma coisa né, eu acredito que ela venha em busca às vezes de querer jogar alguma modalidade que ela se identifique. Ela se identifica às vezes, uma menina menor ai de 12, 13 anos com colegas, com os professores, mas principalmente com uma jogadora adulta. Então acho que esses interesses, esses sinais seriam bem dessa busca de querer igual a uma jogadora do adulto.

6. Exatamente na hora do treinamento, que é a hora que ela buscava fazer um gesto como a jogadora do adulto. Acho que o principal sinal nosso é esse que ela começar a se assimilar no movimento da jogadora adulta acho que é basicamente isso. E na conduta fora de quadra no sentido de comportamento, como uma atleta se portava que é uma outra forma também que a gente trabalha com as jogadoras menores, forma de conduta, da forma do respeito. Então, um outro tipo de comportamento fora de quadra e até mesmo esse comportamento perante as outras equipes então as formas que a gente podia trabalhar, e as adultas nessa hora exerciam um papel fundamental porque era delas que a gente tinha bastante exemplo.

7. Sim, não só de M1, mas eu acho que naquela época resumia em 2, 3 cidades né e as vezes Campinas entrou num momento, Sorocaba. Aí, entrou o pessoal também de Jundiaí na época do Divino então acho

que assim, foi super importante nesse sentido o adulto, porque visualizavam, mas não especificamente a uma só jogadora porque às vezes depende da postura. Não desculpa não da postura! Dependendo da posição que a jogadora exercia na quadra, armadora sendo mais parecida com armadora, lateral com lateral nesse sentido.

8. Acho que foi falado nas perguntas anteriores, mas no sentido assim, da busca da similaridade do movimento da atleta menor com a maior dentro de quadra de treinamento. Agora fora de quadra mais era a conduta no sentido do respeito, do como se portar porque daí cada uma tem a sua individualidade né, que eu acho que esse é o grande X de cada pessoa né de respeitar um pouquinho isso.

9. Eu trabalhava na época em dois níveis né... Primeiro nos núcleos que era uma forma de captação de um maior número de meninas... Então, essas meninas, elas iam muito atrás elas já conheciam o trabalho do basquete algumas não, porque trabalhava em periferia, e as meninas se identificando com o projeto com a modalidade elas tinham o interesse de ver um adulto. A gente fazia esse primeiro contato, esse primeiro conhecimento do mundo do basquete, então essa era a primeira fase, a fase dos núcleos, dos iniciantes. Fase do pré mini, naquela época era determinado assim, e num segundo momento a gente já participava das equipes. Eu, como assistente de outras técnicas e já buscando esse sentido, um pouco mais da atleta, aí já era um trabalho um pouco mais específico, as meninas captadas dentro desse núcleo, indo pras equipes dentro da competição e aí já trabalhando mais o nível competitivo das meninas no sentido da formação competitiva.

Entrevistador: E essas relações você, por exemplo, usava as profissionais que jogavam no adulto como exemplo, etc...

T4: Sim, o que eu gostava era assim, qualquer modalidade a mais do que elas jogavam, por exemplo nas de 13 anos do mini naquela época, eu incentivava a assistir jogos do mirim, do infantil, do infante, do juvenil e do adulto, e aí você perguntava durante o treino: “ah você foi assistir tal jogo? Aí elas falavam que se tivessem ido elas aproveitavam bastante aquela situação no jogo pra elas visualizarem. Naquela época não tinha muito vídeo né, o recurso do vídeo, agora fica mais fácil...

10. Eu acho que é um pouco dessa..., eu fui mais dirigido na época do que um “cabeça” ali de estar mandando né... Então a forma que eu conduzia era incentivar a ver outros jogos, a ver determinadas jogadoras, em específico uma jogadora: “olha dá uma olhada naquela jogadora, ela é muito parecida com você, você pode aproveitar um pouco as situações!” Então, nesse sentido a jogadora aprendia um pouquinho mais, e principalmente na época mais quando ela entrava nas equipes de competição no caso, mas era dessa forma que a gente fazia, pelo menos a minha atuação né. Era nesse sentido, aí depois tinha outras fases que eu também tava bem no começo do nível profissional daquela época

11. M1, eu tenho orgulho da cidade, do que eu vi né, porque é uma coisa que eu também, a minha história começou com 7 anos escutando jogo de B e C entendeu, e do nada com 7 anos eu nem sabia o que era basquete e tinha interesse já... Então é uma coisa que eu acho que é assim, é a cultura de M1 então acho que a população em si também já estava acostumada nesse sentido de identificação da cidade com o basquete. E já na época se eu não me engano se não me falha a memória, 70 na década de 70 começou o basquete feminino, antes disso tinha o basquete masculino então M1 sempre foi dominada, sempre tinha essa tradição do basquete na cidade.

Entrevistador: então a imprensa local, por exemplo, noticiava, ETC...

T4: Sempre. Hoje você vai há um ano dois anos atrás tinha a D com a (nome da técnica), tava tentando como técnica, você vinha no jogo sempre tinha as mesmas pessoas assistindo o jogo tem aquela

identificação. E sempre uma pessoa ou outra, e quando eu dirigia a equipe adulta do E a gente fez uma final contra F e praticamente tinha quase 2000 pessoas no ginásio, e era uma A2 ainda... Então foi muito legal então M1 sempre se identificou com o basquete e isso facilitava porque muitos pais acabavam querendo levar o filho pro basquete um pouco pelo que era trabalhado. Eu acho que pela forma dos profissionais antes trabalhavam e do que a gente herdou pra trabalhar, entendeu?! Porque é um meio da educação não só via como atleta mas também se portar como ser humano então eu acho que isso é um fator muito grande do que uma equipe competitiva faz perante uma menina menor ai.

12. A gente ouvia partida de basquete pelo rádio, quando ia jogar em Sorocaba, prudente, então assim a identificação com rádio, principalmente com Rádio AM acho que é um dos veículos, acho que é muito próximo com a população no caso, e o jornal também cobria ai quando você tinha o time de ponta, Paula, Marta, Branca, essas jogadoras mais de nível de seleção o jornal sempre tinha uma reportagem. Agora, quando baixou um pouquinho o nível, as categorias menores, por exemplo, teve uma de 93 a 95 teve uma fase que só foi do basquete feminino do A, no caso, só tinham as categorias menores, não tinha o adulto. Quem tinha o adulto era a B, tinha matéria, mas tinham das categorias menores então as categorias menores também eram incentivadas pela mídia de jornal. Então muitas vezes a população acabava acompanhando pelo jornal e aí o adulto sempre teve e qualquer time de adulto em M1 de basquete. É um meio, eu acho que hoje em dia, eu acho que faz praticamente um ano que eu sai da cidade mas eu acho que ainda tem essa proximidade com o radio, hoje eu do basquete masculino que tá lá.

Entrevistador: mas você acha que alimentava assim, por exemplo, eles exaltavam as estrelas e eles alimentava a identificação das menores com os ídolos? Ou você acha que nesse sentido ele não tinha influência?

T4: Eu acho você exaltar uma situação, você ter o meio de imprensa, ele ter um tempo pra uma modalidade esportiva, acho que já abre o canal de muita informação, muito de querer saber um pouquinho mais, o que (es) tá falando, então o que tá falando e esse buscar o conhecer, o que que é a modalidade. Então, por exemplo, acho que muita coisa veio dessa troca de informação, desse querer conhecer agora, de incentivar buscar de mais novas, de meninas. Acho que os projetos sempre (es) tiveram em M1, acho que havia divulgação. Então peneiras, pra centro de formação onde existia, os núcleos as escolinhas então esse meio de informação vinha da imprensa o projeto com o meio de divulgação ou vice versa. Isso existia, mas não era essa exaltação não entendeu? De. .. era ou se falava do adulto ou se falava um pouco da categoria menor de resultados e às vezes falava do núcleo de formação, onde eram os locais de treinamento, agora não sei o que que....

Entrevistador: você acha que quando elas liam, você acha que dava vontade de jogar basquete, você acha que incentivava de alguma forma? “Ai quero fazer isso, quero ser assim... ou não?”

T4: Eu acho que desperta naquela que tem vontade, naquela ser humano que nasceu pra alguma coisa... E como eu falei pra você anteriormente eu acho que tem bastante meninas que vem hoje pra aprender basquete de diversas formas: ela vem com a colega, ela vem porque não tem nada pra fazer em casa, às vezes ela gosta da modalidade, tem uma paixão... Hoje aqui em M2, a gente vê uma menina que cruza a cidade pra vir fazer basquete aqui, né... Então, é porque ela gosta da modalidade e porque ela sabe que quer isso com 10, 11 anos. Então é difícil de ver uma menina assim, então eu acho que é a identificação, e mesma coisa que eu vou aproveitar até no meu caso. Eu nunca tive a chance de fazer um treinamento de basquete, mas eu, na minha veia sempre teve basquete... Então é uma coisa que assim: ajudou o rádio? Ajudou, mas eu fui atrás, conheci, acompanhava jogos, de repente quando eu entrei na universidade eu fiquei um pouco mais próximo das pessoas, dos profissionais e ai que me abriu o campo. Então eu acho que é isso que incentiva, eu acho que quando você tem um pouco mais de interesse, você aprende a conhecer o que é a modalidade, acho que a própria criança se ela tiver mesmo vontade ela vai atrás, lógico

que algumas tem que ser um pouquinho “empurradinhas”

13. Eu acho que a gente assim, dentro daquele respeito, da faixa etária a gente usava, mas principalmente gestos mais básicos, então, por exemplo, um passe, uma bandeja, um trabalho de pivô, um trabalho de finta. Não no sentido de movimentações ofensivas, porque daí fica um pouco mais complexo para idade na qual eu trabalhava entendeu? Na qual eu trabalho hoje, então é... Agora as categorias mais próximas ao adulto, ai sim... Já era muito mais intenso, mas na faixa etária que eu trabalhava que eram as iniciantes, então eram mais os gestos desses fundamentos individuais.

ENTREVISTA T5

1. Com certeza, porque eu acho que quando existe uma equipe de nível de categoria maior, primeiro que são espelhos, e com espelhos é mais fácil de você trabalhar. Segundo quando você tem um ídolo é muito melhor porque em volta de um ídolo sempre tem bastante criança atrás, e aqui em M1, principalmente, a gente contava com a Hortência na equipe, com a Janete, com a Marta, então a cidade respirava um pouco basquetebol, em nível de escola. Qualquer escola estadual que você chegasse pra anunciar uma peneira, a gente não tinha uma peneira com menos de 300 crianças, porque a mídia estava atrás do ídolo que fazia parte da equipe então com certeza eu acho que o trabalho facilita muito pra quem faz trabalho de base.

2. Primeiro, quando a gente fala de categoria menor e de equipe adulta, primeiro que a criança vai fazer é imitar o ídolo. Então, o primeiro comportamento do ídolo já influencia, a postura né, a gente vê muito a Hortência fazer o arremesso, respirando se concentrando, a criança também reparava nisso. Primeiro ela visualiza o ídolo sem o aprendizado assim, ai quando ela começa a iniciar no basquete ela vai: “ai quero fazer uma bandeja igual a Hortência, eu quero fazer um arremesso igual a Janete”. E ela vai se espelhando no ídolo pra isso, então, pra quem esta trabalhando com a categoria menor é muito mais fácil de você ensinar quando você tem um espelho.

3. Olha, quando as atletas chegam ao juvenil, ai sim, porque juvenil sempre complementa a equipe adulta. Então, elas começam a se relacionar, porque daí começam a jogar na mesma equipe a treinar junto a viajar junto né. Daí começa a ter uma relação de amizade né, de companheirismo, porque fazem parte da mesma equipe. Mas mirim, infantil, ai acho que não, ai acho que é só o espelho do ídolo mesmo.

4. Olha, quando um exemplo é um bom exemplo, qualquer exemplo é bom. Em todo time você tem bons exemplos e maus exemplos. A gente tem jogadores bons e jogadores ruins e quando é um exemplo bom ele só vem a acrescentar e quando o exemplo é ruim ele vem trazer alguma coisa que não é benéfica, né no aprendizado. Mas em geral, quando o técnico conduz a equipe, ele já conduz pra que as coisas corram bem e, geralmente, você já vai orientando as menores ao comportamento, o que é bom e o que não. Você ressalta geralmente o que é bom em uma atleta adulta e o que é ruim, você salienta, ela serve muito com o exemplo: “olha a dedicação dela, ela nunca chega atrasada, ela vem treinar fora de horário”. Então esse eu acho que já não é nem a atleta, é quem comanda a equipe pode tirar um bom proveito disso ou não né. Então as coisas boas você vai salientando e vai colocando as crianças de categorias menores junto com quem leva pra cima né, e não quem leva pra baixo a gente vê isso em qualquer esporte né? A gente vê ai na seleção que o Romário tinha ficado no quarto com o Dunga, por que? Porque ele era um bom exemplo, então acho que o bom exemplo, a comissão técnica conduz isso de uma forma adequada eu acho, se for

uma boa comissão técnica.

5. Olha, quando a gente fala de categoria menor, a gente fala da adolescente até 18 anos né, que é o juvenil, e no começo elas não tem muito discernimento de valor de financeiro. Então às vezes: “olha que carro maravilhoso da jante, olha não sei quem trocou de carro, olha o carro da Paula é lindo, nossa não sei quem veio com carro novo”. Então elas enxergam muito os valores materiais que o atleta consegue em si né, de alto nível consegue. Mas depois a partir do momento que elas começam a conviver, eu acho que as coisas, pra algumas as coisas mudam bem, ai você vai tendo outros valores né, ai você fala: “olha nossa, não sei quem conseguiu isso, conseguiu esse resultado dentro da quadra, porque treinou muito”. Eu falo sempre que a Hortência dava muito esse exemplo toda vez ela era a primeira a chegar na quadra e a última a ir embora, e ela usava muito as meninas de categorias menores pra treinar com ela, porque geralmente era: “Janete, você vai ficar treinando?” “Não!” Ai ela falava, “T5”, arruma uma menina ai pra treinar comigo, pra pegar a bola, esse tipo de coisa né...” Então esses valores, eu acho que você vai aprendendo quando você atinge uma maturidade de jogo e uma maturidade pessoal mesmo né, então a partir dos 20, 21 anos, você começa a adquirir outro tipo de personalidade, na quadra principalmente. Aí, quando a gente fala assim, “ai.. É imaturo na quadra” às vezes porque não ta pronto ainda fora da quadra também quando você atinge um amadurecimento melhor fora da quadra, geralmente vai pra dentro da quadra também.

Entrevistador: e as menores mini, mirim, você achava mais distante?

Entrevistado: é que é assim olha, é uma seqüência. Quem é mini vice pega as melhores atletas do mini e vai treinar com a equipe mirim, as melhores do mirim vão treinar com as melhores do infantil, as melhores do infantil vão treinar com as melhores do infanto-juvenil, e as melhores do juvenil vão treinar com o adulto. Então é muito longe! O que acontece muito, é tem treino do mirim, aí o mirim fica esperando até o adulto chegar pra ver elas aquecerem, pra ver elas arremessarem, às vezes até pra ver o coletivo delas, até fica esperando. Mas o contato não tem o contato, porque é gradativa essa seqüência. Então o contato, contato, não tem, pelo menos nas equipes que eu trabalhei né, a não ser quando tinha uma muito fera no infantil que ia treinar com o adulto.

6. Eu acho que nas perguntas anteriores eu já citei né, tanto visualmente como agrega valores visuais, valores financeiros eu acho que as perguntas anteriores estão bem parecidas com essa e já dá pra ter uma idéia.

7. Com certeza, inclusive até na parte técnica, tática “ai hoje eu consegui fazer uma bandeja igual a não sei quem, ai hoje eu consegui fazer um giro igual a não sei quem, olha a bola que fulana faz, olha a bola que ciclana faz”. Com certeza, é muito mais fácil você trabalhar quando você tem um espelho né.

8. Eu acho que a gente vem falando a mesma coisa né, da pergunta anterior, eu acho que na pergunta anterior a gente já falou sobre isso.

9. Como eu disse, eu acho que a comissão técnica que tem que orientar os bons valores, agregar os bons valores na equipe. Isso com certeza você usa exemplo sim da equipe adulta, principalmente quando é uma equipe campeã, uma equipe que está acostumada a disputar títulos e que traz muito esse valor de campeão, decisão. Acho que agrega muito sim e a comissão técnica, a comissão técnica tem que orientar esses valores, os bons valores.

Entrevistador: de que maneira você acha? Falando, mostrando ???...

Entrevistado: É... Eu acho assim, que falando também e mesmo assim sabe, assistindo as finais que

sempre essas equipes faziam, salientando algum lance do jogo, comentando, focando alguma participação de alguma atleta numa hora decisiva, numa defesa num ataque ou qualquer momento do jogo

10. Primeiro que eu acho assim né, uma equipe não tem só o técnico, eu trabalhava como técnica, mas eu tinha assistente de técnico, preparador físico e isso vinha agregar muito na formação né. Geralmente também o preparador físico era o preparador físico da equipe adulta a gente acompanhava a equipe adulta, assistente de técnico da equipe adulta, então você acaba sendo apesar de ser a idade ser diferente né, você estar trabalhando com mirim e adulto, mas a filosofia de trabalho é a mesma. Vamos supor, na equipe A a filosofia de trabalho era a mesma des do pré mini até o adulto na B também que a gente viu oportunidade de ta lá e a filosofia de trabalho é a mesma. Então, a condução da comissão técnica, e outra, a gente fala né, é uma escola de basquete, você vai preparando a atleta pra ela chegar no adulto então pra conduzir, quem tem que conduzir é a comissão técnica sem dúvida nenhuma ao meu ver né. Pode ser que tem equipes que trabalha diferente mas até o ano que eu trabalhei a gente trabalhou dessa forma.

11. Bom eu tive o privilégio de trabalhar em A e B que é um berço do basquetebol feminino desde acho que 1960 sei lá quando né. Então, a modalidade nas duas cidades que eu atuei com o técnico foi muito satisfatório porque a cidade é uma cidade que é acostumada com o esporte com o basquetebol e também tinha grandes times né, Então ficava mais fácil, porque eu acredito que se eu for fazer o basquete hoje em M1 eu não vou ter o mesmo apoio da população como a equipe em questão teve, como o B teve em M2 porque, porque hoje não tem ídolo e sem o ídolo você não faz uma grande equipe. Então, eu acho que seria diferente, mas na época de C, A em M1 era muito bem aceito e em M2 não era diferente, né, porque era uma cidade que convive com o basquete né, então era muito bom. Faz parte do Hábito, mas assim, é diferente assim: se você montar uma grande equipe eu acho que a população, ela quer ver bons jogos, seja de vôlei, seja de basquete, seja de futebol, então quando você tem boa equipe adulta você tem um bom retorno da população. Então, como já fazia parte do hábito e é uma cidade que viveu bons times de basquete lá nos anos 60, depois veio viver nos anos 80, se trouxesse de novo ou pra A ou B uma grande equipe com certeza a população abraça. Mas eles gostam de ver bons jogos, isso não é nem basquete, se no futebol meu time está em ultimo eu não vou, se ele esta em primeiro na decisão eu vou né, então o que atrai mesmo acho que a população é a boa equipe, o bom resultado e a competição em si. Você ta na final do campeonato paulista, você ta na final do campeonato brasileiro, você vai disputar um sul americano isso atrai né, agora se não for uma boa equipe também não atrai a população não abraça não, isso não é no basquete. M1 teve a oportunidade de encerrar o basquetebol que era o A, como o A tem um contrato com a cidade ele trouxe o voleibol, e a cidade abraçou, mas trouxe o voleibol de elite então abraçou também. Então acho que a população quer ver bons espetáculos, seja no futebol, no basquete, no vôlei, no handebol se tiver uma boa equipe competitiva eu acho que a população abraça.

Entrevistador: e como eles ficavam sabendo dos jogos, a imprensa local noticiava? Como que era?

Entrevistado: Como eram grandes as equipes, não era nem a imprensa local só, a imprensa nacional divulgava, então ligava o Globo esporte falava: “Hoje tem final no ginásio Municipal de Esportes”. A e B fora toda mídia local a imprensa que não era local também noticiava, que era final de campeonato, então, final de campeonato, ai ta em tal lugar, ta em tal lugar. Imprensa local, a gente tinha o basquete em uma TV aberta domingo de manhã a gente tinha na Bandeirantes o basquetebol, então era mais fácil de você conduzir né, porque você tendo o apoio da mídia que nem no futebol: o futebol é fácil porque a mídia nacional né fala do futebol. Então, na época como a gente tinha essa rivalidade, esses ídolos que a gente tinha, era fácil de ter a divulgação. Agora eu não sei com é com equipes pequenas, porque eu falei, eram duas grandes equipes né, então, e duas grandes cidades né, então era mais fácil por causa disso.

12. Como eu já falei na pergunta anterior, a mídia também quer notícia e mesmo nas categorias menores a

imprensa local trabalhava bastante, porque eles também queriam achar um substituto pra Hortência, um substituto pra Paula. Nunca, geralmente, não acertava, mas assim, eles estão sempre em busca de ídolos também né, pra futuros ídolos, é a mesma coisa que a gente vê hoje no futebol ai Pato já é um ídolo já é um substituto. E sempre a imprensa em categorias menores participava assim bastante, e sempre trazia um destaque ou outro como sucessor de tal ídolo e nem sempre virava sucessor, nem sempre virava jogador de basquete. Mas a imprensa também, porque a imprensa quer notícia e onde tem notícia ela vai atrás né, então acho que é mais ou menos isso.

13. Olha, que nem eu falei assim: embora sejam categorias diferentes, a equipe é uma só, então a filosofia de trabalho era uma só. Então, é feito um planejamento, é feita uma elaboração de treinos e você vai trabalhar da mesma forma que o adulto trabalha as categorias de base também tem que trabalhar. Inclusive, até as jogadas que são feitas que nem, você pega uma equipe mirim, ela não vai fazer uma jogada complexa que nem faz o adulto, mas o início da jogada a formação tem que ser a mesma então é todo um processo né. De a hora que ela chegar lá no juvenil, no adulto ela ta pronta, porque ela passou, fez um pedacinho ali do mirim e foi evoluindo conforme a categoria dela entendeu? Então a gente é assim, existe uma comissão técnica né, o mirim não é isolado, o mirim do B não é isolado do adulto existem reuniões e é planejado o mirim, é planejado o infante, é planejado o juvenil e é planejado o adulto que geralmente quem encabeça essa comissão é o técnico do adulto, com a filosofia dele e com as peças que ele agrega a comissão dele que ele acha que faz parte da filosofia de trabalho deles, que condiz com a filosofia dele de trabalho né. Então a filosofia é a mesma, então o processo ele vem desde o começo e chega lá no adulto, quando é uma equipe que tem um trabalho né. Isso que a gente fala que às vezes quando uma cidade que a gente trabalha muito isolado não sai daquilo, trabalha, trabalha, trabalha, não sai daquilo e daí que acontece. Quando ela não tem destaque, ai que acontece, ela vai desovando pra os grandes centros, porque ela não tem aquela seqüência, para ali e ela não tem seqüência que. Quando existe o adulto lá na frente tem. A gente tem sim tem várias cidades que desde 80,90 faz um trabalhinho, aí bom você pega lá um trabalho de outras cidades, Americana, Jundiaí, Osasco tem meninas que vêm de cidades pequenas porque ela se destacou ali, mas ela não conseguiu evoluir, porque não tem o processo de evolução entendeu? E não tem essa seqüência. É a mesma coisa que você chegar na escola e falar assim: “olha eu to numa escola que tem só ate a oitava serie, depois não tem mais”, então ela tem que procurar outra escola pra estudar e basquetebol é a mesma coisa. Quando não tem essa seqüência tem que desovar pra outros lugares né, então quando tem o adulto não ele vem numa seqüência né que é uma seqüência pedagógica que vem ate chegar no adulto.

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

PROJETO DE PESQUISA: Pedagogia do Esporte: um estudo da interdependência entre o esporte profissional e a iniciação esportiva, o caso do basquetebol feminino no estado de São Paulo.

RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Prof. Ylane Pinheiro Gonçalves da Silva.

ORIENTADOR: Prof. Ld. Roberto Rodrigues Paes.

Eu, _____, _____ anos de idade,
 RG _____, residente (rua, Av., bairro, CEP, cidade)

_____, *voluntariamente concordo em participar do projeto de pesquisa acima mencionado, o qual adotará os seguintes objetivos e procedimentos:*

- O objetivo das entrevistas é verificar se a presença de uma equipe profissional de sucesso nos municípios pode motivar o ingresso das crianças na modalidade em questão.
- O estudo será realizado nos municípios identificados com sede de tais equipes, sendo eles: Americana, Campinas, Guarulhos, Piracicaba, Santo André, Sorocaba, Ribeirão Preto e Ourinhos.
- As entrevistas serão realizadas em locais escolhidos pelos sujeitos, nas datas e locais de sua preferência.
- Os procedimentos aos quais os sujeitos serão submetidos consistem em entrevistas semi-estruturadas, cujas perguntas poderão ser respondidas de acordo com as preferências dos sujeitos.
- As entrevistas semi estruturadas serão gravadas, analisadas e posteriormente transcritas na íntegra no trabalho final.
- Os sujeitos terão acesso ao trabalho final e seus resultados.
- A pesquisa não apresenta riscos previsíveis para seus sujeitos. No entanto, caso aconteçam prejuízos ou danos decorrentes da participação na pesquisa estes serão reparados.
- O pesquisador se responsabiliza pelo desenvolvimento da pesquisa e estará disponível para esclarecimentos sobre a mesma antes, durante e depois dos procedimentos aplicados.
- É garantido aos sujeitos da pesquisa o direito de recusa em continuar sua participação em qualquer momento sem prejuízos para o mesmo.
- A pesquisadora se compromete em manter sigilo das informações confidenciais obtidas. É objetivo da pesquisadora manter sigilo da identidade de seus sujeitos.
- Não haverá nenhuma forma de reembolso de dinheiro, já que com a participação na pesquisa não haverá qualquer tipo de gasto.
- Todos os sujeitos ou seus responsáveis receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE).

Li e entendi as informações acima, e dúvidas futuras, que possam ocorrer, serão prontamente esclarecidas, bem como o acompanhamento dos resultados obtidos durante a coleta de dados. Aqui também autorizo as eventuais amostragens em forma de fotografias e/ou filmagens que possam ocorrer, para serem acrescentadas ao projeto e serem divulgadas em futuros congressos, simpósios, palestras e seminários, sendo respeitados os padrões éticos e morais já aprovados previamente pelo comitê de ética da

Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

Declaro concordar em fornecer as informações solicitadas, sabendo estarem garantidos os esclarecimentos que eu julgar necessários, bem como a liberdade de me recusar a participar ou retirar o consentimento, em qualquer momento, sem qualquer penalidade e/ou prejuízo.

Campinas, _____ de _____ de 2007.

Assinatura

Prof. Ylane Pinheiro G. da Silva
Pesquisadora Responsável

Prof. Ld. Roberto Rodrigues Paes
Orientador

Agradecemos a colaboração.

Prof. Ylane Pinheiro Gonalves da Silva
TEL: (19) 3207.2551 ou (19) 9139.3645
Email: ylanep@yahoo.com.br

Prof. Ld. Roberto Rodrigues Paes
TEL: 3521.6620 (Departamento de Ciência do Esporte)
E-mail: robertopaes@fef.unicamp.br
Comitê de Ética:
TEL: 3521-8936